

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel
Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola
Familiar

Tese



FAMÍLIAS GUARDIÃS DE SEMENTES CRIOULAS:
A TRADIÇÃO CONTRIBUINDO PARA A AGROBIODIVERSIDADE

Rosemeri Berguenmaier de Olanda

Pelotas, 2015.

ROSEMERI BERGUENMAIER DE OLANDA

**FAMÍLIAS GUARDIÃS DE SEMENTES CRIOULAS:
A TRADIÇÃO CONTRIBUINDO PARA A AGROBIODIVERSIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Agronomia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Jorge Amaral Bezerra

Coorientador: Pesq. Dr. Irajá Ferreira Antunes

Coorientador: Pesq. Dr. Antônio Gilberto Peripolli Bevilaqua

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O42f Olanda, Rosemeri Berguenmaier de

Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade / Rosemeri Berguenmaier de Olanda ; Antônio Jorge Amaral Bezerra, orientador ; Irajá Ferreira Antunes, Antônio Gilberto Peripolli Bevilaqua, coorientadores. — Pelotas, 2015.

154 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Agricultura tradicional. 2. Agroecologia. 3. Cultura. 4. Comida. I. Bezerra, Antônio Jorge Amaral, orient. II. Antunes, Irajá Ferreira, coorient. III. Bevilaqua, Antônio Gilberto Peripolli, coorient. IV. Título.

CDD : 631.521

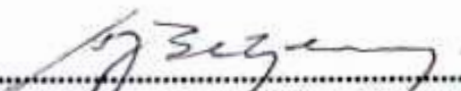
ROSEMERI BERGUENMAIER DE OLANDA

**FAMÍLIAS GUARDIÃS DE SEMENTES CRIOULAS:
A TRADIÇÃO CONTRIBUINDO PARA A AGROBIODIVERSIDADE.**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Agronomia, Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 30 de setembro de 2015.

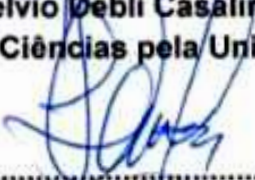
Banca examinadora:



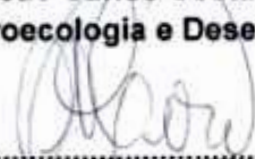
.....
Dra. Antônio Jorge Amaral Bezerra (Presidente)
Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas



.....
Prof. Dr. Hêlvio Debli Casalinho
Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas



.....
Pesq. Dr. João Carlos Costa Gomes
Doutor Agroecologia e Desenvolvimento pela Universidad de Córdoba - ES



.....
Dra. Luis Antonio Verissimo Corrêa
Doutor em Produção Vegetal pela Universidad Politécnica de Madrid – ES

*A todas as famílias que se mantêm
em resistência plantando com
sementes crioulas.*

A Mãe!

Dedico.

AGRADECIMENTOS

As famílias guardiãs de Ibarama e Tenente Portela, por acreditar em seu trabalho, mantendo e valorizando seu modo de vida. Pela receptividade, carinho e atenção que me receberam, incansáveis em tirar minhas dúvidas intermináveis.

Ao professor Bezerra, pela orientação, pelos aconselhamentos e por acreditar e me fazer acreditar no trabalho realizado.

Ao Irajá e Gilberto, pelas idas e vindas a Tenente Portela e Ibarama, e em extensão a Embrapa – Pelotas. Os quais colaboraram decisivamente nas ideias e formulação do trabalho.

Aos colegas e professores do SPAF, pela motivação e aprendizados coletivos.

As parcerias da Emater, pela compreensão e apoio no trabalho.

A Jana pela orientação antropológica do estudo e trocas de ideias, sempre iluminadoras e inspiradoras, sem as quais, as reflexões do trabalho poderiam ter tomado outro rumo.

Ao João, irmão de sempre, pelas claras conclusões às vezes imperceptíveis.

Gabi, Guga e Manu, sementes de vida e Ricardo. Pela ajuda sempre necessária. Por entender a distância e me cuidar.

Ao pai por compreender a ausência, e dizer que - se tem que fazer, tem que fazer.

RESUMO

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier. **Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade.** 2015. 155f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2015.

Muitas são as famílias agricultoras que tem permanecido na agricultura produzindo parte de suas alimentações, a qual se vincula a manutenção de sementes crioulas, como uma estratégia que possibilita certos níveis de autonomia, não unicamente econômica, mas também de tomadas de decisões, o que lhes confere segurança em permanecer enquanto família agricultora. O termo agricultores(as) guardiões(ãs) de sementes crioulas está assim denominada há poucos anos. Denominação esta que se gesta, no primeiro momento, em consequência da erosão e da contaminação genética de sementes crioulas e da perda ou apropriação indevida do conhecimento associado a elas. Com isso, a urgência de sua preservação e da construção da problemática sobre o tema, tomou corpo fundamentalmente pela a organização de quem as mantêm. A visão de 'família guardiã' que aqui quero situar, se propõe ampliar a percepção para uma organização funcional do grupo doméstico, em unidade de produção e consumo, assim como de sua prática trans-geracional de consistência auto-histórica do guardar sementes, determinante para a compreensão da reprodução de agriculturas com características tradicionais, onde se encontram as sementes crioulas em reprodução. Buscar uma abrangência inclusiva, que pode não ser percebida, por vezes, quando se recorre ao termo 'agricultor guardião', o que pode restringir um olhar as espécies cultivadas, mais identificadas ao gênero masculino, como o milho e o feijão e, a processos de seleção e conservação, numa visão tecnológica. Identificar interações sociais, culturais e econômico-produtivas, existentes entre as famílias guardiãs de sementes crioulas e as diferentes variedades que dispõem pertencentes a duas associações existentes no Rio Grande do Sul-RS, Brasil e o que podem representar para uma perspectiva de agricultura de base ecológica. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da investigação foi por uma inspiração etnográfica, e como ferramentas optou-se por: entrevistas abertas com apoio de roteiro de questões, observação participante e registro visual. O presente estudo trata das famílias guardiãs de sementes crioulas, pertencentes a duas Associações que objetivam manter, preservar e resgatar a agrobiodiversidade, nos municípios de Ibarama e Tenente Portela. Nesse sentido, as famílias guardiãs,

dotados de uma rica diversidade cultural, manipulam de formas diferenciadas um número considerável de sementes crioulas, em constante mediação com o processo da agricultura convencional, o que vem possibilitando a manutenção de diferentes espécies e variedades. Com culturas diferentes, as formas de uso, manutenção e valorização também são diferentes. Portanto, se torna imprescindível a valorização desse saber, dessas expressões de vida, o reconhecimento de que dessas advém diferentes genótipos de ampla base genética aliados a sistemas específicos de produção, de estilos de vida próprios que se perfazem no decorrer dos anos/gerações.

Palavras-chave: Agricultura tradicional, Agroecologia, Cultura, Comida.

ABSTRACT

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier. **Guardians families of landraces:** tradition contributing to agrobiodiversity. 2015. 155sh. Thesis (Ph.D.) - Graduate Program in Family Agricultural Production Systems. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brazil. 2015.

There are many farming families who have remained in agriculture producing part of their diet, which is linked to maintenance of native seeds, as a strategy that allows certain levels of autonomy, not only economic, but also decision-making, which they gives security to stay as a family farmer. The term farmers guardians of landraces is so-called a few years ago. The expression is gestated in the first time as a result of erosion and genetic contamination of landraces and the loss or misappropriation of knowledge associated with them. Thus, the urgency of their preservation and the problem of construction on the subject, took shape mainly due to the organization of those who remain. The vision of 'guardian family' that here I lie, it is proposed to expand the perception to a functional organization of the domestic group, unit of production and consumption, as well as its transgenerational practice self-historical consistency of saving seeds, crucial for understanding the reproduction of agriculture with traditional features, where the native seeds playing. Search an inclusive range, which can not be perceived, sometimes when it uses the term 'farmer guardian', which can restrict a look at the cultivated species, most identified the males, such as corn and beans, and the processes selection and conservation, a technological vision. Identify social, cultural, economic and productive interactions that exist between the guardians families of native seeds and the different varieties that come from two existing associations in Rio Grande do Sul-RS, Brazil and what they can mean for a base of agriculture perspective ecological. The methodology used for the development of research was by an ethnographic inspiration, and as tools we chose: open interviews with support issues script, participant observation and visual record. This study deals with guardian families of native seeds, belonging to two associations that aim to maintain, preserve and restore the agro-biodiversity in the municipalities of Ibarama and Tenente Portela. In this sense, the guardians families, endowed with a rich cultural diversity, different ways of handling a large number of native seeds in constant mediation with the process of conventional agriculture, which has enabled the maintenance of different species and varieties. With different cultures, forms of use, maintenance and recovery are also different. So if the value of this knowledge is

essential, these expressions of life, the recognition that comes these different genotypes of broad-based genetic allies to specific production systems, its own life styles that make up over the years / generations.

Keywords: Tradicional Agriculture, Agroecology, Culture, Food.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa do Rio Grande do Sul com indicação dos municípios pesquisados	28
Figura 02 - Família guardiã com suas variedades de milho	67
Figura 03 - Guardiã mirim com a moranga engarupada	75
Figura 04 - Guardiões mirins apresentando sementes	77
Figura 05 - Professora e guardiã mirim apresentando sementes	77
Figura 06 - Policultivo de mandiocas, oliveira, vassoura e milho	96
Figura 07 - Feijão na soca do fumo, ao lado da lavoura de milho	98
Figura 08 - Seleção de espigas de milho caiano para tratar animais e fazer a semente	105
Figura 09 - Colheita de pepino, em área próxima a lavoura	109
Figura 10 - Demonstração da variabilidade do milho Sertanejo	111
Figura 11 - Cebola em molho, Ibarama	114
Figura 12 - Cebola em réstia, Tenente Portela	114
Figura 13 - Esquema do sistema milho Caiano x porco e atribuições no espaço casa (mulher) e roça (homem)	116
Figura 14 - Preparo de semente de alho e cebola de família	119
Figura 15 - Colheita de melão e batata-doce	122

Figura 16 -	Representação de Sistema Alimentar Autogestionário do Espaço da Casa	123
Figura 17 -	Família guardiã na produção de cucas para serem ofertadas à festa da comunidade	130
Figura 18 -	Reunião de avaliação do projeto com Embrapa e Secretaria municipal da AGABIO	131
Figura 19 -	Família guardiã e a produção de artesanato com palha de trigo e de milho, Tenente Portela	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Produto agrícola anual de Ibarama, RS	45
Tabela 02 - Produto agrícola anual de Tenente Portela, RS	52
Tabela 03 - Origem de diversas espécies de sementes mantidas pelas famílias guardiãs de Ibarama, RS. 2014	72
Tabela 04 - Origem de diversas espécies e número de variedades de sementes mantidas pelas famílias guardiãs de Tenente Portela, RS. 2014	84
Tabela 05 - Identificação do número de famílias e variedades crioulas, por comunidade, em três anos, na AGABIO, Tenente Portela, RS	89
Tabela 06 - Dados das variedades crioulas de milho presentes em cinco famílias guardiãs de sementes crioulas. Tenente Portela (RS), 2014	90
Tabela 07 - Esquema das etapas e métodos de seleção das sementes e plantas de milho em Ibarama, RS. 2014	100
Tabela 08 - Esquema das etapas e método de seleção das sementes e plantas de milho, utilizadas pelas famílias guardiãs de Tenente Portela, RS. 2014	106
Tabela 09 - Características observadas na seleção de diferentes variedades de milho em Ibarama, RS. 2014.....	112
Tabela 10 - Produtos obtidos do milho com variedades específicas	115

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01** - Esquema temporal da trajetória, atores e inovações ocorridas em Ibarama, RS, antes e após a Associação dos Guardiões. 2014 132
- Quadro 02** - Esquema temporal da trajetória, atores e inovações ocorridas em Tenente Portela, RS, antes e após a Associação dos Guardiões. 2014. 133

LISTA DE SIGLAS

AGABIO	Associação dos Agricultores Guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela-RS
AGSCI	Associação dos Guardiões de Sementes Crioulas de Ibarama
CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
COMIN	Conselho de Missão Entre Povos Indígenas
DPI	Direito de Propriedade Intelectual
DMADR	Departamento Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FDL	Comissão Luterana de Diaconia
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
OGM	Organismo Geneticamente Modificado
PPGSPAF	Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar

RS Rio Grande do Sul

STR Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UFPEL Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Identificando o problema	20
1.2 Os objetivos	23
1.2.1 Objetivo Geral.....	23
1.2.2 Objetivos Específicos	23
1.3 Construindo a metodologia	25
1.3.1 Descrição do percurso metodológico.....	29
1.3.1.1 Pesquisa no município de Ibarama	29
1.3.1.2 Pesquisa no município de Tenente Portela.....	30
2 UM BREVE HISTÓRICO DA AGRICULTURA: DA AGRICULTURA TRADICIONAL À AGRICULTURA CONVENCIONAL	33
2.1 Partindo de constatações do que foi ouvido/vivido em Ibarama	43
2.2 Do que foi ouvido/vivido no município de Tenente Portela	50
3 O SIGNIFICADO DO “SER” FAMÍLIA GUARDIÃ DE SEMENTES CRIOULAS	57
3.1 Considerando as sementes crioulas	65
3.2 Famílias guardiãs de Ibarama.....	69
3.2.1 Entendendo as famílias guardiãs de Ibarama.....	69

3.2.2 Associação dos Guardiões das Sementes Crioula de Ibarama	78
3.3 As famílias guardiãs de Tenente Portela	80
3.3.1 Entendendo as famílias Guardiãs de Tenente Portela.....	80
3.3.2 Associação dos Guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela- AGABIO.....	87
4 O SISTEMA DE PRODUÇÃO DAS FAMÍLIAS GUARDIÃS: QUE LEVA A PRESERVAÇÃO DAS SEMENTES	91
4.1 Sistema de produção de sementes em Ibarama	95
4.1.1 Produzindo grãos e selecionando sementes	95
4.2 Sistema de produção de sementes crioulas em Tenente Portela	102
4.2.1 Produzindo grãos e selecionando sementes	102
5 FAMÍLIA GUARDIÃ E A AGROBIODIVERSIDADE	108
5.1 A família guardiã melhorando as sementes e enriquecendo a agrobiodiversidade	108
5.2 A comida e a manutenção das sementes crioulas - segurança alimentar ..	113
5.2.1 Assegurando a segurança alimentar um dos valores do trabalho das mulheres – em reconhecimento	117
5.3 Caminhos construídos com as sementes crioulas	123
5.3.1 Reciprocidade	123
5.3.2 Redes Sociotécnicas	129
5.3.3 Sementes crioulas por uma agricultura de base ecológica	134
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SEMENTES CRIOULAS ALÉM DA PRODUÇÃO PROPRIAMENTE DITA	139
REFERÊNCIAS	144
APÊNDICES	153

1 INTRODUÇÃO

“Sementes! Só do galpão”.

O presente estudo trata das famílias guardiãs de sementes crioulas, pertencentes a duas Associações que objetivam contribuir para a manutenção, preservação e resgate da agrobiodiversidade, nos municípios de Ibarama e Tenente Portela. O interesse pelo tema está ligado à minha vida acadêmica e profissional. No curso de agronomia, realizado na Universidade Federal de Pelotas no início da década de 90, um dos temas que mobilizava era a agricultura alternativa, onde a defesa das sementes crioulas e as práticas da agricultura tradicional estavam presentes; assim como a crítica ferrenha a agricultura convencional, que enquadrava a diversidade dos ‘fazer agricultura’, direcionando-as a um funil de caracterização modernizante, pela industrialização de seus produtos.

Tão logo concluído o curso de agronomia, minha ação profissional se direcionou ao trabalho junto aos assentamentos de reforma agrária, período que se estende entre meados dos anos de 1995 até 2009. O tema sementes crioulas sempre foi um assunto inquietante, a perturbar e orientar minha prática e idéias. Naquele período, a proposta de desenvolver uma prática de agricultura mais próxima a realidades das famílias agricultoras levou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, em nível de Estado do Rio Grande do Sul (RS), no ano de 1997, a definir cinco linhas prioritárias de atuação na produção, são elas: produção de alimentos, agroecologia, sementes, mercado solidário, trabalho com mulheres e jovens. A partir dessa definição o resgate e a valorização das sementes crioulas

passaram a ser pauta de reuniões e definição de ação, de organização de feiras, de promover a troca de sementes entre as famílias e, sobretudo, de enxergá-las enquanto estratégia de resistência das famílias assentadas, vinculando as sementes à produção de comida.

Desde então, essas definições consolidavam um pensamento de contraposição a adoção de sementes transgênicas que vinham com muita força, mesmo que clandestinamente naquela época. Nos últimos anos, o acirramento das contradições entre as sementes livres e as sementes privadas configura um novo campo de disputa. Momento histórico aonde, famílias agricultoras com tradição na manutenção de sementes crioulas, vêm crescentemente se mobilizando; sejam em movimentos sociais, a exemplo da Via Campesina, que desde 2002 encampa a campanha, intitulada “Sementes Crioulas Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade”, como também, em ações localizadas, através de associações, cooperativas, grupos informais, trabalhos em escolas, entre outros, a exemplo da Associação dos Guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela e da Associação dos Guardiões de Sementes Crioulas de Ibarama, as quais serão um dos focos do presente trabalho.

A inspiração do mestrado ocorreu pelo surgimento do Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (SPAF) em 2006, o qual se propunha interdisciplinar. Naquele período, vinculei a proposta de pesquisa com o trabalho de extensão rural que realizava. O estudo foi direcionado a produção de sementes de trevo vesiculoso como alternativa econômica para as famílias do Assentamento Chasqueiro, em Arroio Grande-RS. Porém, a instigação maior, eram as sementes crioulas, e por esse motivo desde o mestrado, criou-se vínculo através de projeto desenvolvido pela Embrapa Clima Temperado nessa área.

Quando ocorreu a oportunidade de realizar o doutorado não havia dúvidas quanto o caminho a seguir. Mantive a participação no projeto de pesquisa da Embrapa, com a orientação do pesquisador Irajá Ferreira Antunes, que posteriormente, por motivos legais do curso, passa a coorientação. A instigação pelo tema levou a definir a proposta de compreender o contexto das sementes crioulas e as famílias que as mantinham por gerações. E, também, do reconhecimento de sua importância e valorização; não somente enquanto preservadores da agrobiodiversidade e com isso de genótipos, alguns imprescindíveis para programas

de melhoramento. Mas, sobretudo o olhar sobre a tradição, os costumes que levam a preservar as sementes crioulas e um modo de vida próprio.

As disciplinas cursadas na pós-graduação do curso de antropologia, na Universidade Federal de Pelotas, foram determinantes para aprimorar os aspectos metodológicos que dessem conta da proposta de estudo. Assim como, lapidar minha experiência de extensionista, agora como pesquisadora de realidades, que mostram a prática do uso familiar das sementes crioulas. Nesse sentido, a vivência com as famílias foi de extrema importância, sem a qual, o vínculo necessário para uma abordagem sócio antropológica ao estudo não teria sido possível. O vivenciar, o participar faz parte do escopo metodológico da etnografia, que possibilitou entender e considerar a necessidade do reconhecimento da categoria de família guardiã para a manutenção de sementes crioulas.

Esta definição foi sendo percebida, no decorrer do trabalho de campo, ao entender que, o uso, a manutenção e a (re)produção de sementes crioulas, tem em sua gênese, o conhecimento acumulado, de um saber fazer, apreendido e transmitido, em especial, através das sucessões familiares, pelas gerações. As famílias guardiãs chegam aos dias atuais, trazendo particularidades em seus jeitos de fazer as agriculturas. Elas acreditam no potencial das sementes crioulas, a quem atribuem uma importância fundamental que leva a mantê-las em reprodução, em estreita relação com a comida. O manter as sementes crioulas, exige uma série de práticas e procedimentos organizados no sistema de reprodução social da família, orientados pela tradição, que se mantém por recriações.

A visão de 'família guardiã' que aqui quero situar propõe ampliar a percepção para uma organização funcional do grupo doméstico, em unidade de produção e consumo e que mantém uma tradição trans-geracional, determinante para a compreensão da reprodução de agriculturas com características tradicionais, onde se encontram as sementes crioulas. Pensar a 'família guardiã' no sentido de uma categoria abrangente, que pode não ser percebida, por vezes, quando se recorre ao termo 'agricultor guardião'. Tendo em vista que ao utilizar o termo 'agricultor guardião' pode-se restringir um olhar as espécies cultivadas, mais identificadas ao gênero masculino, como o milho e o feijão e, a processos de seleção e conservação, numa visão tecnológica. A busca é de entender que o manter sementes crioulas está ligada a sua tradição, que respeita uma organização familiar e uma relação de comunidade, e que tem uma estreita relação com a produção de comida.

Assim, com o olhar inspirado na antropologia, busco pensar outras percepções que englobam a produtiva propriamente dita, como a alimentação, relações de reciprocidade e de redes sociotécnicas, que acabam muitas vezes justificando o porquê de guardar sementes.

O termo agricultores(as) guardiões(ãs) de sementes crioulas está assim denominado há poucos anos e não perfeitamente delimitados (BEVILAQUA et al, 2014) . Denominação esta que se gesta, no primeiro momento, em consequência da erosão e da contaminação genética de sementes crioulas e da perda ou apropriação indevida do conhecimento associado a elas. Com isso, a urgência de sua preservação e da construção da problemática sobre o tema, tomou corpo fundamentalmente pela organização de quem as mantêm, por organizações sociais, ONGs, universidades, centros de pesquisa. O que foi de fundamental importância para trazer a luz da sociedade civil e organizada, questões de expropriação e degradação ambiental e cultural.

1.1 Identificando o problema

O predomínio do modelo da agricultura convencional nos remete em especial, as décadas de 1960-70 do processo da Revolução Verde em curso no Brasil. Até àquele período não existiam sementes em comercialização e, a circulação era baseada em livres trocas, relações de reciprocidades. As sementes se perpetuavam em circulação, coevoluindo a cada ciclo nas diferentes comunidades, todas as famílias as tinham, tanto pelo processo de reprodução, como de reciprocidade.

Enquanto uma proposta globalizada de desenvolvimento para a agricultura, a RV desconsiderava a diversidade das condições de vida e trabalho das populações rurais. Considerando dados mais gerais trazidos por Mayozer e Roudart (1997), apontam para uma população agrícola mundial em torno de 3 bilhões, sendo 1,3 bilhões de população ativa. Estimam que, um terço da população ativa não utiliza as tecnologias geradas pela revolução verde e, que nos outros dois terços, a maior parte do trabalho é realizado com tração animal e/ou ferramentas manuais. Vários autores, manifestam que as sementes crioulas se encontram em mãos de famílias agricultoras que as mantêm, há quem os considere pesquisadores (CAMPOS,

2007). Andrioli e Fuchs (2008:47) trazem a informação de que 1,4 bilhões de agricultores têm a base de suas sobrevivências em livres trocas de sementes.

As sucessivas tecnologias desenvolvidas, no caso brasileiro e mundial, além de não terem solucionado o problema da fome, apesar de elevar consideravelmente a produtividade dos cultivos, levou a exclusão uma parcela significativa de famílias agricultoras com pouca terra ou sem terra e de trabalhadores rurais. E com elas, seus conhecimentos e suas sementes, comprometendo a diversidade dos sistemas agrícolas e a agrobiodiversidade.

Neste contexto geral da semente se justificam a categoria ‘família guardiã’, que trata de entender com profundidade as relações que se estabelecem em vistas a preservação da agrobiodiversidade e o conhecimento associado a ela.

O fato de combinar ações para a multiplicação de sementes, utilizando critérios definidos para cada espécie, mostra a especialidade e a capacidade seletiva na obtenção de sementes que desejam, ou seja, que atendam as suas necessidades, o que leve permanentemente ampliar a sua diversidade.

Os processos de organização das famílias guardiãs, a exemplo das Associações de Tenente Portela e de Ibarama, vêm possibilitando a ocupação e criação de espaços sociais, políticos e econômicos dando maior visibilidade não somente a estas famílias guardiãs e suas sementes, mas também, a possibilidade de autonomia frente ao modelo dominante de agricultura convencional, que impõe o consumo de insumos e também de alimentos industrializados. Neste preâmbulo aglutinam-se aí, outras forças e vozes, como acadêmicos, professores, pesquisadores, políticos, advogados, consumidores, e também, representações de instituições de ensino, pesquisa e extensão rural, que se associam a interesses comuns, a exemplo do alimento saudável, ao respeito das culturas tradicionais, a luta contra os agrotóxicos e transgênicos e a defesa das sementes crioulas.

Muitas são as famílias agricultoras que tem permanecido na agricultura produzindo parte de sua alimentação, a qual se vincula a manutenção de sementes crioulas, como uma estratégia que possibilita certos níveis de autonomia, não unicamente econômica, mas também de tomadas de decisões, o que lhes confere segurança em permanecer enquanto família agricultora. A gestão da atividade agrícola é mais leve, mais fluída, no sentido de que não é necessário estabelecer relações mercantis para realizar determinadas atividades, e produzir a comida, por

exemplo. O não necessitar comprar sementes para produzir e dali obter o que comer e alimentar o sistema da propriedade é de fundamental importância.

O manter as sementes crioulas e com esta certa autonomia, tem representado uma crescente noção de resistência, devido principalmente a oportunidade de produzir comida. A categoria família guardiã se encaixa justamente neste ponto, a de autonomia e de resistência. Porém, outro fator os leva entrar em cena – a organização. De onde foi possível buscar o reconhecimento, sair da invisibilidade e ocupar um espaço que territorializa e demarca a existência de um ‘fazer agricultura’ oriundo de sua trajetória de vida. Ou seja, uma vida de produção que lhes confere entre outras coisas, a felicidade e relação de aproximação com o ambiente natural, no cultivar a terra. Que não separa o cultural e a técnica, a cultura e o ambiente, o que faz toda a diferença no pensar o desenvolver o espaço rural.

Nas últimas duas décadas, estas famílias têm se feito reconhecer, muito em função de suas organizações sociais, apesar disso seu modo de trabalhar, realizando parte das atividades com tração animal, às vezes plantando com máquina manual (saraquá/pica-pau/matraca), usando enxadas para as capinas, utilizando sementes crioulas, consumindo alimentos plantados por estes, acabam sendo falsamente estereotipados na visão do moderno. Cabendo trazer ao debate a dicotomia dos distintos modelos de fazer a agricultura e de viver no rural e, aqui me refiro à noção da agricultura convencional de um lado e da agricultura de base ecológica de outro, a qual será abordada em espaço específico no presente trabalho.

Nesse sentido, as famílias guardiãs, dotados de uma rica diversidade cultural, manipulam de formas diferenciadas um número considerável de sementes crioulas, em constante mediação com o processo da agricultura convencional, o que vem possibilitando a manutenção de diferentes espécies e variedades. Com culturas diferentes, as formas de uso, manutenção e valorização também são diferentes. Portanto, se torna imprescindível a valorização desse saber, dessas expressões de vida, o reconhecimento de que dessas advém diferentes genótipos de ampla base genética aliados a sistemas específicos de produção, de estilos de vida próprios que se perfazem no decorrer dos anos/gerações. Um pouco dessa realidade diversa das famílias guardiãs de sementes crioulas, será objeto de análise.

1.2 Os objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar interações sociais, culturais e econômico-produtivas existentes entre as famílias guardiãs de sementes crioulas, e as diferentes variedades que dispõem, pertencentes a duas associações existentes no Rio Grande do Sul-RS, e o que podem representar para uma perspectiva de agricultura de base ecológica.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a)** Entender as famílias guardiãs de sementes crioulas considerando os aspectos organizativos e socioculturais na produção e manutenção das sementes, nos distintos ambientes;
- b)** Inventariar a biodiversidade de sementes crioulas conservadas in situ pelas famílias guardiãs, identificando espécies e variedades e suas origens, existentes em duas regiões de clima subtropical;
- c)** Identificar as contradições e dificuldades enfrentadas para manter as sementes crioulas numa situação onde predomina a agricultura convencional;
- d)** Identificar/caracterizar formas de organização que tem possibilitado a manutenção das sementes crioulas.

Para dar conta de alcançar os objetivos propostos, o presente trabalho está organizado em seis capítulos. O primeiro capítulo situa a problemática do tema famílias guardiãs e sementes crioula, os caminhos empíricos/metodológicos seguidos e a primeira aproximação com o campo de estudos.

O segundo capítulo faz uma retrospectiva no tempo, traçando um breve histórico do desenvolvimento da agricultura, no RS. Identifica um pouco da agricultura tradicional indígena, após, aborda o processo de colonização pelos imigrantes europeus e de como isso tudo vai dialogando com a agricultura convencional, impulsionada definitivamente com a revolução verde, chegando aos dias atuais. Na segunda parte, mira um olhar para o desenvolvimento dos municípios de Ibarama e Tenente Portela, toma em especial, as narrativas das trajetórias de vida das famílias, considerando o que se apresentou significativo para elas.

O terceiro capítulo descreve sobre o ser família guardiã de sementes crioulas. Procura fundamentar a utilização da categoria 'família guardiã' com o aporte antropológico, e posteriormente, faz a aproximação com as famílias guardiãs de Ibarama e de sua Associação, seguida da aproximação com as famílias guardiãs de Tenente Portela e de sua Associação. A análise toma por base a trajetória das famílias guardiãs e de suas relações com as sementes crioulas e convencionais, e também, identifica o processo de organização das associações e de sua importância para a consolidação da identidade da família guardiã de sementes crioulas e de sua importância para a preservação da agrobiodiversidade.

No quarto capítulo examina o 'sistema de produção que leva a manter as sementes crioulas'. Primeiro, apresenta o campo de estudo, retratando a região onde se insere o município de Ibarama. Na segunda parte, o processo de seleção das sementes crioulas é identificado conjuntamente com o entendimento de sua aplicação e dos resultados que dali advém, com relação às sementes crioulas. Posteriormente é utilizada a mesma sequência de abordagem supracitada, para o município de Tenente Portela.

O quinto capítulo estabelece a relação da família guardião com as sementes crioulas, dividido em três partes. Primeiro, identifica a família guardiã como melhoradora de sementes crioulas, enquanto um ato corriqueiro de seu ofício e de um melhoramento intencional, adequando as sementes às suas necessidades. No segundo subcapítulo, as relações estabelecidas entre a comida e a manutenção das sementes trás os espaços de produção e consumo, como complementares tanto do cuidado e manutenção das sementes, como da produção da comida. E no terceiro, identifica os caminhos construídos com as sementes crioulas, através das relações

sociotécnicas. E na última parte, aponta para uma relação dependente entre sementes crioulas e da agricultura de base ecológica.

No sexto capítulo são retomadas as principais reflexões abordadas no decorrer do estudo.

1.3 Construindo a metodologia

No período de 2011 até o presente, participando de projetos de pesquisa desenvolvidos pela Embrapa Clima Temperado no âmbito das sementes crioulas e guardiões de sementes, existentes desde 2006, optou-se pela proposta de compreender o universo sociocultural das famílias guardiãs de sementes crioulas. O desafio se propôs maior que as limitações teóricas no campo das ciências sociais e antropológicas.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da investigação foi por uma inspiração etnográfica, e como ferramentas optou-se por entrevistas com apoio de roteiro de questões (Apêndice 1), observação participante, áudio e registro visual. Com o roteiro de questões procurei seguir a trajetória de vida das famílias, procurando entender as relações estabelecidas com as sementes crioulas no transcorrer dos anos.

A compreensão do fato empírico, de forma a garantir suas peculiaridades, foi uma das intenções. Para isso, seguir o caminho descrito pelas famílias, identificando o significado dos principais eventos que organizam seu sistema produtivo e alimentar a partir das sementes crioulas em suas trajetórias, foi um desafio. Apesar da distância geográfica que me separava do campo de estudo, não faltou afinidade, para que pudesse adentrar no mundo das famílias.

Na caminhada, buscou-se compreender o problema de pesquisa a partir da inspiração etnográfica o qual ordenou o foco para entender a família guardiã de sementes crioulas, desde as primeiras incursões a campo e levantamentos de dados. Para Geertz (1989), é necessário estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, identificar genealogias, mapear campos e utilizar o diário de campo. Nesse período foram realizadas visitas as famílias das duas

associações, onde foi possível vivenciar um pouco de suas realidades como também conhecer seus processos organizativos.

Um dos resultados das primeiras idas a campo foi à definição de privilegiar a visão das famílias como as únicas informantes do estudo, devido ao fato de que a produção de sementes crioulas se dá no decorrer de suas vidas por determinações técnicas impregnadas de tradição e cultura, construídas socialmente por gerações. A partir disso, procurei fazer uma retrospectiva, de suas vivências no que tange o processo da reprodução familiar.

Por vezes, não sabia bem até que ponto seguia o roteiro de questões ou me deixava levar, viajando por um mundo que não era meu, mas que ao mesmo tempo me envolvia. A etnografia possibilita vivenciar, um o mundo do outro, como aponta Brandão (2007, p.12) “o trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem e realizam”.

Apesar de anteriormente ter lido Wagner (2010) de que o compreender uma cultura visa à relatividade cultural, pois ao mesmo tempo incorpora-se a cultura do antropólogo e a cultura com quem está se relacionando, como o resultado de um encontro e de uma experiência, não tinha noção da experiência em si, de etnografar, e de como esse *sentir-se* se objetivaria na reflexão e escrita.

[...] a antropologia sempre é necessariamente mediadora, esteja ou não consciente das implicações disso; a cultura, como o termo mediador, é uma maneira de descrever outros como descreveríamos a nós mesmos, e vice-versa. Uma autêntica metaforização dos diversos fenômenos da vida e do pensamento humanos em termos de nossa noção de “cultura” necessariamente tem de passar pela invenção criativa que manifestamos no ato de estudar um outro povo. (WAGNER, 2010, p. 97).

Nesse sentido o método etnográfico incorpora a vivência entre o pesquisador e o público com o qual interage. A análise intelectual, na leitura antropológica, segundo Oliveira (1998), se complementa por três momentos o olhar, o ouvir e o escrever. Apesar de buscar cercar, compreender o vivenciado, com olhos e ouvidos afinados nos trabalhos de campo, traduzir o escutado e o experimentado, para o ato da escrita, me é perturbador

Se o olhar e o ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo - atividade que os antropólogos designam pela expressão inglesa *fieldwork* -, é, seguramente, no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a

questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica. (OLIVEIRA, 1996, p. 25).

O amadurecimento das ideias, transportadas para a escrita, é de uma reflexão teórica da conjunção sobre o que me ensinaram, sobre o que escutei e observei, mesclada com a base teórica, com minha percepção de vida, com o entendimento que tenho sobre o mundo.

O observar é um fundamento, um instrumento de análise da realidade que se percebe. Por isso o andar pelas lavouras, o olhar e o conversar sobre suas práticas de produção perseguindo um entendimento, foi-me elucidativo. É uma forma de interação com o ambiente, de co-participação. De acordo com Oliveira (2012),

Na observação participante, o pesquisador deve interagir com o contexto pesquisado, ou seja, deve estabelecer uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo (OLIVEIRA, 2012, p. 81).

A opção metodológica, o acúmulo teórico e o amadurecimento do trabalho empírico, levaram a reflexão que ampliaram à percepção do objeto de estudo, o que era foco inicial de 'agricultor guardião' passa para a 'família guardiã'; na compreensão de que este ser guardião se materializa na constituição familiar, portanto estarei retratando no presente estudo a 'família guardiã'. Alguns fatos vivenciados que condicionaram esta definição podem ser citados como o exemplo das conversas conjuntas com o casal, e filhos quando presentes, pela complementaridade das narrativas e pela identificação da origem e do manuseio das diferentes espécies de sementes. Assim também, as saídas nas lavouras, quando com a participação das mulheres, os primeiros espaços visitados eram as áreas de horta e proximidades da casa, já quando, somente com os homens o privilégio foi às lavouras de milho.

A pesquisa foi realizada com famílias pertencentes a Associação dos Guardiões de Sementes Crioulas de Ibarama- AGSCI, localizada no município de Ibarama e da Associação dos guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela- AGABIO, localizada no município de Tenente Portela, que tem como objetivos a manutenção e o resgate de sementes crioulas (Figura 01).

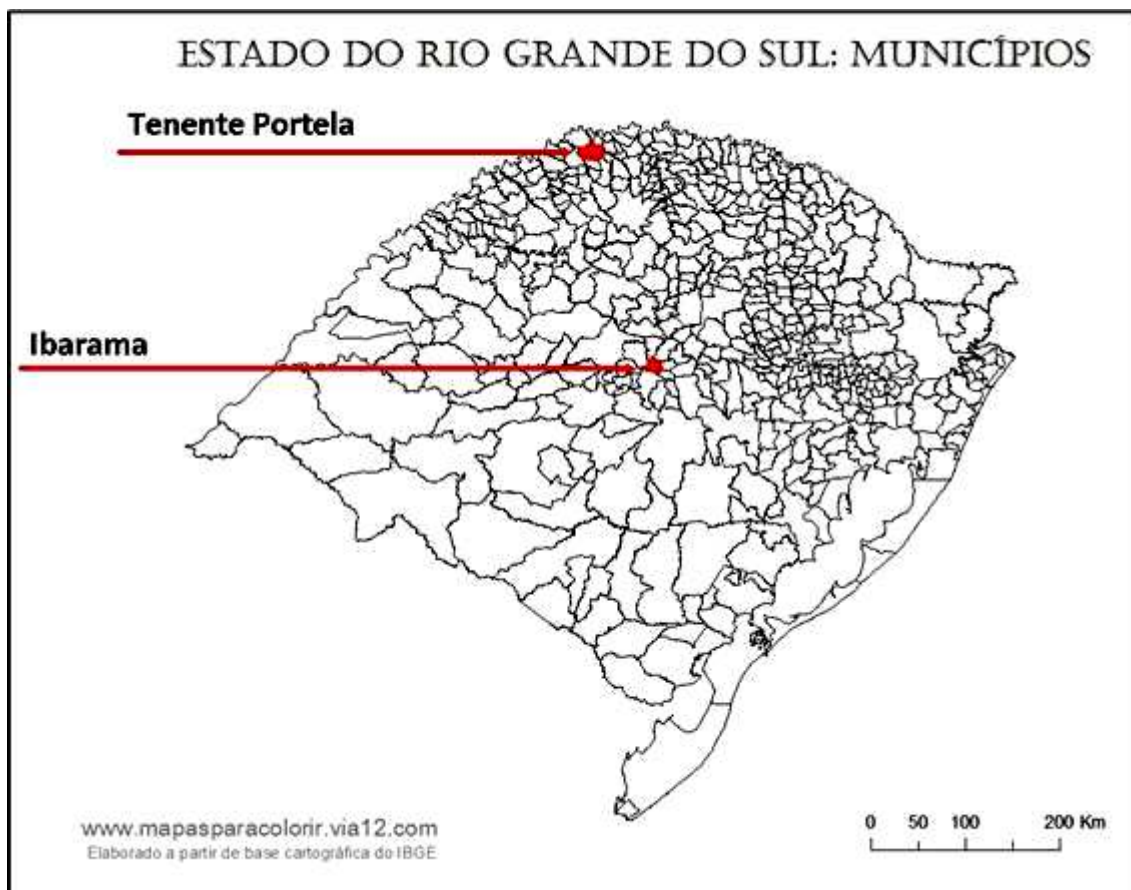


Figura 01 - Mapa do Estado do Rio Grande do Sul, com destaque dos Municípios de Tenente Portela, Ibarama.

Fonte: Mapas para colorir, a partir de dados do IBGE.

As narrativas escutadas, de trajetórias das famílias, remontam fatos de vidas sociais de uma época, que ajudam compreender suas histórias e o momento atual em cada tempo e espaço. As lembranças seriam da ordem da coletividade, são compartilhadas e coletivas, lembrança sempre estaria associada a quadros sociais, onde a memória individual seria um ponto de vista da memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Nesse sentido também se identificou complementaridade entre as narrativas das diferentes famílias em cada município, fundamentando as relações sociais de cada momento vivido.

Na perspectiva de Ricoeur (1994) em “Tempo e Narrativa”, a narrativa recria o vivido, a história, as experiências se reelaboram na condição de narrativa. E identifica nas narrativas, três níveis temporais na relação entre a ação e o tempo: prefiguração (nível vivido e da experiência), configuração (acontece por meio da configuração

simbólica) e reconfiguração ou alteridade (através da comunicação de uma experiência). Nessa perspectiva que o escutar o vivido/vivenciado das trajetórias de vida das famílias, possibilitou entender a manutenção de sementes crioulas no decorrer do tempo, chegando ao momento presente.

1.3.1 Descrição do percurso metodológico

1.3.1.1 Pesquisa no município de Ibarama

O município de Ibarama situa-se na microrregião Centro-Serra, no Vale do Rio Pardo, e tem sua economia baseada na agropecuária, onde 75% da população se encontra no meio rural. A agricultura tipicamente familiar, com áreas de tamanho médio de 23ha, o predomínio da produção é com as culturas de fumo, milho, feijão, fruticultura e hortigranjeiros. Está inserido no bioma de mata atlântica, onde mais de 30% da área do município é coberta por floresta. Os solos são associações Ciríaco-Charrua, com declividade acentuada e afloramento de rochas. Identifica-se nas lavouras, uma quantidade grande de pedras de coloração escura, que segundo as famílias vão quebrando com o uso do trator.

Para a realização do estudo participaram famílias agricultoras ligadas a Associação dos Guardiões das Sementes Crioulas de Ibarama. A aproximação com as famílias foi oportunizada pela Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/RS-ASCAR, instituição que tem um trabalho focado na organização dos guardiões de sementes e na produção de sementes desde o final da década de 90. O município também é um dos pioneiros no trabalho organizado com sementes crioulas no Estado. As famílias agricultoras juntamente com técnicos da Emater, o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa (EMBRAPA) pesquisaram e resgataram diferentes espécies de sementes de milho crioulo no final dos anos 80. Atualmente, o município de Ibarama é referência no cultivo de sementes crioulas. As famílias lembram que, no final da década de 80, foi realizada uma pesquisa com a Embrapa e Emater objetivando avaliar

variedades de milho crioulo, o qual aconteceu também em outras regiões e Estados do Brasil. As variedades eram semeadas pelas famílias e avaliadas sua adaptabilidade.

No município de Ibarama, a relação com as famílias enfocando questões socioculturais, iniciou em 2011. A escolha das famílias que viriam fazer parte da pesquisa foi uma indicação do técnico da Emater e a diretoria da Associação. Foram então, identificadas quatro famílias, significando 15% dos sócios, que passaram a fazer parte da pesquisa e estarão identificadas no estudo como FG1, FG2, FG3 e FG4 respeitando uma ordem cronológica de idade, ou seja, a família com o casal de mais idade está identificada como FG1 seguindo a sequência até a FG4 que é o mais jovem.

Por ocasião de uma das visitas no município, foi realizada a primeira reunião para tratar sobre o estudo do tema em questão, com a presença de dois pesquisadores da Embrapa – Pelotas, que desenvolvem projeto no âmbito das sementes crioulas. Nesse primeiro contato, foi apresentada a proposta da pesquisa e seus objetivos, e também, acordados os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do estudo. Na conversa coletiva do grupo, foram socializadas as primeiras informações sobre suas sementes e seus usos.

As visitas nas casas das famílias ocorreram nos anos de 2012, 2013 e 2015. Nos dois últimos anos foi possível permanecer por aproximadamente um dia e meio na casa das famílias.

Também, desde 2011 venho participando do Dia da Troca de Sementes Crioulas que ocorrem anualmente na segunda sexta-feira do mês de agosto.

Outros momentos de aproximação, também importantes, foram seminários e feiras de sementes fora do município de Ibarama. Os dois primeiros anos possibilitaram estabelecer uma relação de confiança e compromisso com as famílias e os propósitos do estudo em questão, servindo de base para o processo que se seguiu nos próximos anos.

1.3.1.2 Pesquisa no município de Tenente Portela

O município de Tenente Portela está localizado na latitude sul de 27°20' a 27°25' e longitude oeste de 53°40' a 53°55' (PMTP, 2015), fazendo fronteira com a Argentina. Pertencendo a região do Alto Uruguai, onde se encontra floresta latifoliada, com pinhais

entrelaçados com campos (UFSM/SEMA-RS, 2015), abriga uma parte considerável da população indígena do RS, que circulam entre os dois países, desmistificando fronteiras. Os solos são predominantemente latossolos vermelhos (STRECK et al., 2008), onde a monocultura de soja se estendem em campos que antes eram florestas, em contraposição as pequenas propriedades de produção diversificada.

Tenente Portela foi um dos municípios no Estado que impulsionou o debate e o reconhecimento da importância das sementes crioulas e de sistemas produtivos alternativos à agricultura convencional, e se caracteriza como um importante espaço de estudo para a compreensão da pesquisa.

Participaram do estudo as famílias guardiãs da Associação dos Guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela - AGABIO. O contato inicial com as famílias foi realizado por intermédio do Departamento Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (DMADR), o qual tem um sólido envolvimento com a AGABIO, desde a motivação de sua fundação. Junto com a diretoria da Associação, houve a indicação de quatro famílias como referência na produção de sementes crioulas para as primeiras visitas e com as quais se iniciou a pesquisa. Passado um ano, uma quinta família foi incorporada no estudo, significando 15% dos sócios.

As famílias estarão identificadas como FG5, FG6, FG7, FG8, FG9, respeitando uma ordem cronológica de idade, ou seja, a família com o casal de mais idade está identificada como FG5 seguindo a sequência até a FG9 que é a mais nova.

Em Tenente Portela estive por duas ocasiões nas casas das famílias guardiãs. A primeira aproximação foi em 2012, tendo permanecido por algumas horas junto às famílias. Nesse dia além de entrevista, guiada por roteiro de questões, também foi possível visitar as roças e conhecer os sistemas de produção (vegetais e animais) o que possibilitou entender um pouco de suas práticas e complementar a entrevista anteriormente realizada. Também, nessa ocasião, estive participando de reunião da associação, onde fui apresentada para os integrantes da associação que se faziam presentes.

Em 2014, realizei a segunda incursão a campo, quando foi possível permanecer nas casas das famílias.

É interessante mencionar que nas saídas à roça, era levada pelos homens e, no primeiro impulso, para as lavouras de milho e feijão. Enquanto isso as mulheres se ocupavam com o trabalho de casa. Diferente do que ocorreu em Ibarama.

Também estive por mais duas ocasiões no município em virtude de participar do Seminário Sementes Patrimônio Sócio-Cultural, que vem ocorrendo anualmente, geralmente no mês de junho.

Assim, em Tenente Portela e Ibarama, procurar-se-á no processo dialógico estabelecer três recortes. O primeiro formulando o contexto antes das primeiras interferências do processo de modernização da agricultura. O segundo, período de influência da modernização da agricultura e o terceiro a partir do processo de organização das famílias em função das sementes crioulas o que culmina na constituição das associações. Estes recortes possibilitaram identificar, a permanência ou não de práticas tradicionais na trajetória das famílias.

2 UM BREVE HISTÓRICO DA AGRICULTURA: DA AGRICULTURA TRADICIONAL À AGRICULTURA CONVENCIONAL

Esse capítulo tratará do processo de desenvolvimento da agricultura no Estado do Rio Grande do Sul- RS, considerando dois enfoques. Primeiro, uma abordagem do contexto mais geral do Estado e, posteriormente, um recorte nos municípios de Ibarama e de Tenente Portela, considerando as trajetórias vivenciadas pelas famílias guardiãs, em especial no que se refere às sementes crioulas e convencionais.

A agricultura tradicional é concebida como aquela desenvolvida pelos povos indígenas, quilombolas e famílias agricultoras de características camponesas, que desenvolvem práticas agrícolas com grande influência da tradição transmitida através de gerações, que otimiza o uso de recursos e saberes endógeno. E também, onde se encontram guardadas, pelo uso, as sementes crioulas.

Sendo a agricultura convencional aquela condicionada pelos processos de modernização da agricultura, baseada no uso de adubos químicos sintéticos, venenos, sementes híbridas ou transgênicas e uso intensivo de mecanização, resultantes da industrialização, recursos externos a propriedades, de conhecimento não acessível à população, que cumpre com as necessidades do mercado.

Doravante, utilizarei como sinônimo os termos agricultura convencional, industrial e moderna.

No estado do RS habitavam populações de indígenas Guaranis do grupo lingüístico MByá. São identificados três subgrupos principais: os Tapes (indígenas missioneiros dos Sete Povos), que ocupavam as margens dos rios a oeste do atual território do RS e o centro da bacia do rio Jacuí; os Arachanes ou Patos, que viviam às margens do rio Guaíba e na parte ocidental da Laguna dos Patos; os Carijós, que

habitavam o litoral, desde o atual município de São José do Norte até Cananéia, ao sul de São Paulo. Com essa referência podemos considerar que nas regiões, onde encontram-se atualmente localizados os municípios de Ibarama e Tenente Portela eram habitadas pelo povo MByá, do sub-grupo Tapes. Portanto, os primeiros migrantes encontram um ambiente natural, sob a influência do sistema desenvolvido pelos Tapes. Atualmente as maiores populações indígenas do estado são: Kaingang e Guaraní.

Na cosmologia Mbyá-guarani, o milho é sagrado e sem ele Mbya não existe, com a significância de propiciar a introdução das pessoas na sociedade, para que receba um nome e que passe a ser pessoa, fazendo parte das relações sociais. (GARLET, 1997).

As populações indígenas desenvolviam uma agricultura tradicional. Posterior ao extrativismo, da coleta de sementes, frutos e raízes e da caça e pesca, o sistema de cultivo era a coivara, caracterizado como desmata e queima, e seguida da semeadura, utilizando a área por aproximadamente 3-4 anos, para após abandoná-la, deixando a vegetação original retornar. O preparo da roça é uma atribuição masculina. A escolha da área a ser cultivada e a determinação do tamanho é função do homem mais velho, o que está relacionada com a quantidade necessária do abastecimento de comida. A derrubada do mato é direcionada aos homens devido à necessidade da força física para atividade. O semeio, é tarefa para as mulheres e crianças (TEMPASS, 2012).

A batata-doce utilizada para a alimentação das crianças é de uma variedade específica, no caso, a batata-doce roxa. Assim como para outros momentos de suas vidas, como uma iniciação. A preparação da jovem em se tornar mulher e criar seus filhos também necessitam de alimentos específicos. A relação estabelecida com a agrobiodiversidade é expressa na afirmação de que “se perdermos a semente, perdemos nossa alma” (Santiago, indígena Guaraní, no Seminário de Agrobiodiversidade e Soberania Alimentar, 2014 – *Informação verbal*).

No período colonial, a relação de maior proximidade do homem branco, com as populações indígenas, ocorreu no século XVII pelas chamadas Missões Jesuíticas, ligadas a Companhia de Jesus. Em poucos anos desenvolvem-se atividades de criação de gado e o extrativismo da erva mate para o comércio e a produção de alimentos para abastecimento das aldeias e reduções.

A consideração a ser feita é da importância das sementes na visão mitológica das populações indígenas e de suas produções por terem sido a principal base alimentar da população brasileira.

As primeiras tentativas de expansão ao sul do país se verificaram durante o domínio espanhol. Em busca de mão-de-obra indígena, as chamadas bandeiras paulistas se dirigiram ao sul.

As passagens, mencionadas acima, justificam a importância das sementes para a manutenção de culturas tradicionais indígenas, onde a natureza e a cultura não se dissociam, uma não pode ser entendida sem a outra.

Avaxi eteí – milho verdadeiro (*Zea mays*); cumandá opepucu - feijão (*Phaseolus* sp.); jety mandioti – batata doce (*Ipomeoea* sp.); mandioti – mandioca (*Maniot esculenta*), são denominações desconhecidas de nossa população contemporânea, salvo alguns estudiosos, em especial da antropologia.

Os sistemas tradicionais, assim como a alimentação típica das populações indígenas, foram a base da alimentação dos colonizadores e da população africana, sem os quais dificilmente se teria alcançado êxito no domínio do território brasileiro. Apesar disso, são nos estudos atuais que identificam o cultivo da mandioca, do milho da batata-doce associados a outros cultivos, como abóboras e cará, em diferentes regiões do Brasil (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2006).

Em sua tese sobre diversidade biocultural, German-Castelli (2004) retrata que diversos pesquisadores vêm identificando a interdependência entre a diversidade linguística, cultural e biológica, e identificaram que de 12 países mega diversos, 10 deles estão no ranking de países com linguagem endêmica. Se considerarmos o processo migratório, em vistas a expansão mercantil do século XIX, com a transferência de populações para ambientes distintos, podemos supor no primeiro momento um enriquecimento de conhecimento biocultural. Porém com o processo da modernidade e a substituição da língua falada, muitos termos perdem o sentido. A transmissão de culturas tradicionais, a exemplo das línguas, é de suma importância na manutenção da agrobiodiversidade.

As primeiras tentativas de expansão ao sul do país se verificaram durante o domínio espanhol. Em busca de mão-de-obra indígena, as chamadas bandeiras paulistas se dirigiram ao sul.

A trajetória histórica das famílias guardiãs demarca um período histórico do RS diacrônico, ao mesmo tempo em que se prepara para a abolição da escravatura, organiza a substituição da força de trabalho com a migração.

Desde a colonização do Brasil as áreas de monocultura reconhecidas nos ciclos de produção mercantil: cana-de-açúcar, borracha, café, que se desenvolviam em paralelo a áreas de policultivos, realizadas por indígenas, escravos africanos, mais tarde pelos migrantes. Assim também foi no RS, atividades agropecuárias para produção mercantil e produção de alimento sob a exploração ambiental e de força de trabalho e uma produção de base tradicional.

O resgate histórico da produção dos séculos XVIII e XIX tem como base teórica o livro “RS: Agropecuária colonial & Industrialização” de Sandra Jatahi Pasavento, do ano de 1986. A autora trabalha em uma perspectiva que situa agricultura e a indústria a momentos de internalização do capitalismo no país. Trabalha no entendimento que pós Revolução de 30, marca a transição de formas de acumulação de capital no país, da agricultura de exportação para a indústria.

A partir do exemplo dos cafeicultores paulistas, quanto dos pequenos agricultores migrantes do RS, que vendem sua produção para o mercado, Pasavento (1983), argumenta que apesar de não estabelecerem relações de assalariamento, mas de que “é justamente o capital em sua expansão que preserva e subordina tais relações”.

No caso específico do RS, Pasavento (1983) faz estudo de caso de setores da indústria, onde ganha força as relações que se estabelecem entre a agropecuária colonial e a indústria. Busca “identificar o processo mediante o qual se dá a submissão do pequeno proprietário de terras ao capital comercial ou industrial, destruindo formas de artesanatos domésticos e reduzindo o colono à situação de mero produtor de matéria-prima” (PESAVENTO, 1983, p. 19).

A produção de trigo, fumo, vinho e da banha de porco, no RS tem início a partir do séc. XVIII, com o processo migratório de populações de origem açoriana, alemã e italiana.

A produção de vinho no RS inicia com a colonização alemã com a uva Isabel no séc. XIX, os colonos italianos que chegaram posteriormente com os bacelos de variedades de sua nacionalidade não obtiveram êxito. Porém, em poucos anos, utilizando a variedade e a estrutura já constituída pelas famílias alemãs, logo

despontam na produção e no mercado. A produção de vinho artesanal em Ibarama ainda é utilizada para o consumo das famílias e para a comercialização.

A produção de banha de porco é desenvolvida a partir da colonização alemã, que leva a ampliação das lavouras de milho, cereal de destaque, pelo uso de subsistência e para a exportação centros urbanos. A exportação de banha já ocorria desde 1866. Nesse período a exportação do milho decai em detrimento de seu uso como insumos para a criação dos porcos, que ganhava mercado.

O cultivo do fumo foi experimentado em 1804, chegando como uma das primeiras culturas com a finalidade comercial. Porém, é a partir da colonização alemã, em 1824, que a cultura ganha espaço, em especial pelo incentivo do governo, com a distribuição de orientações sobre o cultivo do fumo, na língua alemã e portuguesa, além da seleção de sementes e folhas, sendo que, oito anos mais tarde já se evidenciavam unidades artesanais de fumo preparado, charutos e cigarro em palha de milho, em São Leopoldo e Porto Alegre, destinados ao abastecimento das populações locais. A exportação irá ocorrer no decorrer da chamada segunda fase, entre os anos 40 e 70.

No RS, desde o início do século XIX, as primeiras culturas a exportação de fumo, de banha a partir da mão de obra de pequenos colonos migrante. Nesse mesmo século, os colonos migrantes já recebiam orientações técnicas sobre as produções e no caso do fumo, sementes e adubos (estrume). O papel dos colonos era de produtores de alimento e de matéria prima. O trigo datado do séc. XVIII teve sua exportação no final daquele ciclo, pelos açorianos. A farinha de mandioca era exportada desde meados do séc. XIX.

Pode-se considerar que o desenvolvimento da indústria esteve diretamente ligado ao processo de migração. Esta realidade faz parte da trajetória das famílias guardiãs de sementes crioulas de Ibarama e Tenente Portela e de seus descendentes que estará sendo abordada na segunda e terceira parte desse capítulo.

Este período de desenvolvimento do capital industrial abre para a história da agricultura denominações como modernização, industrialização, que aqui utilizadas com equivalência.

A explicação de Giddens (2002, p. 22) é de que o processo de modernidade, vinculado a industrialização e o capitalismo, leva a “*descontinuidades* com as culturas e modos de vida pré-modernos”. E que o “dinamismo”, como característica,

acelera o “ritmo da mudança social”, afeta as práticas sociais e modos de comportamento preexistentes de forma mais ampla e profunda.

O autor explica que este dinamismo tem três elementos, sendo eles: separação de tempo e espaço; desencaixe e reflexividade.

A separação do tempo e espaço, antes conectados pelo local, perde a referência do local, desenvolvendo uma “visão vazia de tempo” e “separou o espaço do lugar” (GIDDENS, 2002, p. 22).

O desencaixe é considerado como o “deslocamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do tempo-espaço”. Referindo o desencaixe a *sistemas abstratos*, o autor define dois tipos: o que chama de “fichas simbólicas”, como meios de trocas que tem um valor padrão, a exemplo do dinheiro (relacionando tempo com crédito e espaço com transações entre indivíduos que não se conhecem); e o que chama de sistemas especializados, que dispõem “de modos de conhecimento técnico que tem validade independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso dele”. E que se apresentam virtualmente na vida social, nas áreas técnicas e relações sociais, nas diferentes situações a exemplo do consumo das pessoas (GIDDENS, 2002, p.24).

A reflexividade diz respeito ao afastamento da vida social da influência de práticas e preceitos preestabelecidos. “se refere à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa a luz de novo conhecimento e informação [...] constitutivo das instituições modernas” (GIDDENS, 2002, p. 25).

O advento da modernização da agricultura no Brasil e, em outros países, fez parte da estratégia internacional econômica, que para a agricultura ficou conhecida como Revolução Verde (RV). No período entre as décadas de 50 e 60 vários institutos internacionais de pesquisa foram montados em diferentes países.

A substituição das sementes crioulas pelas modernas leva a uma descontinuidade, altera relações antes de reciprocidade pela troca mercantil,

[...] o primeiro modo pelo qual um objeto de uso é possivelmente valor de troca é sua existência como não-valor de uso para seu possuidor. A troca de mercadorias começa onde as comunidades terminam, em seus pontos de contato com outras comunidades ou com membros de outras comunidades. Tão logo as coisas se tornam mercadorias no interior da vida comum. São permutáveis pela vontade de seus possuidores de aliená-las reciprocamente. Nesse meio tempo, se consolidada, pouco a pouco, a necessidade por objetos de uso estrangeiro. A constante repetição da troca transforma-a em um processo regular. Com o correr do tempo, torna-se

necessário, portanto, que parte do produto do trabalho seja intencionalmente feita pela troca. A partir desse momento, consolida-se, por um lado, a separação entre a utilidade das coisas para as necessidades imediatas e sua utilidade para a troca. Seu valor de uso dissocia-se de seu valor de troca. (MARX, 1985, p. 81-82).

Para Morin (1998) a ciência clássica, que é a base científica do modelo de desenvolvimento da RV, está apoiado em três pilares da certeza: a ordem, a separabilidade e a lógica. O que implica em desenvolver a agricultura desconsiderando conhecimentos sem validação científica.

É na lógica da ciência moderna, desenvolvida a 300 anos aproximadamente, que se origina as bases da proposta de modernização da agricultura, promovendo um distanciamento do ser humano com o meio natural e a apropriação da natureza, na busca da liberdade dos homens. O saber da ciência passa a subjugar os conhecimentos das diferentes populações tradicionais imperando a visão positivista e reducionista (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009).

A base epistemológica da ciência moderna, conforme apresenta Gomes (2013), foi dado pelo o empirismo de Bacon; o racionalismo de René Descartes em crítica a Bacon e; o positivismo de Auguste Comte, que pressupõe o domínio da natureza e a crença inabalada a ciência, enquanto um modelo único de desenvolvimento.

Toledo et al. (2009) ao reportar-se a Claude Lévi-Strauss em seu livro 'O pensamento selvagem', de 1964, manifesta que deveríamos considerar, ao menos, três modalidades de conhecimento: uma anterior ao advento da agricultura, a 'ciência paleolítica'; outra a partir da domesticação de espécies vegetais e animais, com o desenvolvimento da agricultura, a 'ciência neolítica' e, outra denominada 'ciência moderna' identificada com a fundação das primeiras escolas científicas na Inglaterra e na França em torno de 300 anos. Apesar do aparecimento dessa última o autor manifesta que os conhecimentos da ciência neolítica é a base de nossa civilização.

A ciência moderna tem dificultado o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, assim como, o reconhecimento de conhecimentos distintos.

Com o advento da modernização da agricultura foi intensificada a simplificação dos sistemas produtivos tradicionais, altamente complexos e diversificados. A substituição das cultivares tradicionais por cultivares modernas, antes os híbridos, hoje os transgênicos. A consequência candente do modelo vem

sendo a perda acelerada da biodiversidade e do germoplasma tradicional e crioulo utilizado e do conhecimento milenar associado a eles. Muitas famílias agricultoras abandonaram as práticas de produção adquiridas através do conhecimento tradicional de selecionar as melhores plantas e produzir a sua própria semente (BEVILAQUA et al, 2014). Outras tantas abandonaram a prática da agricultura.

O processo de especialização das tecnologias e as relações comerciais envolvidas levam as famílias agricultoras perderem as referências que garantiam suas (re)produções, tanto social como econômica, forjadas nas comunidades pelo conhecimento acumulado nas gerações, que passam a não mais dar conta.

A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só, num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais. (GIDDENS, 2002, p. 38).

A modernidade não pode ser considerada como sinônimo de bom, ou melhor dizendo, bom para todos os segmentos da população e suas instituições, visto ser, 'conservadora', por manter a estrutura agrária concentrada, o que impede que um contingente de famílias sem terra, ou com pouca terra, tenha acesso a esta e por isso 'concentradora', portanto privilegia a menor parcela da sociedade.

O processo da RV pode ser entendido como uma estratégia de grandes empresas multinacionais, que segundo Andrioli e Fuchs (2008, p. 103), se baseando em três elementos interligados:

1) a mecanização, através da produção de tratores, colheitadeiras e equipamentos; 2) a aplicação de adubos químicos, pesticidas e medicamentos para a criação de animais; 3) o progresso na biologia, através do desenvolvimento de sementes híbridas e novas raças de animais com potencial produtivo superior.

Em seu livro "História das agriculturas no mundo", Mazoyer e Roudart (2010) consideram que, a RV nos países em desenvolvimento, ocorreu significativamente, "desprovida da motorização-mecanização", baseada no uso de sementes, fertilizantes químicos, agrotóxicos, seleção de material genético animal e vegetal, com potencial de alto rendimento e alimentos concentrados. Afirmando essa consideração, encontra-se a realidade de maior parte das unidades de produção onde se encontram as pequenas unidades de produção.

Segundo Altvater (2007) a substituição de ciclos e regimes de tempo e espaço naturais por outras características da agricultura industrial tem um impacto prejudicial ao ambiente natural, altera as práticas agrícolas aprendidas endogenamente e de baixo impacto.

Esse processo se expande com mais flexibilidade e rapidez após 1990, com a onda do neoliberalismo, enquanto um movimento mundial, expressando as características da globalização no meio rural. Para Ianni (2011, p. 11), “a globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial”. O autor afirma que, o campo se torna “industrializado e urbanizado”, mudando as condições de vida e de trabalho no mundo rural. E, de que,

a tecnificação, maquinização e quimificação dos processos de trabalho e produção no mundo rural expressam o industrialismo e o urbanismo, entendendo-se o urbanismo como modo de vida, padrões e valores sócio-culturais, secularização do comportamento e individuação (IANNI, 2011, p. 15).

Porém, esses impactos e alterações tendem não ser percebidos de forma crítica, devido ao caráter hegemônico da agricultura moderna. Na área do Direito, Santilli (2009) mostra como o aparato jurídico da lei sustenta a hegemonia da agricultura moderna ao priorizar o sistema formal das sementes. Em suas palavras,

[...] ao dar primazia ao desenvolvimento de um setor formal/comercial, e subestimar a importância dos setores locais, a lei de sementes brasileira exclui não só grande parte dos agricultores que não tem condições de comprar as sementes ou preferem usar as sementes adaptadas às condições sócio ambientais locais, como também marginaliza as espécies e variedades que o sistema formal não tem interesse em produzir (SANTILLI, 2009 p. 148).

Exemplo disso é a aprovação da Lei de Proteção de Cultivares e suas consequência, a Lei Nº 9.456, de 25 de abril de 1997, designa como cultivar

a variedade de qualquer gênero ou espécie vegetal superior que seja claramente distinguível de outras cultivares conhecidas por margem mínima de descritores, por sua denominação própria, que seja homogênea e estável quanto aos descritores através de gerações sucessivas e seja de espécie passível de uso pelo complexo agroflorestal, descrita em publicação especializada disponível e acessível ao público, bem como a linhagem componente de híbrido (BRASIL, 1997).

Após a promulgação da lei, houve um aumento elevadíssimo de registros de cultivares, assim como, um aumento no preço das sementes e de concentração empresarial em torno de pesquisa e produção de sementes (ARAUJO, 2010).

Podemos considerar a dependência das sementes modernas na manifestação de Lacey (2000, p. 54) que “a biopirataria e o regime dos direitos de propriedade intelectual (DPIs) são profundamente interligados” e de que as “sementes transgênicas dependem de ambas”. São sementes dependentes.

O processo de erosão identificado nas últimas décadas pode imprimir um processo de destruição de sua própria autodiversidade, daquilo que já domesticou, saberes e biodiversidade. O conhecimento acumulado e socializado entre as comunidades, transmitidos de geração em geração, aos poucos foi perdendo sua predominância, a ponto de desqualificar o trabalho desenvolvido nas pequenas unidades de produção, em prol de um saber maior atribuído aos centros de ensino, de pesquisas e transnacionais. Uma das causas da apropriação pela propriedade privada. Onde se estabelecem poderes centrados pelo capital.

O relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) é um exemplo documental e institucionalizado de falência da matriz científica e tecnológica da agricultura convencional ao não dar resposta à crise atual que assola a humanidade, como a alimentar, ecológica, energética e climática. O fato de não ser o volume de alimentos produzidos o problema da fome e desnutrição e sim o acesso ao alimento, leva ao menos três questionamentos: - a quem tem servido tamanha produção, se não para alimentar a crescente população?; - que produção é essa? e; - onde se encontra?

Petersen (2013, p. 5) nos dá uma possível dica de que, “a produção e o abastecimento de alimentos apresentam-se como os elos mais vulneráveis na articulação entre a crise econômico-financeira e a crise ecológico-climática”, num mundo onde a globalização, e nesse sentido entendendo o “império” abordado por Ploeg (2011) onde, o poder final de definições políticas e econômicas, encontra-se em mãos de grandes transnacionais que controlam o mercado, em especial de alimentos.

Machado et. al. (2008) evoca, também os problemas relacionados às questões sociais e ambientais, como as conseqüências desastrosas com a perda acelerada da biodiversidade, contaminação dos solos e águas, assim como o êxodo rural, o que se soma a insegurança alimentar.

Na atualidade, as sementes têm adquirido uma simbologia de resistência às comunidades que tem buscado manter as sementes para, a partir delas, fazer a comida e manter o conhecimento independizante da família rural.

Já é reconhecido que a maior parte da biodiversidade é conservada nos países localizados no Sul e em mãos de famílias agricultoras que detêm pouca terra. Porém, ainda assim, parece estar longe a execução de ações propositivas que de fato venham a minimizar tais situações.

Na visão de Santilli (2008), há menos consciência sobre a necessidade de conservação da diversidade agrícola – agrobiodiversidade, do que da biodiversidade silvestre. Nesse sentido manifesta que tanto os ambientalistas como as políticas e órgãos públicos a agrobiodiversidade é negligenciada, assim como, considera que, os juristas “tem se ocupado muito pouco do tratamento jurídico da agrobiodiversidade”. E comenta que

Proteger variedades de mandioca, milho, arroz, feijão e os nossos ecossistemas agrícolas é tão importante quanto fazer-lo com a floresta amazônica, a mata atlântica, o mico-leão-dourado, o lobo-guará etc. (SANTILLI, 2008, p. 27)

A seguir buscaremos, no contar do processo vivido pelas famílias guardiãs de sementes crioulas nos municípios de Tenente Portela e Ibarama, o que possa elucidar a partir das práticas as mudanças tecnológicas, assim como, relações estabelecidas em cada tempo histórico no decorrer da trajetória de suas famílias.

2.1 Partindo de constatações do que foi ouvido/vivido em Ibarama

No resgate das trajetórias das famílias, houve pouca manifestação de relações sociais estabelecidas entre as famílias guardiãs e seus antepassados com as populações indígenas que habitavam aquela região.

Da população indígena que anteriormente viviam no local, ficou o registro nos utensílios de cerâmica encontrados. Pedacos de cerâmicas, boleadeiras, pedras utilizadas como faca e também vasos e panelas de cerâmicas, estas últimas eram utilizadas por seus antepassados migrantes como vasilhames para dar de beber e comer ‘pra bixarada’. Atualmente lamentam o fato de não ter havido um cuidado maior com esses objetos encontrados. Peças de cerâmicas foram entregues para a UNISC, a qual tem estudos identificando centros arqueológicos de tribos Tupi-Guarani no município e região. Apesar de, na atualidade, não haver um contato mais

direto com a população indígena, o encontrar pedaços de cerâmicas não lhes é estranho, o que traz um passado recente ser considerado e valorizado no presente.

O município de Ibarama é considerado o berço da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Os primeiros registros de povoado datam de 1838, porém, foi entre 1875 a 1889 que houve uma ocupação significativa de migrantes europeus na região.

Segundo dados do IBGE (2010), a população do município é constituída de 65% de italianos, 25% de alemães e, 10% de mestiços. As famílias guardiãs de Ibarama se identificam como de origem alemã e italiana.

Com a chegada dos migrantes, veio além de pessoas ligadas a agricultura, mas trouxeram, também, outros ofícios. Essa realidade se expressa na trajetória de vida das famílias guardiãs. Além do trabalho na agricultura, seus antepassados trabalhavam com funilaria, moinho, serralheria e carpintaria. Participantes do processo de construção do que é hoje Ibarama.

A cidade de Ibarama foi emancipada em 1987, de Sobradinho. Com área territorial de 193,110Km² e uma população de 4.371 habitantes (IBGE, 2010).

A população rural é de 3.318 habitantes, o que faz com que o município tenha uma economia agrícola importante. Identifica-se na tabela 01, a importância econômica da cultura do fumo, que historicamente esteve presente no RS e município em estudo.

Com relação a cultura do fumo, cabe considerar que as famílias desde a colonização já tiveram o desafio de plantar para a comercialização. Portanto, de certa maneira, sua vinda enquanto colonizador estava no plano da modernização, como assim foram considerados.

Segundo as narrativas escutadas sobre o processo de colonização da região por suas famílias, para se estabelecerem no local as famílias se reuniram e impulsionaram a produção a base da força física, de serrotes, serras e machado, do fogo, dos trabalhos em mutirão de ajudas mútuas, da reciprocidade e também da troca mercantil. O desafio de plantar o que comer e o que vender, naquelas condições de ambiente natural e tecnológico, era 'o desafio'.

A trajetória das famílias guardiãs estudadas e seus descendentes elucidada, em partes, o que foi o processo vivenciado no decorrer do século XX.

A primeira cultura agrícola de maior importância no município foi o feijão. A produção comercial era destinada, principalmente para Cachoeira e o transporte era

realizado através do rio Jacuí, períodos que as estradas eram, conforme relatam, “como picadas”, onde as juntas de bois puxavam as carroças até a costa do rio para o embarque da produção.

Tabela 01 - Produto agrícola anual de Ibarama, RS.

PRODUTO	ÁREA (HA)	PRODUÇÃO (T)	RENDIMENTO (KG/HA)	VALOR PRODUÇÃO (R\$)
Milho	3.600	12.960	3.600	5.325.000,00
Fumo	2.250	4.725	2.100	31.295.000,00
Feijão	400	435	1.088	829.000,00
Soja	280	924	3.300	785.000,00
Mandioca	116	1.972	17.000	1.225.000,00
Cana	140	2.800	20.000	378.000,00
Batata-inglesa	60	680	11.333	618.000,00
Batata-doce	30	540	18.000	532.000,00

Fonte: Elaboração da autora, a partir dos dados do IBGE (2010).

Na trajetória de FG1, ela elucida como as políticas agrícolas, de cada período histórico, influenciaram para a diminuição das áreas de lavouras de trigo naquela região, o desenvolvimento da indústria e da energia. Neta de migrantes italianos que chegam a Bento Gonçalves no final do séc. XIX, seu pai (filho mais moço de 12 irmãos), vem para a região no ano de 1929. Tinha como atividade econômica na década de 30, um engenho de serra, para a derrubada do mato e o desdobramento de madeiras, contava com o auxílio de trabalhadores contratados, carros de boi e máquina a vapor. Logo instala uma marcenaria e carpintaria para o fabrico de diversos artigos, dentre eles: cabo de guarda chuva, móveis, madeiramento para carroça de boi, caixões para defuntos, entre outros. Em meados de 1940 é instalado um moinho de pedras, para moer trigo e milho e descascar arroz. Com o aumento da demanda passam ao moinho de cilindro que funcionava a motor a diesel, com esta tecnologia inserida no processo, conseguiram adquirir um registro no ministério da agricultura que possibilitava a compra de dois sacos trigo estrangeiro para cada um de nacional, considerado de melhor qualidade e preço. O moinho passa a funcionar com motores elétricos a partir dos anos 70, quando chega a luz elétrica no município. Devido ao alto custo do frete e armazenamento do trigo em grão em

Porto Alegre, o moinho perde capacidade econômica e para de funcionar no ano de 1977. Atualmente o prédio onde funcionava o moinho está localizada a prefeitura municipal, no centro da cidade.

A modernização da moagem de trigo impulsionou o fechamento de outros moinhos artesanais de menor capacidade produtiva e de negociação, assim como reduziu as áreas de trigo, com a entrada do trigo estrangeiro.

A cultura do fumo, desenvolvida desde o início da colonização na região, foi o carro chefe para a introdução das novas tecnologias.

O sistema da produção fumageira se caracteriza por ser uma atividade estritamente familiar, pelo uso intensivo de força de trabalho, desenvolvido em pequenas áreas. A integração corresponde à subordinação das famílias a adesão de pacote tecnológico e a cotação do preço imposto pela integradora (SILVEIRA, 2007).

Por meio da cultura do fumo as famílias passaram a utilizar sementes melhoradas, os adubos químicos e agrotóxicos. Porém, com essa cultura, exigente em trabalho intensivo, as parcelas de terra utilizadas foram menores que aquelas da monocultura da soja e do trigo, sendo característica o sistema de cultivo de milho ou de feijão na soca do fumo, culturas estas utilizadas para a manutenção dos sistemas produtivos familiares. O que tem possibilitado a esse município, manter o meio rural com mais de 75% de sua população.

Para as famílias guardiãs a fumicultura esteve historicamente presente e se mantém até os dias atuais e, com grande importância, determinando as mudanças tecnológicas, imposto por um sistema integrado a indústria em maior ou menor grau no decorrer das décadas.

Para retratar a fumicultura, tomarei mão do que foi relatado pela FG3, intermediando com outras falas concordantes, que em complementaridade ajudam a entender o tema com maior abrangência, elucidando o viver de uma realidade da época.

A FG3, assim como outros interlocutores do estudo, é filho de produtor de fumo. O que elucida como era na época, quando lembra a determinação de seu pai ao dizer que, “o dinheiro do fumo tem que sobrar”. Esta racionalidade ‘me parece’ ser meio generalizada, visto o relato consensuado de que, “todo mundo produzia pra comer”. Remete a considerar que, para comer tinha que produzir e não comprar, o dinheiro deveria ser utilizado para as demandas extras, além da comida, entendendo também como os processados. Para além dessa constatação, também trazem

testemunhos de que tudo era feito em casa, a exemplo de gamelas em substituição das atuais bacias, caixão utilizados para guardar sementes, colchões de palha, acolchoado de pena, chapéu, entre outras. A estratégia era dar conta do suprimento de todas as possibilidades de consumo que as famílias poderiam ter. Nesse sentido, as relações de trabalhos mútuos e reciprocidade faziam parte da mesma seara.

Ainda em diálogo com FG3 sua conclusão é de que “o fumo se mantém como alternativa e foi mudando a tecnologia”. O verbo trazido no presente ‘se mantém’, aponta uma contradição quando também, afirma que “eles chamam de integração, que eu prefiro chamar de dependência”.

A mudança de tecnologia é identificada em três momentos do desenvolvimento da cultura do fumo, o que também, pode-se perceber que acaba por definir diferentes relações sociais estabelecidas.

O primeiro era o “*fumo de galpão e de corda*”, para o qual eram utilizadas estruturas rústicas de galpões semi-abertos para a secagem do fumo e um sistema artesanal da produção do fumo em corda. Estes eram entregues em armazéns que serviam de entreposto até chegar às empresas e vendiam para atravessadores que comercializavam o fumo em corda em outros municípios. Nesse período, as sementes utilizadas eram da safra anterior e como adubo era utilizado o esterco dos animais, gerado nas próprias propriedades.

No final da década de 50, identifica o segundo momento, “o do fumo de estufa”. Esse momento foi caracterizado pela mudança de relação das famílias com a empresa fumageira, através de ‘imposição’ de mudança no sistema produção/beneficiamento do fumo. A especialização foi oportunizada através do acesso ao crédito, ofertado pela empresa fumageira, para a construção da estufa e pela oferta de semente melhorada, identificada na época como variedade americana Virginia. Sobre o método de persuasão adotado pela empresa comenta que “de início não cobravam a semente do Virgínia, depois começaram a cobrar”.

A especialização da atividade fumageira reconfigura os meios de produção, a não só depender da força de trabalho das famílias, do esterco, de suas sementes retiradas da safra anterior e dos “puxirões”, a nova tecnologia passa a agregar custo à renda do fumo e, com isso ‘o dinheiro que tinha que sobrar’ começou a diminuir.

O significado da transferência de renda da roça para a empresa fumageira transformada em capital, é novamente elucidado pelo pai do FG3, quando avaliava a

situação econômica da época, de que, “quem planta fumo de estufa, tá tudo com dívida”.

Nas últimas décadas, inicia a era das “estufas elétricas”. Em nosso estudo, de três famílias guardiãs que plantam fumo, duas tem estufa elétrica. Na avaliação das famílias, o favorecimento desta modernidade é pelo menor tempo de trabalho despendido para a secagem do fumo, em comparação com a estufa de fumo.

A FG3 inicia o cultivo de fumo de estufa em 1978, antes trabalhavam com familiares no fumo de galpão. E relembra que o instrutor da fumageira estava sempre presente, *“traziam semente, adubo e veneno – inseticida; chamado de parceria, que eu acho melhor chamar de dependência”*. (está repetido) Há quatro anos iniciou com a estufa elétrica. E no ano de 2014 decide não mais plantar fumo.

Portanto, foi através da cultura do fumo que as famílias iniciaram com o uso de sementes melhoradas e adubo químico de base e do salitre.

A FG1, ele de origem alemã, recorda que seus pais além da produção de comida, comercializam fumo em corda, banha (soldavam as latas de banha para não estragar), chimia de cana com chuchu, mandioca, abobora e laranja. As variedades de cana de açúcar que sua mãe utilizava para a produção das chimias eram: “cana fita”, “perna de moça” e “chocolate”. Hoje resgatadas e cultivadas por ele.

Também FG2, ele, também de origem alemã, desenvolvia um processo artesanal de conservas de pepino e repolho para comercialização.

Outra produção de grande importância na época era o feijão. Não era raro a colheita de 40sc de feijão batida a manguá, quando fazia mutirão para a realizar o trabalho.

Pode-se constatar que o processo das mudanças tecnológicas na produção agrícola, foi sentido pelas famílias guardiãs desde o final da década de 50, período que vem se prolongando até os dias atuais. Porém, foram sendo aderidas em períodos e de forma desigual pelas famílias.

A partir dos relatos das famílias, pode-se identificar a chegada das primeiras sementes melhoradas de grãos, assim como a rede social estabelecida para a implantação de lavouras experimentais.

Também identificam alguns atores sociais, como a Cooperativa, Frente Agrária Gaúcha (FAG), o sindicato e prefeitura, que incentivaram a modernização da agricultura.

Segundo FG3, a FAG “Impulsionou a RV com o apoio da igreja e da ditadura militar. Esse movimento incentivou na época o uso de semente híbrida de milho e de adubos químicos”. Através da FAG constituída na década de 60 por pequenos agricultores rurais, impulsionada pela igreja católica, que mais tarde deu o formato aos sindicatos rurais, defendia uma reforma agrária cristã, e modernizar a agricultura aos moldes da proposta Norte Americana do plano Aliança para o Progresso (BASSANI, 209).

Nesse período, FG1 lembra de que seu pai plantou um milho híbrido, mas de que não gostou porque era duro. Manifesta que “alimentavam os animais com a espiga não tinham quebrador”, considerando o baixo aproveitamento do milho pelos animais.

A empresa Pioneer se instala no RS na década de 70, introduzindo semente de milho híbrido, precoce e de porte baixo (site Pioneer). Em 1975, inicia um experimento com a Pioneer, a empresa entregava a semente e o adubo. Uma das filhas comenta que *“era colocado o adubo e nós arrastávamos um correntão para tapar e depois era plantado o milho”*.

Também a FG2 lembra que “os híbridos entrou, como se não viravam do vento, plantavam do tarde quando tiravam o trigo; do cedo plantavam o crioulo – oito carreira, amarelo, branco, brancão e o cunha”. O milho híbrido era plantado pelo programa do sindicato e pagavam na safra.

Algumas dificuldades para o uso do híbrido no período estão relacionadas à falta de tecnologia, à questão econômica da compra, perda de vigor das variedades híbridas e do trato dos animais. Conforme FG1 “o híbrido a espiga aberta com caruncho, não tinha secador e limpador. Tinha que comprar a semente e do segundo e terceiro ano de produção fica mais duro e o grão menor”.

Milho crioulo = insumo e alimento. Naquela condição, o manter as sementes crioulas, era manter os porcos- carne, banha, energia e renda; as aves- carne e ovos; o cavalo – meio de transporte e de tração animal; bovinos – carne, leite e tração animal. Segundo FG1 os cavalos eram bem tratados, alimentados com o milho ferro (duro e miúdo) era o meio de transporte na época.

A primeira experiência que envolveu a multiplicação de sementes de milho crioulo em Ibarama aconteceu na Escola Evaldo Henrique Gress, na comunidade Lomba Grande. A experiência foi realizada no ano de 1986, com incentivo do CAPA, Emater e Embrapa, foram plantadas 22 variedades de sementes de milho crioulo. A

partir dessa experiência foram resgatadas algumas variedades e introduzidas outras a exemplo do bico de ouro, que não era utilizado na região.

Ficamos com a posição da FG2, sobre suas considerações sobre a semente e como que ela se relaciona, a comida e a saúde. Deixando perceber a existência de interações de seu sistema, “porque gosta de plantar; pra ter o que comer; não perder a semente. A importância é por ter sempre. Tendo a semente come. Não precisa sair de casa pra comer. Da roça é puro. O que tem que cuidar é da saúde” (FG2).

2.2 Do que foi ouvido/vivido no município de Tenente Portela.

A região onde se insere o município de Tenente Portela era ocupada por populações indígenas e caboclas, períodos onde predominava regiões de florestas nativas e outras de campos abertos, e tinham como principal atividade produtiva a exploração da erva mate.

Através do projeto de colonização que atingiu esta região do Estado, no início do século passado, descendentes de alemães, italianos, russos e poloneses vem ocupar essas terras com o intuito de segurança da fronteira, contribuindo para desafogar o território das colônias velhas.

Segundo site da prefeitura municipal território do município de Tenente Portela teve início em 1902 com a vinda de 90 famílias de diferentes municípios da região da Serra e do Alto Uruguai. Porém, ali já habitavam comunidades indígenas das tribos Kaingang e Guarani. A influência indígena levou a manter a denominado do lugar até 1940 de Pari (pequena rede de taquara utilizada para pescar). E nos dois anos procedentes ficou a denominação de Miraguay, e a partir de 1942 passou a chamar de Tenente Portela, em homenagem ao integrante da Coluna Prestes, morto em 1925. Foi elevando a categoria de município em 1955, quando emancipado do município de Três Passos.

A colonização do território de Tenente Portela está associada a proteção de fronteiras e a construção da estrada de ferro em vistas a dar respostas as reivindicações da oligarquia rural no sentido de dar fluxo, tanto de pessoas como de produção, daquela região para outras de maior dinamismo econômicas da época.

Diferentemente de Ibarama, ali a relação com os indígenas foi e é mais próxima.

O forte da colonização foi após a década de 40, com a cheda de uma grande quantidade de famílias, se caracterizando como uma recolonização.

Os colonos compravam lotes de terra, derrubada da mata nativa que também era uma alternativa de renda e desenvolviam a produção de alimento. A cultura europeia e fundamentalmente a igreja, influenciaram de forma decisiva na organização das comunidades. Em cada capelinha erguida para o espaço de oração, se constituía também uma escolinha. Assim também, na área da produção, a igreja impulsionou a produção de trigo na região, pela influência do padre na busca de sementes daquela cultura.

Famílias numerosas desenvolviam uma agricultura dependente de força de trabalho e de intensa relação de cooperação e solidariedade.

As famílias apontam que das primeiras lavouras para comercialização se destacavam o trigo e posteriormente o milho e a soja. Os produtos beneficiados para a comercialização eram a banha e manteiga.

Nessa região, é inegável a grande influência da cultura indígena. A Reserva do Guarita, abrange 22% das terras do município de Tenente Portela. A população rural é 35,5% mestiçada com etnias europeias e indígenas, desenvolvem uma agricultura, também de diferentes influências culturais.

A grande reserva florestal existente, transformou-se no parque estadual do Turvo (hoje, município de Derrubadas), que preserva área de 17.400ha, em torno do Salto do Yucumã, maior salto longitudinal do mundo.

Após os anos 70 a produção de soja veio em franco crescimento, e chega aos dias atuais ocupando a maior parte das áreas cultivadas do município, seguida do trigo e do milho, sendo as três culturas de maior relevância econômica para o município (Tabela 02).

Segundo relato das famílias sobre o que vivenciaram junto a seus pais, as práticas de preparo tradicional de fazer a roça, em especial da roça nova. Esta prática era realizada através da roçada e derrubada do mato, alguns relatam o manejo realizado na época, que era precedida de queimada e plantio de milho e outras culturas

[...] eles roçavam, esses dias a mãe falando derrubaram madeiras assim (abraçando, sem conseguir abraçar a árvore), a base de serrote, pra fazer

roça nova e daí lá plantaram milho. E botavam fogo. Antigamente botavam fogo, ficava dias e dias queimando aquelas baita toras, hoje faz falta né... (FG9)

Tabela 02 - Produto agrícola anual de Tenente Portela, RS.

PRODUTO	ÁREA (HA)	PRODUÇÃO (T)	RENDIMENTO (KG/HA)	VALOR PRODUÇÃO (R\$)
Soja	11.000	29.700	2.700	26.611.000,00
Trigo	4.000	12.000	3.000	7.800.000,00
Milho	3.200	19.200	6.000	8.467.000,00
Mandioca	225	2.025	9.000	1.620.000,00
Cana-de-açúcar	200	6.000	30.000	360.000,00
Fumo	150	270	1.800	1.755.000,00
Aveia	75	135	1.800	81.000,00
Feijão	50	54	1.080	80.000,00

Fonte: Elaboração da autora, segundo dados do IBGE (2012).

Manifestando o possível jeito de fazer roça e o plantio de alimentos como de milho, feijão, batatinha, abobora, de um período em que as ferramentas eram poucas e a força humana precisava ser alimentada e a única forma de alimentar era produzir.

A alimentação era garantida pela produção, pela caça e pelas relações de reciprocidade.

Diferentes do sistema tradicional dos indígenas que habitavam o mesmo local, as roças novas se mantinham em produção e, com o passar dos anos, iam perdendo em fertilidade pelo uso excessivo.

As sementes utilizadas eram garantidas pela produção e pela relação de reciprocidade. Pode identificar que o processo de modernização inicia com a entrada das sementes de milho híbrido, posterior o ano de 1965. Das variedades de milho híbrido que apareceram na época identificam Agroceres e Cargill.

A principal influência para o uso de adubos químicos foi nos primeiros anos de 1970, através do programa de recuperação de terras, conforme o relato das famílias. Os projetos eram acessados através da Cotrijuí e financiados pelo Banco do Brasil do município de Três Passos.

Dessa forma, em Tenente Portela, região onde predominou o binômio trigo e soja, o processo de modernização da agricultura, fica devidamente determinada com o que as famílias chamam de “recuperação das terras” a partir de 1970. Pode-se averiguar que o fato ocorre por impulso da Operação Tatu, que ocorreu na grande região de Santa Rosa no ano de 1968.

Em última análise, esta recuperação de terras, muda o cenário da estruturação fundiária no local. A recuperação das terras vermelhas, antes com fertilidades esgotada e de solos degradadas pelo uso intensivo, apresentando voçorocas pelo avanço da erosão, passa a simbolizar o avanço da agricultura moderna, determinada pelo aumento da produtividade das monoculturas do binômio trigo e soja. Em consequência, as técnicas utilizadas para dar esta nova conformação econômica e produtiva se legitimam, e as terras vermelhas que antes eram adquiridas a baixo custo, agora se valorizam.

Quando chegou, aquelas terras vermelhas não valiam nada, antes de chegar o adubo. Começou abri aquela erosão né, aqueles valetão naquelas terras vermelhas, aquelas mandioquinha vinham assim. Aí começo entra o tal de adubo e o calcário, mais com o milho e o adubo do trigo servia uma para a soja (período antes de casar). Não faz muitos anos que iniciou o adubo pro soja. O adubo era pro trigo, aquele adubo pro trigo que servia pro soja. (FG7)

As abordagens demonstram que o processo de modernização da agricultura inicia em meados da década de 60 com a cultura do trigo em evidencia, constituindo o binômio com a soja, enquanto seu sub-produto.

Daí começo o calcário, veio máquina de fora apareceu por ali, foram empura aqueles barranco daquelas erosões, daqueles valetão né, emparelhar, daí veio o tal de calcário. Principalmente era o trator de esteira e tapavam aqueles valetão, tiravam a água que desciam um pouco da estrada e daí foi indo. Antes de iniciar esse aplainamento com as esteiras, ninguém mais queria aquela terra vermelha, daí ele dava uma alqueire de terra vermelha por meio alqueire onde tinha ladeira, porque lá tu planta e colhia, lá não dava mais. Daí começou a entre o tal do adubo e do calcário. Aí começo a muda, daí a terra vermelha começou a recupera aquela terra, veio o adubo, a terra volto a produzir, daí onde tinha que dá 3 alqueire de terra dobrada, ninguém queria mais. Foi a hora que o grande, quem tinha condição e começou a entrar o tal de soja. Só máquina. (FG7. Ano de 1970)

Nesse processo, também pode ser evidenciado um reordenamento fundiário na região. Período em que o uso tecnológico, através de máquinas e insumos, modifica o potencial produtivo das terras, lhes atribuindo uma valoração.

FG7 lembra de que “foi quando o grande foi entrando”. “As terras vermelhas não valiam nada. Começou a erosão”.

As estratégias utilizadas para a aquisição de sementes quando faltava para completar uma lavoura era de buscar no vizinho. Ainda não existia naquela região financiamento para sementes, a FG9 relata que,

Eles falavam as comuns [...], ninguém comprava, era só se desse uma zebra, mas às vezes faltava uma bolsa pra nós o vizinho tinha sobrando lá, daí era aquela né..., depois entrou o veneno, lembro que o cépia (secante) era pra folha larga e a trifluralina 600 (secante), era um pó, de quilo, era pra folha estreita, milhã, papuã [...], eu tinha 15 -16 anos [...]. A ceifa colhia a soja e disseminou sementes para toda a área (falando do milhã e do papuã). (FG9)

Desde quando eram crianças lembram que tinham soja plantada. A FG9 elucida como era a característica das sementes de soja, “era soja misturado”, lembrando de grãos pretos misturados com os grãos claros.

Também, cabe destacar que por ser região produtora de soja e fronteira com a Argentina, Tenente Portela foi um dos municípios que serviram de porta de entrada para a semente “Maradona”, denominação dada para as primeiras sementes transgênicas de soja contrabandeadas para o Brasil.

Três situações se apresentam, entre as famílias após o aparecimento do milho híbrido. Uma consideração importante é de que todas as famílias chegaram a plantar o milho híbrido. Tem o que experimentou e não gostou; os que plantam até hoje e fazem silagem, garantindo seguro agrícola; os que plantaram uma época e não plantam mais.

A realidade, vivenciada por FG7 (ela), mostra uma das formas como os híbridos do milho foram sendo experimentados por sua família. Uma tecnologia que para suas condições de produção implicava em aumento de trabalho e desembolso econômico pelo pagamento da compra de semente e adubo.

O adubo do milho, sabe como o pai ensinou? Nós plantávamos o milho (híbrido). Ele fazia a verga, uma ía na frente e botava o adubo e acalcava em cima com a mão pra bota a semente de milho pra planta. Tu plantava onde tava o sinal que botou o adubo, marcava e depois vinham a semente. Botava o adubo, botava a terra e deixa o sinalzinho pra outra planta o milho. Eu tinha uns 13 anos. (FG7. Aproximadamente em 1968)

*

Apenas para dialogar com Ibarama, trago uma declaração da filha da FG1, em experimento realizado com a Pioneer; citação já considerada na seção anterior deste capítulo.

era colocado o adubo e nós arrastávamos um correntão para tapar e depois era plantado o milho. (FG1. Aproximadamente em 1975)

*

Retornando a Tenente Portela, nos anos 80 o Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR, inicia trabalhos de resgate de variedades crioulas de sementes de milho e outras espécies, e passam a trabalhar com capacitações sobre a agricultura alternativa. Esse trabalho, potencializado pela a Comissão Pastoral da Terra – CPT, (ala progressista da igreja católica) e organização de movimentos sociais, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, leva a constituição do Centro de Tecnologias Alternativas e Populares – CETAP. Uma organização não governamental – ONG, que ajuda a impulsionar a preservação de agrobiodiversidade crioula, daquela região.

A preocupação com o meio ambiente é considerada na FG9, manifestando que as áreas de cultivos eram menores e que utilizavam métodos alternativos para o controle dos insetos. A mãe dela considera que “antigamente era pouco hoje é tudo grande. Antigamente usavam a lagarta esmagada”.

Assim como a maioria das famílias de agricultores da época a base da alimentação era do que produziam, a partir do desenvolvimento de policultivos e estratégias de produção que dessem conta de suprir as necessidades. Assim como também os utensílios, equipamentos, artesanatos e ferramentas eram produzidos em casa. A condição de reprodução da família e do sistema produtivo exigia a produção de alimentos e de processados, visando o aproveitamento e a conservação dos alimentos em um período que não existia a energia elétrica, portanto não tinha como conservar certos alimentos em refrigeração. Períodos em que a carne de gado era transformada em charque e a de porco era guardada na lata. A doação e trocas de carnes e outros alimentos, assim como das sementes era garantia de ter sempre, estabelecendo relações não-capitalistas. Construindo

relações de reciprocidade que configuravam uma sociabilidade num determinado tempo/espaço.

Na fala de FG9 dá a noção de onde vinham as sementes, de como conservavam, dos utensílios que usavam, também para guardar sementes, e do utensílio atual.

A gente se criou, o pai e a mãe antigamente pelo que me lembro. Compra? Era só do galpão (falando das sementes). [...] Antigamente tinha as caixa com pó (palha moída do feijão), daí não carunchava também. O baú como diziam, as tuias [...], daí ia tudo com pó. A mãe ia bota cozinhá, pegava a peneira, ia lá, abanava, lavava e hó (pronto pra cozinhar/comer). E dali saía o feijão que ia planta (as sementes). Hoje não. Terminou a tuia, hoje a tuia é o litrão. (FG9)

Esta narrativa da FG9, um exemplo, de chegada da modernização no hábito, a substituição das tuias pelo plástico (era do plástico - energia fóssil), assim como as demais famílias, o *litrão*, garrafas pet, são utilizadas para armazenar sementes. Um exemplo de adaptação, de formas de convívio, com as imposições do sistema atual, sem deixar perder a relação/utilização de sementes crioulas. Nos *litrões* se encontram principalmente variedades de feijão e milho.

Na atualidade, a produção de soja e do leite são as principais atividades econômicas desenvolvidas no meio rural, causadora de grandes alterações na paisagem natural e na cultura da população.

3 O SIGNIFICADO DO “SER” FAMÍLIA GUARDIÃ DE SEMENTES CRIOULAS

“Nós não queremos perder as origens. Se nossos antepassados só produziam com semente crioula, por que hoje não pode?” (FG1)

O capítulo anterior já possibilitou começar a permear no mundo das famílias guardiãs de sementes crioulas e também entender as razões da pergunta da FG1, indicada na chamada acima. Fazendo uma analogia com sua pergunta poderia propor-se: Por que não podemos ser famílias guardiãs das sementes crioulas?

Procuró agora, dar um entendimento sobre a definição de família guardiã de sementes crioulas, o que, de certa maneira, justifica o porquê de não estar utilizando a denominação ‘agricultores guardiões de sementes crioulas’.

Na primeira seção do capítulo, trago o apoio teórico antropológico à reflexão para o entendimento conceitual dos termos família, guardiã e sementes crioulas, para posteriormente trazer um ensaio da unidade ‘família guardiã de sementes crioulas’. Na segunda e terceira seção, com base no aporte conceitual, faço o diálogo com as famílias guardiãs de sementes crioulas dos municípios de Ibarama e de Tenente Portela, respectivamente.

Entender a família guardiã considerando sua “tradição”, seu “costume”, sua “mania”, o “porque gosta”; adjetivos utilizados por elas como justificativa de suas relações com as sementes crioulas, no intuito de caracterizar (ou tentar caracterizar) o sentido de serem famílias guardiãs de sementes crioulas.

Procuró identificar a materialidade do vivido; do que dá o sentido para esses adjetivos, em passagens de seus contar de cotidianos, focando o olhar nas trocas, no trabalho, nas sementes da comida e na relação ecológica com o ambiente em seus trabalhos.

É importante considerar, desde já, que as sementes fazem parte do contexto familiar. Ao que se sabe há sementes que estão na família a três gerações. Portanto, além do aporte teórico, entender o olhar “por sobre seus ombros”, conforme Geertz (1989), entender sua percepção da natureza e do trabalho.

Procuro entender ‘família’, a partir do olhar antropológico de Woortmann (1990, p. 12), que propõe considerá-la “não como força de trabalho, variável ao longo do ciclo do desenvolvimento do grupo doméstico, mas como um valor, o valor-família, permanente no tempo”.

O autor centra, na produção cultural da família enquanto um valor, para a qual lhes atribui à qualidade de campesinidade, que está presente em maior ou menor grau em distintos grupos específicos. Considera ainda que, a reprodução social camponesa se constitui em uma ‘ordem moral’ a qual se conforma na interdependência entre família, terra e trabalho.

A família, enquanto grupo doméstico compreende uma organização interna de relações de poder, hierarquias, divisão de trabalho e legitimidade de espaço, definindo unidades de produção e de consumo, mercadoria e comida, que demarcam uma representação masculina e outra feminina.

O grupo doméstico é compreendido como um sistema de relações internas e externas, em que as primeiras orientam-se por princípios de hierarquia e de gênero e definem o processo de trabalho na unidade de produção e consumo, assim como, as atividades de cada membro da família. (MACHADO, 2014 apud MAIA, 2004, p. 47)

É na definição do processo de trabalho e de consumo das famílias, que se pode identificar que as sementes permeiam entre mãos masculinas e femininas.

A oposição entre o masculino (pai de família) e o feminino (dona de casa), é complementar, mas estruturam domínios distintos: cultivo agrícola - pai e, afazer doméstico - mãe.

O caráter indissociável do vínculo entre unidade de consumo e unidade de produção apresenta-se, então, não como uma coletividade de indivíduos homogêneos e intercambiáveis, como tende a ser concebido o processo de trabalho industrial, mas conformado pela distinção de domínios complementares pensados como mundo das mulheres e mundo dos homens. (GARCIA; HEREDIA, 2009, p. 229).

O grupo doméstico como unidade de consumo e de produção, deve produzir tanto valor de uso quanto renda monetária, não só para reproduzir sua força de trabalho, mas reproduzir sua família, “a articulação necessária entre a produção de

valores de uso e de mercadorias – inclusive força de trabalho - é o princípio organizador básico do grupo doméstico, através de seus papéis centrais” (WOORTMANN, 1983 p. 73).

Analisando a organização interna das unidades de produção de camponeses do Nordeste brasileiro, Heredia (1979) identifica o espaço de trabalho delimitado pela oposição casa-roçado, sendo o roçado, o espaço do homem e onde se materializa a produção e, a casa, o espaço da mulher e onde se materializa o consumo. O espaço do consumo identificado como de domínio das mulheres, podemos sugerir que se constitui também em espaço de seleção de sementes que se associam a unidade de consumo. É na casa que determinados alimentos quando manipulados para a elaboração da comida, a exemplo de abóboras, mogango, moranga, pepino, tomate, suas sementes são selecionadas, secadas e guardadas a fim de garantir a futura produção desses alimentos.

Os espaços onde se desenvolvem a unidade de consumo e de produção, também possibilitam analisar que “[...] a classificação de espaço natural é também uma classificação de espaços sociais e de domínio pertencentes a cada gênero”, (MACHADO, 2014 apud E. WOORTMANN, 2007, p. 53). A partir de seus estudos, ambas as autoras mencionam que apesar de homens e mulheres circularem nos espaços ditos de homem e de mulher, “no plano do discurso público se mantém a classificação tradicionalmente hierarquizada desses espaços” (p. 53).

Ainda, cabe destacar a existência de particularidades que caracteriza cada unidade de produção, ou seja, sua especificidade, especialmente no universo da diversidade dos ambientes naturais, e das relações das pessoas nesse ambiente no desenvolver a produção. Woortmann (2009), em estudos dos sistemas agrícolas de sítiantes sergipanos identificou 26 modalidades de consórcios entre plantas cultivadas, que segundo a autora, a relação com a natureza não expressa somente técnicas, mas também princípios morais.

No mundo das famílias guardiãs a organização das relações sociais sugere que tem sementes do consumo, no espaço das mulheres e sementes da produção, no espaço dos homens. Não vistas separadas, mas na complementaridade, que em certa medida dá identidade a composição familiar pela composição dos reservatórios de sementes crioulas mantidos pelas famílias, seus manejos e uso culinários, tendo parte das sementes desses reservatórios sendo mantidas por gerações e assim também as práticas e conhecimentos associados a elas.

Por vezes, por seu volume pequeno, em pacotinhos, latinhas, às vezes guardadas em gavetas, saquinhos dependurados, as sementes característica da casa, passam despercebidas, demonstrando certa invisibilidade, dessas sementes mantidas pelas mulheres.

Portanto, não se podem desconsiderar as relações de gênero, a importância da atividade da mulher é tão importante quanto a do homem, para a reprodução social da família, “ainda que menos visibilizada se comparada à dele no plano público e voltada mais para a reciprocidade que para o mercado” (WOORTMANN, 2009, p. 128).

Procuro com o termo família, ampliar a perspectiva do entendimento de que as sementes crioulas são partes do funcionamento do sistema de reprodução social das famílias.

Guardar e reproduzir semente crioula estão na materialidade da lógica de reprodução social da família, garantida pelo trabalho que se realiza na unidade de consumo e unidade de produção.

Em minha primeira excursão a campo, tanto o termo família não estava presente, assim como também o transitar das sementes, nas mãos de quem e em que espaços. As sementes das comidas ocupam os espaços das mulheres.

As sementes crioulas em seu processo de produção/reprodução são submetidas a uma sequência de etapas, que se diferenciam dependendo da espécie, por quem o trabalho é realizado e, dependente de sua utilização, na esfera social da família, tanto na produção-consumo, como nas relações de reciprocidade e de venda.

As relações estabelecidas com as sementes crioulas trazem vivas histórias de pessoas, o respeito às histórias vividas e orgulho em preservar aquela semente, um manifestar-se. A semente passa ter um valor significativo fazendo parte daquela história familiar, dando referência as suas vidas e em alguns casos nos traz como um sentimento de herança e de hereditariedade.

Nessa perspectiva que também se utiliza como base a visão de Woortmann (1995), no estudo realizado com colonos teuto-brasileiros, trabalha com a ideia de *Stammhäuser*, famílias-tronco, equivalente a *famille souche* na França, como unidade básica de parentesco no plano das relações sociais. Portanto, trata-se de uma representação social, fundada na descendência. No entendimento de árvore, a raiz seriam os imigrantes, enquanto base de uma descendência, de onde derivariam

os troncos de várias árvores. Nesse caso, a família é concebida como descendência, que determina as práticas matrimoniais numa concepção patrilinear, assim como detentora do patrimônio. Segundo o autor, “a cada geração ela é ocupada por uma família extensa, equivalente à *famille souche*, guardiã do patrimônio para as gerações seguintes” (WOORTMANN, 1995, p.135).

Em nosso estudo a descendência, se mostra como ponto chave para manter a tradição de suas práticas de trabalho e manutenção de sementes. O leitor poderá perceber que durante todo o texto há manifestações que indicam referências aos antepassados, apontando para uma prática trans-geracional.

Giddens (1997, p. 78) traz uma noção de guardiães, enquanto a manutenção da tradição. Em seu livro *Modernização Reflexiva*, onde aborda a “(auto) destruição criativa da sociedade industrial”, ocasionada pela própria “vitória da modernização industrial”, que reconstrói a tradição enquanto a dissolve. Em outras palavras, “primeiro a desincorporação e, segundo, a reincorporação das formas sociais por outra modernidade”, afirmando, portanto, que não haverá uma revolução, mas uma nova sociedade.

É nessas reflexões que Giddens (1997, p. 80), considera a noção de ‘guardiães’, sinalizando que “a tradição é impensável sem guardiães”. Para o autor, “a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente”.

Por isso, o autor formula que a tradição está envolvida com o controle do tempo, no sentido de um caráter repetitivo da tradição. Em que a repetição “[...] chega fazer o futuro voltar ao passado, enquanto também aproxima o passado para reconstruir o futuro” (GIDDENS, 1997, p. 80), como um voltar a ser. O ritual é apontado como o meio prático de preservação da tradição, enquanto um mecanismo que preserva a memória coletiva e verdades inerentes ao tradicional.

Nesse sentido, em Giddens (1997, p. 81), “a tradição está ligada a memória coletiva, envolve rituais, possui guardiães, verdade formular e tem força de união que combina conteúdo moral e emocional”. Ainda, o autor sinala que a tradição possibilita uma segurança ontológica e é um meio de identidade, vista como “a criação da constância através do tempo, a verdadeira visão do passado com o futuro” (p. 81).

As memórias coletivas fazem parte de grupos, sociedades, lembranças daqueles que as reconhecem, só assim, podem ser ao mesmo tempo reconhecidas e reconstruídas (HALBWACHS, 2006), possibilitando a criação de identidade.

Para Giddens (1997), os “guardiões” possuem acesso privilegiado a verdade, que se manifestam em suas práticas, ao interpretar o ritual, ou seja, sua ação, seu fazer, sua orientação, o que dá identidade recriando socialmente a tradição.

Santos (2014), estuda os sistemas de produção de queijos artesanais, em dois Estados do Brasil, os Queijos Serranos produzidos nos Campos de Cima da Serra – RS e os Queijos do Serro, produzidos na região de Serro - Minas Gerais, identificando os “guardiões da tradição da produção de queijos”. A autora caracteriza os guardiões como “gente que reproduz técnica, expressa saberes, cria e recria tradições, construindo, assim, o jeito de ser e de viver do lugar” (SANTOS, 2014, p. 59).

No caso das sementes crioulas, o ritual é identificado no ‘fazer as sementes’ ou de ‘preparar as sementes’, técnicas apreendidas *em casa*; ‘de trocá-las’, acreditando manter a integridade de cada variedade em específico, uma semente boa para uma boa produção, garantindo assim, a reprodução de seus sistemas; na ‘elaboração de alimentos’ a partir daquela fonte de produto; no ‘trabalho conjunto com filhos’, transmitindo ensinamentos que praticam no dia a dia.

Este fazer as sementes tem organizações próprias, dependendo da variedade e também se diferenciando por quem as faz, retrata uma diversidade de conhecimentos e possibilidades. Variedades alógamas, a exemplo do milho, o cuidado é mais meticuloso, vai desde a escolha da área e/ou época para o plantio, passando pela a escolha de espigas, avaliando o empalhamento e disposição de fileiras de sementes e posteriormente é realizada a seleção de grãos, a debulha, o ponto de secagem e o armazenamento, tudo em acordo com suas ideias de plantio e seus equipamentos. Cada família com sua especificidade. As etapas são cumpridas como um ritual, que se justificam pela tradição, um conhecimento aprendido com seus antepassados, reinventados e mantidos até os dias atuais, em vistas de garantir a reprodução doméstica.

Este ritual no entendimento de Anthony Giddens implica na “verdade formular”, ou seja, “linguagem próprias e uma *verdade em si*”, é uma linguagem ritual com a interpretação de guardiões (GIDDENS, 1997, p. 83).

De posse das contribuições dos autores anteriormente considerados, as famílias guardiãs de sementes crioulas devem ser percebidas na complementaridade de seus sentidos aqui abordados, ou seja, guardar sementes é uma característica da campesinidade da família, de reproduzir hábitos que recriam a tradição, de trabalho, de gosto, de alimentação, de espaços de poder, de reciprocidade, de um *valor família*.

O manter sementes em espaço de consumo e de produção, com seus atores específicos, consolidam a complementaridade do grupo doméstico na perspectiva de garantir sua reprodução.

o apego à tradição pode ser o meio de sobreviver à grande transformação: manter-se como produtor familiar em meio ao processo mais geral de proletarização ou de empobrecimento. A tradição então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro. (WOORTMANN, 1990, p. 17)

No caso das famílias guardiãs de sementes crioulas no sentido da tradição, aqui em reflexão, pode-se considerar uma leitura a partir de Giddens (1997), em ordem de tempo inversa. Ou seja, por um processo de descontinuidade imposto pela modernidade, as sementes crioulas tradicionalmente mantidas em comunidades por relações de reciprocidade, passam a ser privadas e mediadas por trocas mercantis. Época em que as sementes crioulas e as famílias que as conservam são desvalorizadas, assim como os conhecimentos associados a elas. No caso específico, estas famílias que mantiveram a continuidade do uso das sementes e sua reprodução, anteriormente comum às comunidades, são as atuais famílias guardiãs de sementes crioulas. Torna-se, família guardiã na modernidade.

Portanto, o conviver, 'sementes crioulas e famílias guardiãs' deverá ser entendido na complexidade de seu sistema, de suas relações historicamente construídas, as quais estão presentes na organização do trabalho, na alimentação familiar, nas relações de reciprocidade, constituindo sistemas diversificados e específicos de reprodução social em cada família. Por isso, para as famílias guardiãs as sementes crioulas, não são consideradas unicamente uma semente, diferentemente da relação estabelecida com as sementes modernas de aquisição mercantil, mas como *e/o*, de sistemas complexos e diversificados, do presente com o passado com base em suas tradições. Nas famílias guardiãs *sempre* tem semente que chega e semente que sai, por diferentes motivos.

Numa concepção ideológica, a existência de famílias guardiãs contraria qualquer sistema de privatização de sementes, e desta forma também, a agricultura convencional. Aquelas que mantêm relação com as variedades híbridas, pressupõem uma relação de segurança econômica frente à possibilidade de frustração de safra, especialmente de estiagem pelo o acesso de seguro agrícola.

A relação com as sementes transgênicas é de um sentimento de ameaça por um lado, e de outro, instiga uma relação de resistência. A ameaça se deixa perceber quando manifestam as preocupações com a saúde, contaminação pelo uso dos venenos, contaminação das sementes crioulas de milho, situações que antigamente não estavam presentes. A relação de resistência é pela própria manutenção das sementes no decorrer dos anos e pela capacidade organizativa das famílias em vistas a sua manutenção e resgate, e dessa forma a defesa das sementes.

O manter espécies crioulas e conservá-las como semente vão além da produção propriamente dita. É uma história de vida, de afirmação com seus antepassados, estruturadas em suas relações produtivas, ambientais e sociais, agindo em acordo ao sistema cultural acumulado. Relações sociais de reciprocidade; que afirma uma coletividade entre pessoas que não só mantêm as sementes crioulas, mas de um posicionamento social, que se transforma em ideológico ao se contrapor a lógica do modelo dominante. Reafirmando um jeito tradicional de ser.

Muito das características tradicionais tem se mantido, em especial entre os agricultores familiares tradicionais. Segundo Petersen et al (2009), buscam inovar suas práticas não pela ruptura com seu passado, mas ao contrário, é na tradição, a inovação se materializa, construindo o futuro a partir de suas histórias e da cultura local.

Demonstrando o conhecimento empírico, sobre o ponto de secagem das sementes do milho para o armazenamento no litro, FG9 explica o procedimento, “escolho no galpão, quando tá no ponto de enxuto, quando vejo que tá enxuto, que não precisa tá soleando e nada né, daí eu pego e classifico bem ele e enlitro, fecho bem o litro”. Quando questionado de como identifica que a semente tá enxuta, (responde ao pegar um punhado de semente de milho na mão), “eu? O teste é o velho e antigo. Chacoalha né, aquele barulhito né”.

Na verdade formular, identifica-se que existe uma comunicação da família em suas práticas de elaboração de sementes, pois é o barulho da sementes que diz para o FG9 quando está no ponto de secagem, ou não.

As famílias guardiãs asseguram uma identidade de origem familiar, através da manutenção e reprodução, das sementes crioulas. Reordenam práticas, readaptam tecnologias, mas sobre tudo, mantém uma importância singular das sementes, a de reprodução de um sistema familiar, com certo grau de autonomia, especialmente relacionada à obtenção de comida. O, “não precisar sair de casa para comer”, dito por FG2 atribui uma importância cabal às sementes crioulas, visto serem elas que possibilitam essa condição. É através delas que tiram boa parte, do provimento de suas comidas.

No estudo, foi identificado que as sementes guardadas por gerações na unidade de produção têm uma identidade patrilinear e as sementes da unidade de consumo, uma identidade matrilinear constituindo um valor-identidade. Porém, é importante considerar que estas unidades se mantêm pela complementaridade estabelecida por relações de interdependências.

Sementes são mantidas e resgatas pelo que significaram na vida social do passado, materializando um presente, guardando tradições que permanecem na atualidade.

Assim, as famílias guardiãs de sementes crioulas se apresentam como uma categoria, e são entendidas a partir da prática trans-geracional de consistência auto-histórica, identificada no guardar sementes. Sementes que eram de seu avô, sua avó, pai, mãe, sogra, da família. De práticas que efetivam esta manutenção seja pelo sistema de produção como de consumo. De uma organização social na realização do trabalho e reprodução familiar, que aponta uma complementaridade entre os espaços hierarquizados ‘ditos’ de homem e de mulher, onde sementes diferentes são manipuladas, assim como, diferentes saberes. Emergindo, nesse sentido, um tipo peculiar de agente produtivo, - a família guardiã.

3.1 Considerando as sementes crioulas

Em Moreno (2005, p.5), é trazido o sentido totêmico das sementes como “a

instância do que é possível, do universo em potência, da condição de existência da matéria e, portanto, do vir a ser de todas as coisas do mundo”, considerado para todas as culturas ao longo da história.

Na perspectiva de Maturama (2001, p. 52), as sementes são uma “unidade autopoietica”, por “produzirem de modo contínuo a si próprio”. Considera que em um ser vivo existe um sistema autopoietico e que este se caracteriza em si, porque “ele próprio se levanta por seus próprios cordões, e se constituiu como diferente do meio por sua própria dinâmica, de tal maneira que ambas as coisas são inseparáveis”.

A autopoiese aplicada às sementes pode-se considerar que o processo de manipulação genética modifica com radicalidade a ontogenia das sementes, entendida como “a história das mudanças estruturais de um dado ser vivo” (MATURAMA, 2001, p. 107). O que em sua avaliação mudaria a organização da semente, portanto seria outra coisa.

“O que caracteriza o ser vivo é sua organização autopoietica. Seres vivos diferentes se distinguem porque tem estruturas distintas, mas são iguais em organização”. (MATURAMA, 2001, p. 55). O autor ainda complementa que a autopoiese é o mecanismo “que faz dos seres vivos sistemas autônomos”, porém, o que isso pode significar quando se fala em *gen terminator*?

A mercantilização da semente quebra a unicidade da semente. Lacey, afirma que

A mercantilização baseia-se assim na quebra da unidade da semente, de um lado como geradora de uma colheita, de outro como reprodutora de si mesma. Liga-se dialeticamente com a transformação das relações sociais na agricultura na direção de um crescente domínio do agronegócio (LACEY, 2000, p. 4).

As técnicas tradicionais de seleção de sementes crioulas, portanto, é um saber culturalmente aprendido e transmitido, de domínio de quem as produz. Este está associado também às sementes tradicionais.

Ao perder a semente crioula, a necessidade de comprar no mercado, leva a trazer para casa o que mercado oferece e não, necessariamente, a variedade que seria mais apropriada para o sistema desenvolvido e adaptado as condições ambientais e econômicas.

As sementes crioulas trazem em si a diversidade, com base genética ampla, as diferentes espécies/variedades crioulas manejadas pelas famílias (Figura 02), atendem a necessidades específicas de hábitos alimentares, adequadas as suas

condições, fazem parte de um sistema de complexo, que se mantém em reprodução.



Figura 02 - Família guardiã com suas variedades de milho

Fonte: Acervo da autora (2013).

A agricultura moderna se caracteriza pelo uso de um “pacote tecnológico” que envolve: mecanização para redução da mão de obra; aumento de insumos para aumentar rendimentos; controle químico de ervas, patógenos e insetos; e, o uso de variedades de sementes melhoradas, usados simultaneamente devido a interdependência de cada um (QUEROL, 1993, p. 18).

Junto às sementes adquiridas, em especial as transgênicas, estão incorporadas outras necessidades, pela lógica do mercado. O uso de fertilizantes químicos de alta solubilidade, agrotóxicos e secantes passa a ser recorrente. O avanço da ciência, através da biotecnologia, aproximou cabalmente a agricultura da indústria, não sendo mais possível separar as sementes com características definidas de seu produto, a exemplo da soja resistente ao herbicida, que está associada ao glifosato.

Moreno (2006) traz duas abordagens referentes as transformação e dominação econômica das sementes pelo capital. Primeiro considera as colocações de Shiva

[...] as sementes, então, apresenta ao capital um empecilho biológico simples: dadas as condições apropriadas, ela se reproduz e se multiplica. O moderno cultivo de plantas tem sido em primeiro lugar uma tentativa de remover esse empecilho biológico e as novas tecnologias são as ferramentas mais recentes para transformar em mera matéria prima, o que é, simultaneamente, meio de produção e produto (Shiva 2001 *apud* Moreno, 2007, p. 7).

Em segundo, aborda “o desacoplamento entre semente e cereal” das sementes iniciado com o processo da hibridação (MORENO, 2006, p. 7).

Todas estas condições alteram radicalmente as dinâmicas da vida do mundo rural, das relações de reciprocidade que veio garantindo a adaptação de sementes no decorrer da história.

As sementes segundo Shiva (2001) possuem diferentes facetas, sendo simultaneamente entidade biológica, parte de sistemas ecológicos e produto de desenvolvimento humano e, neste último sentido, compatíveis com valores culturais e organização social locais.

O processo de evolução e adaptação que as sementes crioulas, são identificadas por Carneiro da Cunha (2013) em seus estudos sobre as sementes da Paixão no Estado da Paraíba, a autora relata que as sementes são submetidas a cada safra/ano, que se encontram condicionadas, tanto as questões ambientais e práticas de manejo, assim como das práticas de troca e intercâmbio do material genético que as famílias realizam através das relações de reciprocidade.

As famílias guardiãs de sementes crioulas vêm cumprindo um papel de fundamental importância. Montam seus reservatórios de sementes referenciados em suas tradições. Com sistemas produtivos específicos, atua na comunidade constituindo contextos sociais, através de relações como a reciprocidade, socializa sementes, produto de seus trabalhos e do conhecimento associado a elas. Sementes estas que circulam livres, que possuem sabores e aromas, com significado diferente, dependendo do contexto em que a comida é preparada e consumida.

A circulação de variedades crioulas é comum entre famílias que desenvolvem uma agricultura de base tradicional, mas também ocorre entre outras famílias agricultoras, a exemplo das famílias guardiãs de sementes crioulas de Ibarama onde

algumas delas produzem fumo. Porém, como aponta Emperaire (2008), não se trata unicamente de uma coleção de variedades de sementes, são processos contínuos de adaptação.

Assim, a coleção de variedade de mandioca cultivadas por uma agricultora não é um conjunto estático, mas uma entidade dinâmica, em contínua interação com seu meio ambiente humano e ecológico. Essa grande diversidade é construída tomando por base a circulação de material genético e dos saberes associados. (EMPERAIRE, 2008, p. 348)

Da forma ocorre com as famílias guardiãs de sementes crioulas, considero ainda a manutenção das sementes pela trans-geracionalidade por onde determinadas espécies percorrem. As sementes e as famílias guardiãs passam a significar resistência ao processo de erosão cultural e genética, em épocas de hegemonia da agricultura moderna, enquanto alternativa de vida e de relação social e com o ambiente natural. Projetos coletivos baseado na tradição se contrapõem a modernização sustentada no individualismo.

Existe um conjunto de organizações sociais no mundo todo que tem defendido sistemas de reproduções sociais que mantém as sementes crioulas. Constituindo redes que vão ganhando territórios em diversas esferas e espaços.

3.2 Famílias guardiãs de Ibarama

*“A gente não se vê na terra sem as sementes. A gente não se vê sem elas”
(FG3 - Ibarama).*

3.2.1 Entendendo as famílias guardiãs de Ibarama

A origem das famílias guardiãs, moradoras no município de Ibarama, nos remete ao período da colonização alemã e italiana, quando seus avós e bisavós vieram da Alemanha e Itália colonizar a região de Serra do RS, sinalizando as últimas três décadas do século XIX.

As de origem italiana passaram antes pela Quarta Colônia, municípios de Caxias, Bento Gonçalves e Três Passos. Os de origem Alemã vieram de Porto

Alegre e de Cachoeira, passando por Agudo e, posteriormente a Sobradinho, hoje município de Ibarama. Tantos os alemães como os italianos adquiriram, através de compra, lotes de terras, apesar de estes lotes terem um tamanho padrão de aproximadamente 30ha. Sabe-se que entre os colonos havia negociações compra de parte desses lotes, subdividindo-os em parcelas de terra de tamanho menor.

Percebe-se que o processo de mestiçagem de italianos e alemães ocorreu principalmente nas duas últimas gerações.

Em conversa com FG4; ela comenta sobre um livro que traz a origem da família de sua mãe. No livro tem o resgate de que seu bisavô, nascido em Genova-Itália vem para o Brasil 1886, após desembarque na Argentina (ARBUGERI, 2010). Na descrição de sua pesquisa, realizada na Itália, Arbugeri (2010), traz um testemunho sobre as dificuldades vividas na Itália, no período das migrações.

Contou-nos que havia inúmeras dificuldades naqueles tempos, em especial devido à seca e às frequentes guerras. Muitas pessoas morreram de fome ou nas trincheiras, motivando a imigração de milhares de pessoas a diversos destinos. Não estavam delimitadas, na época, as fronteiras da Itália, e Rovegliana ficava próxima da Áustria, local de frequentes guerras. (ARBUGERI, 2010, p. 17).

O ambiente natural, encontrado pelos migrantes ao chegar a Ibarama, característico de floresta subtropical, a derrubada do mato foi o primeiro desafio, juntamente com a produção de comida. Aos poucos o mato foi dando lugar às roças. As técnicas de derrubada e fogo eram utilizadas para a abertura das roças novas. O trabalho era realizado a partir de tecnologias rudimentares, com e sem tração animal, aplicada sob áreas de mata. Esta situação exigia grande esforço das famílias, no sentido do trabalho físico como também de organização social de ajudas mutuas.

A produção realizada para fins de obtenção de renda era a banha de porco, fumo em corda e de galpão, feijão, o trigo, frutas, conservas, chimias. Destas atividades o fumo foi o que permaneceu em comercialização, atravessando décadas e modernizando suas técnicas de produção e beneficiamento. Cabe considerar, que foi neste ambiente e convívio familiar, que as atuais famílias guardiãs passaram sua infância e desenvolveram seus hábitos e habilidades da produção agrícola.

Conforme o descrito no capítulo 2, sobre o processo de desenvolvimento da agricultura do município de Ibarama, aqui queremos que o leitor conceba que: - as famílias guardiãs têm em suas trajetórias de vida, uma relação consolidada com a

troca mercantil desde seus antepassados, em especial pela produção do fumo. Nessa perspectiva, também cabe resgatar a visão do pai de FG3, de que o dinheiro do fumo tinha que sobrar e, portanto, para comer tinha que produzir o que ainda nos dias de hoje, em boa medida é identificado e; - a cultura do fumo é desenvolvida por três famílias guardiãs envolvidas no presente estudo.

As famílias guardiãs, possuem terra própria que variam de 13 a 24ha e estão entre 38 a 72 anos de idade.

Até a década 60-70, a comercialização acontecia na própria comunidade, pela venda direta e indireta, através de atravessadores e de armazéns, onde entregavam suas produções. Pelos relatos, percebe-se que a produção de comida também era destinada a obtenção de renda. E que, as relações sociais de reciprocidade eram reguladoras importantes da economia, do consumo e do trabalho, estruturantes de um modo de vida da época.

A fabricação artesanal, também tinha a dupla função, do consumo e da renda. Da cultura alemã foi possível identificar as conservas como de pepino e repolho e, as chimias, elaboradas com chuchu, mandioca, laranja e outras, com açúcar mascavo, o que chamavam de “chimia de cana”. Da cultura italiana trouxeram a produção de vinho, moinho, marcenaria e serralheria.

Atualmente a renda das famílias provém do fumo, fruticultura, mel, sementes (especialmente de milho), hortaliças, artesanato.

Muitas das práticas de produção e beneficiamento de outrora, ainda fazem parte no sistema de vida atual das famílias guardiãs, assim como muitas espécies de sementes crioulas.

As sementes são um vínculo forte das famílias guardiões com os antepassados, as famílias em diferentes momentos, ou em diferentes afazeres remontam a memória, trazendo ao presente sua tradição, ao mesmo tempo assumindo um compromisso com esta.

Conforme mostra a tabela 03, foram identificadas 25 variedades de 12 espécies de plantas cultivadas, que vem sendo trazidas desde suas famílias, pelo mínimo, por duas gerações. Cabe considerar que a maior parte dessas espécies/variedades, se encontra em mãos das duas famílias de mais idade. Se considerarmos as sementes mantidas a mais de 15 anos, relativo ao período anterior a organização das famílias, identificamos 13 espécies e 36 variedades, junto

a estas quatro famílias. Um rico acervo de variedades, (Tabela 03) que aponta para uma composição alimentar, herdada.

Tabela 03 - Origem de diversas espécies de sementes mantidas pelas famílias guardiãs de Ibarama, RS. 2014.

ESPÉCIES	ORIGEM DAS VARIEDADES DE SEMENTE	
	VARIEDADES DE ORIGEM FAMILIAR	VARIEDADES COM MAIS DE 15 ANOS
Milho	5	3
Feijão	3	1
Mandioca	1	-
Melão	3	-
Alho	2	-
Esponja	1	-
Mogango	1	-
Moranga	1	-
Melancia	2	-
Abóbora	3	-
Amendoim	1	1
Batata doce	2	4
Tomate	-	2
TOTAL	25	11

Fonte: Elaboração autora 2015.

Com o levantamento, de parte, da agrobiodiversidade manejada, percebemos que a partir da produção das sementes e sua conservação, é possível considerar a organização do trabalho e da reprodução social da família, pela particularidade do que apontavam a manutenção das sementes.

Quando perguntava de onde vinham tais sementes, e em meu pensamento iria receber uma resposta que indicaria um lugar ou uma cidade, a resposta me indica o lugar da casa, e na casa, de quem realizava o manuseio. Então as respostas eram: - da família; - do pai; - da mãe; - da sogra; - do avô, - da avó. O que deu a pista para entender uma identidade das sementes, ligadas ao espaço e ao trabalho, mas também a trans-geracionalidade que a sementes segue.

No levantamento das 25 variedades, as respostas apontaram para uma identidade de descendências patrilinear e matrilinear, às sementes. Nesse sentido, identificamos que: duas variedades como sendo da família, ou 4%; cinco variedades ou 20%, provenientes do pai/avô e, 18 variedades foram apontadas como sendo da mãe, sogra ou avó, o que significa 76% do total. Ainda cabe considerar que as cinco variedades designadas ao pai/avô são de uma espécie, do milho e que a diversidade das demais espécies são atribuições das mulheres, ou seja, uma descendência matrilinear.

Esta informação referência as sementes de milho aos homens, o que se mantém até os dias de hoje, sendo o espaço de sua produção de domínio masculino. Na esfera do consumo, identificamos a mulher, no cultivo e manutenção das sementes, no espaço da casa. Mesmo que se identifique a circulação de homens e mulheres em todos os espaços.

O manter viva a memória coletiva nos remete ao universo da FG1. A partir das práticas da chimia de cana que sua mãe elaborava, remonta na atualidade o passado vivenciado, pela socialização de informação associada ao resgate da agrobiodiversidade. (Possivelmente deve, também, sentir o gosto e o cheiro daqueles doces). Ele nos conta que “pra fazer a chimia de cana, era usada a cana-fita, a perna de moça e a chocolate (nome das variedades de cana-doce) e hoje consegui resgata estas variedades”.

É possível que este resgate esteja atrelado a condição de reconhecimento que as famílias guardiãs incorporaram após a organização da associação, o que trataremos na próxima parte.

Assim, também, as demais famílias, ao relembrem das variedades que seus familiares tinham, manifestam a vontade de resgatar aquelas plantas, revigorando a tradição a partir das sementes.

O resgate, das sementes utilizadas, vem acompanhado de histórias, elas estão atreladas a memória de um cotidiano vivido no passado. Muitas delas são mantidas e outras vêm sendo resgatas e outras não mais vistas. Segundo FG1:

O pai plantava quase todas as variedade (de milho) o Cateto Branco e ..., falando do Cateto Branco, o pai fazia ir no moinho e tinha que trazer daquela semente e faziam pão, pão misturado, polenta. Já, o milho Cunha miúdo com espinho na ponta dos grãos, não se viu mais.

A ajuda mútua e as trocas de serviço também foram identificadas e têm garantido que as atividades sejam realizadas, em tempo hábil, na sua melhor época. No convívio do trabalho de campo tive a oportunidade de acompanhar o trabalho realizado entre duas famílias na colheita e preparo do fumo para secagem. As práticas realizadas e vivenciadas com seus pais, FG3 lembra de um período onde faziam as “trocas de serviço, os puxirão, os pixirum [...], trocas de produto e se emprestavam. Não tinha dinheiro, não tinha banco”, organizavam um sistema social que garantia a reprodução dos sistemas em uma relação pré-capitalista.

A FG1 é referência na produção de milho crioulo, na época desta pesquisa mantinha 11 variedades de milho. Ele fundamenta seu saber, seu gostar, na tradição familiar do cultivo de milho por seus antepassados. Ainda, quando criança, já despertava seu legado de guardião das sementes de milho crioulo, e nos diz que, “o vô já plantava. Sempre gostei, e pedi um pedacinho (terra) pra plantar. Quanto mais colorido (semente), mais eu gostava”. E ela, nos conta que, “as mulheres que cuidam das petiscarias”, denominação atribuída a “todas as sementes da alimentação”. Novamente é apresentada uma vinculação, das mulheres às sementes da comida. E incorpora a esta mais um elemento o da ‘petiscaria’, no sentido dos volumes pequenos e das menores áreas ocupadas com a produção.

Sua referência aqui é das sementes que manipulam na cozinha, na horta, ou em espaço menor, reservado nas proximidades da lavoura maior, espaços onde ‘elas’ se reconhecem e são reconhecidas como as responsáveis. Aqui se identificam as hortaliças, feijões de vagem, feijões de cor, ervilhas, abóbora, melão, melancia, tomate, esponja, pepino, moranga, mogango, amendoim entre outras.

Ao questionar sobre as diferentes variedades que a FG2 mantém, ela considera que “não há dificuldades em manter as diferentes sementes, o cuidado é com todas elas, estamos acostumados. Gostamos de plantar, pra ter e comer. Não perder a semente”.

Para a FG3, ela diz que o trabalho da horta é das mulheres. E ele, logo comenta que “o mais pesado o homem *ajuda*, a terra, as aplicações”, se referindo ao preparo da terra e o uso do pulverizador. Por mais que ele também circula pelo espaço da horta, que no caso dessa família, a horta se localiza num espaço menor ao lado da lavoura maior, é caracterizado como *ajuda*. A hierarquia, do poder no espaço, se comprova.

O trabalho e o espaço de homens e mulheres é bem delimitado no plano do discurso público, que também é assumido pelas famílias, porém na circulação e no trabalho do dia a dia a complementaridade na reprodução da unidade doméstica, mantém sua funcionalidade.

As atividades de alimentação e artesanato são atribuídas à responsabilidade das mulheres.

Nas abordagens das famílias, sobre o que é ser família guardiã, obtive respostas que elucidam o vínculo das sementes com o manter a tradição, preservação da cultura, uma estreita relação com a comida, relação com o ambiente, com a saúde, estabelecer relações com os pares, compromisso com suas futuras gerações, enquanto características daquelas.

“É continuar cuidando, preservando as sementes crioulas que os antepassados só plantavam as sementes de milho crioulo. É da diversidade agrícola que retiramos o alimento de cada dia” (FG1).

“É quem guarda as sementes, resgate de sementes receita antiga, crochê, chá” (FG2).

“É carregar toda essa bagagem e seguir plantando, cuidando as sementes. Conhecer outros lugares e pessoas que produzem sementes crioulas” (FG4).

“Eu acho que é a gente está preservando a cultura, o meio ambiente, a saúde, uma tradição que os antepassados deixaram, deixando uma herança pro futuro, pros neto” (FG3).

As considerações sobre as sementes crioulas remetem a noção de autonomia e da preservação, é própria de quem as mantém. Também traz a compreensão da diversidade, considerando um atributo da condição crioulo, atribuído a outras espécies além do milho.

“Semente é autonomia. É autônomo. Eu digo, a gente é autônomo, é o dono da semente. Quem cuida. Quem produz. Quem preserva. Semente crioula não quer dizer só milho. É feijão, abobora, é.... São sementes crioulas, não milho crioulo” (FG3).

Para as famílias de Ibarama o milho crioulo é simbólico, pois foi a partir desta espécie que inicia todo um processo de debate, resgate, valorização e organização, sendo as sementes crioulas, orgulho de suas produções.

Todas as famílias plantaram milho híbrido por um determinado período, sem parar de plantar o milho crioulo, o qual é o utilizado na atualidade.

Porém a preocupação com a contaminação desta espécie pela transgênica é uma realidade, assim como a manutenção das crioulas em produção. O que leva a todos eles a preocupação com a sucessão das atividades com sementes crioulas. Apesar de contar com o neto de 12 anos, que conhece os nomes das diferentes variedades de milho que o vô tem FG1 se preocupa com o futuro das sementes.

Na FG2 e FG4 permanecem um filho e uma filha respectivamente, em cada uma delas (Figura 03). Estes têm acompanhado, não somente o processo de produção, mas toda a mobilização em torno das sementes crioulas, os anos de caminhada da Associação, o que pode dar garantia de continuidade da tradição do produzir sementes crioulas, pois segundo Spanevello (2008), o processo sucessional está relacionado com o convívio do trabalho agrícolas. O que possibilita as famílias guardiãs seguirem repassando seus ritos à futura geração.

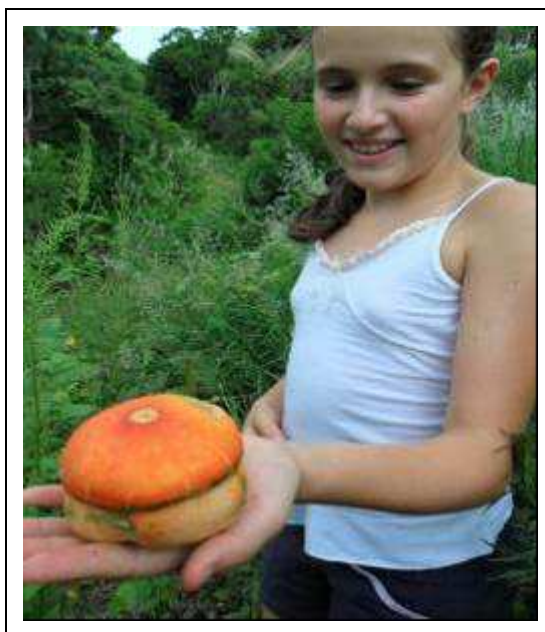


Figura 03 - Guardiã mirim com a moranga engarupada.

Fonte: Acervo da autora (2012).

A preocupação com a continuidade da preservação da agrobiodiversidade e do conhecimento associado a estas, temos aprendido com Associação no trabalhar com os Guardiões Mirins.

Em mobilização a Associação e a Emater, impulsionam um novo projeto, junto a secretaria municipal de educação e escolas, em vista a sucessão do trabalho com sementes crioulas, alcançar os jovens.

O momento místico, impulsionador do projeto dos guardiões mirins, foi durante o X Dia da Troca, em 2011, onde, “cada Guardiã “apadrinhou” uma criança presenteando-a com sementes de milho crioulo, dando início assim, ao projeto Garantindo o Futuro, Preservando as Sementes Crioulas (CASSOL, 2014).

O projeto foi encampado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Augusto Colombelli em parceria com a Associação, com professores e alunos que demonstraram interesse em participar do projeto. Em 2012, realizam o I Seminário Regional dos Guardiões Mirins, que permanece ocorrendo anualmente, ampliando a participação para várias escolas. No Dia da Troca os guardiões mirins estão presentes, apresentando, vendendo e trocando sementes crioulas (Figuras 04 e 05).

O trabalho desenvolvido a partir dos guardiões mirins nas escolas é uma representação de como pode ocorrer para garantir o processo de sucessão do uso das sementes crioulas.



Figura 04 - Guardiões mirins apresentando sementes.

Fonte: Acervo da autora (2015).



Figura 05 - Professora e guardiã mirim apresentando sementes.

Fonte: Acervo da autora (2015).

As avaliações das famílias sobre o trabalho dos guardiões mirins apontam para a possibilidade da sequência do trabalho, “o futuro de nosso trabalho”, como

falou FG3. Mas vinculam a efetividade do trabalho à participação dos pais. Para as famílias guardiãs aí se encontra o principal limitante, “o apoio em casa, incentivo e orientação”, segundo eles “as crianças têm interesse”.

3.2.2 Associação dos Guardiões das Sementes Crioula de Ibarama

O surgimento da Associação dos guardiões das sementes crioulas de Ibarama nos remete ao final dos anos 90. A prática de manutenção de sementes crioulas pelas famílias agricultoras e o trabalho propositivo, de extensão rural desenvolvido pela Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/RS-ASCAR, motivado pelos trabalhos em agroecologia, possibilitou o processo organizativo das famílias em torno das sementes crioulas. Parceria indispensável, num momento histórico do avanço da modernização da agricultura sob seu signo das *sementes melhoradas*, em especial as transgênicas no presente século.

Em 1998, foi iniciado um plano piloto em agricultura ecológica na Região Centro Serra, com o objetivo de transformar a região em pólo de produção de produtos livres de agroquímicos. Com esse propósito, foi identificado que várias famílias tinham tradição de cultivar suas roças utilizando variedades crioulas de milho. O que determinou o foco para a realização de reuniões e o incentivo da organização dos agricultores. A partir daí, 10 agricultores se prontificaram a iniciar, o trabalho organizado, para a multiplicação e resgate de variedades de milho crioulo. Nos seis primeiros anos, o grupo contava com 42 famílias, e resgataram 17 variedades de milho crioulo e na safra 2001/2002 foi produzido 6.830kg de semente (VIELMO, 2004).

O trabalho foi tão expressivo que resultou no primeiro ‘Dia da Troca de Sementes Crioulas de Ibarama’, em 2002. Desde então, o dia da troca passou a ser realizada anualmente, na segunda sextas feiras do mês de agosto. E a partir de 2006 foi realizada a primeira ‘Festa Estadual do Milho Crioulo de Ibarama’, no ano de 2014 houve a quarta edição da festa.

O processo de organização levou a formalização da associação após 10 anos de relacionamento grupal e destes com seu principal agente parceiro a Emater,

através de seu extensionista Giovane Viélmo. Aqui cabe considerar que todas as famílias manifestaram a importância do acompanhamento técnico, como determinante para a consolidação da associação e das atividades realizadas a partir dessa, assim como de avanços alcançados, em tudo o que tange as sementes crioulas, no município de Ibarama.

A Associação dos Guardiões de Sementes Crioulas de Ibarama foi registrada, portanto, no ano de 2008 com 23 sócios, com o objetivo de manter as sementes crioulas e também com os propósitos de resgatar e manter os saberes e conhecimentos tradicionais locais, associados às sementes crioulas.

A Associação possibilitou considerar o compromisso social a partir da manutenção das sementes. Porém, esse foi um processo apreendido em sua contradição, conforme salienta Cassol (2013, p. 59), em seu estudo, “a constituição da Associação não foi um caminho percorrido facilmente, pois conforme os relatos dos atuais associados muitos tinham medo do envolvimento e comprometimento”.

Outros atores importantes que estão vinculados aos propósitos do trabalho desenvolvido em Ibarama é a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e a EMBRAPA Clima Temperado, em Pelotas.

Em particular, a parceria com a UFSM, tem possibilitado a realização de diferentes projetos de pesquisa, tanto na área agrônômica como na geografia. Tive a oportunidade de visualizar experimentos implantados com variedades de milho crioulo, acompanhados por alunos e professores da UFSM. Essa aproximação tem possibilitado a valorização das famílias guardiãs e das variedades crioulas, assim como, aproxima a relação da universidade, dos novos profissionais, através de métodos de pesquisa participativa. Além dos resultados de experimentos e de trabalhos de conclusão de curso, essa parceria levou a consolidação do Seminário da Agrobiodiversidade Crioula e da Feira da Economia Popular Solidária do Território Centro-Serra, que passaram a ser realizadas anualmente, concomitantes ao Dia da Troca, desde 2012. Trazendo para os eventos espaços de reflexão sobre o tema, o que levou a ampliação do público envolvido nos eventos e de participantes de fora do município.

A relação com a EMBRAPA é um pouco mais antiga. A parceria é registrada pelo resgate e disponibilidade de material genético e pela promoção de eventos, em prol das sementes crioulas. Cabe lembrar que o presente trabalho vem a se somar a

projeto desenvolvido por pesquisadores da Embrapa no âmbito dos guardiões e sementes crioulas.

A importância da Associação, em termos do uso de sementes crioulas de milho, no município, é levantada por Cassol (2013). Destaca que a produção de milho era realizada com base em sementes híbridas, utilizadas em 90% das lavouras plantadas. E, após os trabalhos da Associação/Emater, e parcerias que se somou, o uso dos híbridos passou a menos de 50%. A área total plantada com sementes de milho crioulo é de 3.500 ha, em 1.031 estabelecimentos rurais do município de Ibarama.

A organização das famílias em Associação, assim como a realização dos Dias de Troca, em especial, possibilitou ampliar as relações com diferentes entidades, pessoas, o que coloca Ibarama como um dos municípios referência na produção de sementes crioulas.

Para as famílias, o processo organizativo em torno das sementes se manifesta no fortalecimento de outros espaços de convívio, em especial, pode ser percebido junto às mulheres. Houve um revigoramento da Associação dos artesões e da Associação das Mulheres Agricultoras de Ibarama (AMAI), após o trabalho com as sementes crioulas. Iniciaram-se o resgate de receitas antigas de comida, fortaleceu a produção de artesanato, hoje fazendo parte da renda de três, das quatro famílias estudadas.

3.3 As famílias guardiãs de Tenente Portela

3.3.1 Entendendo as famílias Guardiãs de Tenente Portela

As famílias guardiãs do município de Tenente Portela, trazem uma bagagem cultural caracterizada pela herança colonial de famílias migrantes de etnias alemã, polaca, pomerana e italiana, mas principalmente, da influência da mestiçagem cultural entre estas e destas com a brasileira. Também, cabe considerar que, nem todos os integrantes das famílias são naturais de Tenente Portela, alguns vieram

das cidades de Caxias do Sul, Ibarama, Frederico Westfalem, Santo Cristo. O que retrata um pouco a constituição do município.

A movimentação dos descendentes de migrantes no interior do Rio Grande do Sul, a partir de 1940 para Tenente Portela, se justifica pela busca de terras mais baratas e férteis. Outra justificativa das famílias foi pela incidência de formigas que não permitia mais produzir nas terras de onde vinham.

Sabe-se, porém, que a divisão dos lotes nas famílias com grande descendência, além de dar origem aos minifúndios, dificultavam a reprodução dos novos núcleos familiares que se constituíam pelos casamentos. Além desse, o regime de herança dos migrantes italianos, via *minorato*, o qual privilegiava preferencialmente o filho homem mais novo, o qual herdava as terras e ficava com a incumbência de cuidar dos pais (ZANINI, 2013), o que exigia que os demais filhos fossem buscar alternativas, normalmente em regiões de nova colonização, naquela época.

Foi nessa condição que a FG5 chegou a Tenente Portela em 1966. Vem de Ibarama com a família já constituída, para ali trabalhar de agregado, com a incumbência de plantar soja e cuidar da criação de porcos. Até os dias de hoje Ibarama é para esta família referência na obtenção de sementes. Comentam que trouxeram com eles “sementes de feijão, trigo e de tudo um pouco”. Ela lembra que “a minha mãe plantava até umas cevadas, ela dizia cevada comum, não era a estrangeira que eles diziam. Era a comum. Faziam o café. Tinha até uns pés de erva, minha mãe fazia até erva. Só que era forte”. E ele:

Lembro que o finado pai tinha comprado um e planto (milho híbrido), mas ele plantou acho que dois anos só, e depois também não quis mais. Era muito duro e naquele tempo não tinha trilhadeira e então ele não quis mais, e nós éramos uns piazitos e como o pai fazia estava bom e foi plantando milho comum de novo o qual plantamos agora até hoje.

Em Tenente Portela a relação com a comunidade indígena é uma constante. Porém, apenas uma das famílias relata uma proximidade maior, que ocorre em períodos em que os indígenas fazem seu trabalho itinerante, de coleta de matéria prima para os artesanatos, em especial a taquara e cipó. Acampam não muito longe da casa da FG6, a qual considera que “hoje estão bem integrados, quando era pequeno tinha medo de índio”. Às vezes estão em grupos de 4 até 15 pessoas e, a relação se estabelece por trocas mercantis e não mercantis.

Considerando as cinco famílias guardiãs do presente estudo, podemos identificar que em três delas, o pai passava uma temporada do ano longe de casa, derrubando matos, enquanto isso a mãe plantava e cuidava das lavouras. FG6 comenta que “o pai ficava 3-4 meses derrubando tora pra vende em Santa Catarina, a finada mãe que fazia a planta, milho e feijão principalmente”. A mãe, nessa situação, assumia todo o trabalho nesse período, mesmo a assim, quando se refere a sementes de milho é o pai que é referência, “o finado pai, nem me lembro de planta híbrido, lá tinha uns italianos que vieram e plantaram”.

Também no caso da FG9 era a mãe que ensinava como preparar a semente de milho para o plantio da nova lavoura.

Conforme a narrativa da FG7, quando ainda eram solteiros, deixa transparecer o papel que cada um desempenhava naquele período, as dificuldades vivenciadas e o sistema de cultivo da época, consorciando soja e milho. Também, como faziam para garantir as sementes da soja. Ele conta que

De 18, 16 irmãos que se criaram eu sou o segundo filho. À noite, eram duas polentas e nunca eram doentes, não se queixavam de nada e hoje... Pra produzir era tudo a braço, plantado com máquina de mão, limpado com enxada. E a gente fazia. Já tinha soja nessa época. Dobrava o milho e iam colher a soja. Eu lembro, o pai dizia, até o natal tinha que dá a primeira limpa em toda a lavoura, depois era cata. E nós fazíamos. O meu serviço com a junta de boi era lavra, ara, enverga e passa o arado no meio do milho, e os outros irmãos, plantando a soja no meio. Plantava a soja no meio do milho, depois de dobra o milho, colhiam a soja. Antes de colhe o milho repassava a roça com uma bolsa e catava os pezinhos que ficou pra trás (de soja), porque daquele que dava semente pro outro ano daí. (Anos de 1960)

Ela, ao fazer sua observação, deixa transparecer o que compreende por trabalho de homem, o qual ela teve que realizar, e o papel que deixou de assumir após o casamento.

Eu era a mais velha, lavrava, capinava, ou carpia, fazia trabalho de homem. A soja depois dos 12 anos. Vendia milho e fumo, feijão. Porco criava no mato. Depois que colocavam na mangueira. Engordavam com milho descascado e mandioca velha. Vendiam soja e fumo. Deixei de lavar depois que me casei. (Final dos anos 60)

O relato das famílias, traz uma realidade do trabalho desenvolvido e das dificuldades com as quais se deparavam no período, e também, das possibilidades de produção e comercialização no início de colonização daquela região do Estado.

Já a FG8 comenta que o pai plantava milho e soja. E que quando chegou o milho híbrido, foram utilizadas as variedades Pioneer e o Agrocere AG28, mas que sempre manteve o milho crioulo.

A aquisição de terras pelas famílias guardiãs ocorreu após o casamento, algumas por herança e outras por compra. Antes disso, o sistema de trabalho era de meeiro, parceiro, arrendatário e duas permaneceram morando com os pais. Das cinco famílias, duas delas têm suas casas ao lado dos pais.

Quando da constituição familiar a FG7, década de 70, comenta que por um determinado período a renda era a produção de soja e que “o soja, o que tu colhia pensava em 12 meses”, considerando que daquela cultura sairia o dinheiro para pagar as contas e, caso sobrasse comprar algo mais. Já a FG5, moradora mais próxima da sede do município, e com maiores oportunidades para comercializar, a condição era outra. Comentam que vendiam “o porco, galinha, soja, arroz, feijão, vendiam de tudo que plantavam, queijos, ovos, galinhas,...”. O que era produzido para o consumo familiar, também oportunizava a renda.

A FG7 produzia sementes através do cruzamento de milho crioulo e híbrido, o qual denominava de “milho cruzado”. A qualidade das sementes pode ser identificada pela aceitação por parte dos agricultores, conforme menciona de que “não vencia fazer” e nos explica o método utilizado para produzir o milho misturado, como comercializava e os motivos que o levou parar com o cruzamento.

Depois de estar aqui, fiz 13 anos sementes de milho cruzado. O antigo Agrocere tardio, depois AG 28, depois 1051 tardio. O primeiro milho que veio com o caiano era o milho que mais rendia. Dá serviço, duas do híbrido e uma do caiano (fileiras). O híbrido não deixava florescer, todo o dia a tarde tirava o pendam, por uns 15 dias, e quem florescia era o caiano. E levava para o sindicato e vendia, não vencia fazer. Até que foi barrado no sindicato pelo vendedor de fora de semente híbrida. Isso faz uns 8 a 9 anos. Mas segui fazendo, e vendia escondido. Ameaçou fechar o sindicato. E depois parou a venda desse milho tardio e ficou só o precoce, e daí não tinha mais milho pra cruzar com o caiano. (FG7)

O milho híbrido ainda é utilizado por duas famílias sob a justificativa de financiamento e do seguro agrícola, estas utilizam a lavoura para fazer silagem. Para o uso em grão utilizam as variedades crioulas.

Atualmente a principal renda das famílias guardiãs é o leite. O uso da semente crioula está ligado à produção de comida e à renda.

Pode-se considerar que a base da produção de comida era realizada pela família, a partir das sementes crioulas produzidas ou adquiridas pelas relações de reciprocidade.

Conforme aponta a tabela 04, as cinco famílias guardiãs mantêm um acervo de 11 espécies e 18 variedades de sementes, originárias de suas famílias, ou pelo menos a duas gerações. Diferentemente de Ibarama, aqui o número maior de variedades de sementes se encontra com as duas famílias mais novas, sendo as duas que moram na proximidade da casa dos pais. Se considerarmos as variedades que estão com as famílias a mais de 5 anos, período que corresponde a organização da Associação, identificamos 12 espécies e 30 variedades de semente crioulas.

Tabela 04 - Origem de diversas espécies e número de variedades de sementes crioulas mantidas pelas famílias guardiãs de Tenente Portela, RS. 2014.

ESPÉCIES	NÚMERO DE VARIEDADES DE SEMENTES	
	VARIEDADES DE ORIGEM DA FAMÍLIA	VARIEDADES COM MAIS DE 5 ANOS
Milho	2	4
Feijão	1	3
Amendoim	2	2
Cebola	2	-
Alface	2	-
Mogango	1	-
Pipoca	2	-
Abóbora	1	-
Mandioca	3	-
Alho	1	-
Moranga	1	-
Melão	2	-
Melancia	1	-
TOTAL	18	12

Fonte: Elaboração autora (2015).

Assim como em Ibarama, identifica-se uma descendência patrilinear para a espécie de milho, sendo atribuída a origem ao pai e ao pai da mãe, o que corresponde a 11,1% das 18 variedades. Para as demais 16 variedades, ou 88,9% do total, a descendência é matrilinear, atribuída a origem a avó, sogra e a mãe. O que aponta uma similaridade com Ibarama quanto o espaço de trabalho da mulher e do homem, garantindo a reprodução dos sistemas, tanto no espaço do consumo como da produção.

Evidencia-se aqui, uma característica comum de relação social de famílias guardiãs que mantém sementes crioulas entre os dois municípios.

Além do consumo propriamente dito de cultivares crioulas, outros motivos também levam a sua manutenção, a exemplo da FG6 que manifesta orgulhoso de que “nunca me faltou palha boa pro cigarro”, da mesma forma, a intimidades com o uso atribuído leva a outros conhecimentos que revela ao classificar a palha do milho utilizada para fazer o cigarro, que “cada variedade tem um modelo. Pela palha conhece. Mato Grosso a palha é lisa e firma é melhor pro cigarro. O Dente de Cão, a palha é fina, o cigarro fica mais forte”.

Apesar de toda a relação estabelecida com as sementes crioulas houve riscos em perder variedades, como expressado abaixo.

Que nem eu esses milhos Caianos caiu fora, por causa do seguro agrícola e do seguro semente, eu fui um que me obriguei a planta híbrido uma temporada, porque dependia de financiamento, daí precisava da nota se não, não ganhava. Daí consegui preserva um pouco, não perde de um todo. Eu até concordo que tem gente que sobrevive bem aqui que o híbrido produz bem mais, se fosse planta o Caiano que nem fosse planta o híbrido, não sei se não dá pra correr carreira. (FG6).

Para a FG9 o sistema apreendido do jeito de cuidar de animais, de realizar o trabalho utilizando a semente crioula, garante uma segurança de um jeito de fazer agricultura, por isso utiliza de estratégias que mantém esse sistema. A família demonstrar resistência a tecnologia que altera a manutenção de seus hábitos, a exemplo do uso do milho Pioneer, pela FG5. Abaixo relacionamos duas narrativas que elucidam situações que demonstram um jeito de fazer a agricultura.

Pela FG9: “eu, a minha semente eu não largo, pra mim está bom. E eu uma coisa, fala perde pro sol, não. Eu não me queixo, eu não perco. Vou lá e corto, trato a criação”. O que demonstra uma flexibilidade do sistema, podendo dar diferente função para a produção, enquanto estratégia dependendo da situação que se coloca.

Pela FG5:

o tal do milho Pioneer, mas tudo assim né (mostra uma altura baixa) quem já se acostumou, porque ele dá uns pezinhos pequenos, curto, e nós ali, os outros fazem silagem.[...] e daí nós fizemos sempre tiramos o pendão do milho e guardamos.(FG5)

Já, o sistema utilizado pelo pai da FG6 e por ele mantida, pode-se sugerir que há uma noção do *refinar* independente de ser, semente ou animal. As justificativas para trocar as sementes e a troca da área são manifestadas ao argumentar que, “renova a semente”; “a terra acostuma”. A terra e a semente se comunicam com FG6, determinando sua prática em vista a uma boa colheita.

O pai plantava dois anos e trocava a semente, mesmo que da mesma variedade pra não definhar que nem porco. Sempre fiz assim, fiquei com a mesma mania. Como uma crença, como faço com a mandioca, não planto três anos na mesma área.

A referência de FG6 é de uma orientação pelo passado, “meus avôs criaram todos os filhos” e “o sogro morreu com 106 anos com dente natural”, mostrando a possibilidade da reprodução familiar naquele sistema de vida, com bases na herança familiar.

O sentido simbólico da reprodução de sementes também é manifestado e pode ser identificado na expressão da FG9, quando ela relembra sobre a semente do milho sabuguinho fino, que a família mantém, de que “a mãe herdou do pai dela. Quando eles casaram o finado vô deu um pouquinho pra eles planta mais pra milho verde, daí foi indo”. O compromisso de manter as sementes.

Com relação às sementes produzidas na horta a referência é sempre as mulheres. A FG5, indica a mãe e a esposa.

Sim, a finada mãe guardava tudo. Ai era das mulheres o serviço. Era delas. Tem umas que fazem até hoje. Às vezes tem uns sacos caído ali pelo galpão..., tudo erguido com sementes. Bom, a semente que precisarem aqui em casa tem. (FG5)

O uso de sementes crioulas pelas famílias guardiãs estudadas não é recente, ou poderíamos escrever, sempre existiu..., simples assim, como manifestam ao dizer que, “sempre tiveram”, “a semente vem desde os avós”. Portanto, existe um convívio não apenas com as sementes, mas de todo um sistema organizado que envolve a manutenção das variedades e de suas representações. E isto, tem cumprido a função de manter o funcionamento de uma organização de reprodução que

possibilita certo nível de autonomia às famílias agricultoras, frente ao mercado e alimentos e de sementes.

3.3.2 Associação dos Guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela-AGABIO

O trabalho com sementes crioulas em Tenente Portela já vinha sendo motivado há vários anos em vistas a promoção da agroecologia. Um impulso fundamental foi à realização de Projeto Guardiões da Agrobiodiversidade em 2009, pela Prefeitura Municipal, através do Departamento Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (DMADR). E promoveram no ano de 2010 o 1º Seminário Sementes Patrimônio Sócio-cultural. (PANDOLFO, 2014).

Em 2011, através de lei municipal, o projeto é institucionalizado, em um programa que tinha o objetivo de promover a agrobiodiversidade, incrementar a produção de alimentos saudáveis e a segurança e soberania alimentar das famílias de comunidades rurais e indígenas.

Com o incentivo do programa, 20 famílias agricultores e três grupos de indígenas se organizam e decidem por constituir, em 2011, a Associação dos Guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela (AGABIO). Nesse mesmo ano foi realizado segundo 2º Seminário Sementes Patrimônio Sócio-cultural.

Buscando uma maior abrangência a AGABIO, juntamente com os parceiros, organizam em 2012 o 1º Encontro Regional das Sementes Crioulas, onde participam 15 municípios, espaço privilegiado de trocas e onde também venderam sementes, além de artesanatos e outros produtos tradicionais.

O projeto conta com a parceria do DMADR, Emater, Conselho de Missão Entre Povos Indígenas (COMIN), Embrapa Clima Temperado, Banrisul Socioambiental, a Cáritas Brasileira e a Fundação Luterana de Diaconia (FLD). As três primeiras instituições estabelecem uma relação direta com a associação, tanto do ponto de vista organizativo, como produtivo. As demais apoiam a Associação através de recursos financeiros, capacitação e disponibilidade de sementes.

O levantamento da agrobiodiversidade dos guardiões realizada em 2012 foi identificado mais de 100 variedades de espécies cultivadas, entre estas: 22 de

milho, dez de feijão, dez de abóbora, oito de mandioca, seis de batata-doce, quatro de melão e duas de soja (PANDOLFO et al., 2014).

As famílias manifestam a importância da Associação e de apoios recebidos, frente as necessidades encontradas no dia a dia. Para a FG6, a “A associação vem para promover o resgate, multiplicação e repassar das sementes”.

Eu me sinto mais valorizado, porque a gente não era lembrado muito menos visto. Depois da associação, o pessoal sabe com que a gente se dedica, produz. A gente nunca que imaginava que podia ter essa importância essa semente crioula. As vezes fico até pensando. Que eu nunca esperava poder prostrar de tóco com palestrante de Brasília ou de Porto Alegre. (FG6)

A FG5, ela conta uma conversa que teve com representante da prefeitura:

Ele disse: - escuta, se causo vocês agora com a associação de vocês, tivessem um moinho ali, vocês iam gostar? Daí eu disse, mas quem não vai gostar, se tivesse um moinho ali perto? [...] Imagina daí quantos que não iam levar a moagem de milho, mas está louco. Lá falta produto, eu acho.

Na FG5, ela identifica que mantém semente de hortaliça e que aumentado sua diversidade, “alface também, eu sempre tiro a semente e daí o Marcos (técnico DMADR) me trouxe uma semente lá de Ibarama, uma tal de Angelina”.

Através da organização das famílias na AGABIO, foi possível identificar a ampliação da agrobiodiversidade no decorrer dos anos (Tabela 05).

Através de projetos, junto as parcerias as famílias vêm garantindo várias ações, a exemplo de silo secador, diferentes capacitações às famílias e obtenção de calcário e adubo químico e orgânico.

No ano de 2013, a AGABIO realizou uma mostra da agrobiodiversidade, onde cada família levou os produtos e sementes que tinham em seus lotes, a qual foi realizada na Praça do Índio, ponto central da cidade. Esta amostra ficou marcada para todas as famílias, enquanto uma visão compartilhada por todas, das expressões de surpresa que os visitantes manifestavam, em ver variedades antigas ainda sendo produzidas, pelo tamanho dos produtos, pela disputa entre os visitantes em levar os produtos. Também, no evento, houve visita de crianças das escolas, que expressavam admiração, pelo tamanho da abóbora, pela semente da vassoura.

Tabela 05 - Identificação do número de famílias e variedades crioulas, por comunidade, em três anos, na AGABIO, Tenente Portela, RS.

COMUNIDADES	Nº AGRIC. 2009	VARIEDADES 2009	Nº AGRIC. 2011	VARIEDADES 2011
Alto Alegre	03	Cabo Roxo Amareirão Sabugo	07	Cabo roxo, amareirão, sabugo fino, Capuchinho, Branco, Pintado
Alto C. de Farias	01	Asteca, Caiano	02	Asteca, Caiano
Barro Magro	02	Caiano, Cunha	05	Caiano, Cunha, Oito Carreiras Vermelho
Lajeado Machados	03	Cunha Rajado, Fundacep 35, Oito Carreiras Branco	03	Cunha Rajado, Sabugo Fino, Oito Carreiras Branco, Oito Carreiras Rajado
KM 08, KM 12	02	Pintado	04	Pintado, Dente de Cão
Oito de Março	01	Roxo, Cunha, Caiano	00	_*-
Esquina Grábia	02	Pintado, Caiano	03	Pintado, Caiano
Esq. Pech	00	_*-	03	Palha Roxa, Pintado
Linha Becker	00	_*-	04	Pintado, Palaha Roxa
Lajeado Leão	04	Caiano, Palha Roxa, Pintado, Caiano Branco	06	Caiano, Palha Roxa, Pintado, Caiano Branco, Dente de Cão
I. Filisbino Barreiro	02			Branco, Roxo, Cunha Rajado, Caiano
Comunidade Indígena	03 (grupos)	Cateto Branco, Taquara, Caiano, Dente de Cão	05 (grupos)	Cateto Branco, Cateto Vermelho, Dente de Cão, Taquara
TOTAL	20 famílias 03 grupos	15 variedades	39 famílias 05 grupos	19 variedades

Fonte: Adaptado de Departamento Municipal do Meio Ambiente e Desenv. Rural (2012).

Conforme mostra a tabela 6, as cinco famílias têm em posse 14 variedades de milho crioulo. Assim também, como destaca que duas variedades, o Caiano Amarelo e o Sabuguinho Fino, trazidos de seus antepassados e também de que nove variedades foram adquiridas após a organização da AGABIO, mostrando sua importância para o resgate da agrobiodiversidade de espécies crioulas.

Tabela 06 - Dados das variedades crioulas de milho presentes em cinco famílias guardiãs de sementes crioulas. Tenente Portela (RS), 2014.

FAMÍLIAS GUARDIÃS	VARIEDADES	PERMANECEU	RESGATOU/INICIOU ANOS
FG5	Pintado	-	2
	Cabo Roxo	-	2
	Amarelão	-	3
	Cunha	-	3
	Palha Roxa	-	2
	Caiano Amarelo	X	-
FG6	Caiano Amarelo	X	-
	Palha Roxa	-	25
	Dente de Cão	-	N.i
	Caiano Pintado	-	N.i
	Caiano Branco	-	10
	Mato Grosso	-	4
FG7	Caiano Amarelo	X	-
	Vermelho	-	10
	Pintado	-	4
FG8	Ferro	-	10
	Branco 8 Carrero	-	M.t
	Asteca	-	20
	Caiano Cabo Roxo	-	15
FG9	Sabuguinho Fino	X	-
	Pintado	-	3
	Caianão	-	3
TOTAL	14 VARIEDADES	2	12

Fonte: Elaboração da autora (2014).

Obs: N.i – não identificada; M.t – muito tempo

4 O SISTEMA DE PRODUÇÃO DAS FAMÍLIAS GUARDIÃS: QUE LEVA A PRESERVAÇÃO DAS SEMENTES

Passar da noção de agricultura à de sistema agrícola significa evidenciar interações deste campo de atividade com outros do domínio da vida social, cultural e material de um grupo, e não se limitar ao registro funcional. Trata-se de um sistema aberto, construído em torno das relações sociedades-espacos-plantas que incorpora certos elementos em função de contextos culturais, ecológicos, históricos ou ainda políticos (EMPERAIRE, 2008).

A diversidade dos sistemas que tem garantido suas reproduções é entendida como respostas a realidades socioeconômicas e ambientais, em constante mediação com sua tradição. O que também leva ao manuseio de uma diversidade de espécies e variedades de culturas de grãos, árvores e raças de animais. As sementes, mantidas em co-evolução, sob a pressão do ambiente natural e da seleção de melhoramento humano, que ocorrem em cada ano de cultivo, é retratada na expressão de especificidades de fenótipos e genótipos diversos, em sabor, cor, textura, terra, trabalho de mãos que as cultivam.

O produzir pressupõe estabelecer relação com a natureza. As relações com o ambiente natural e social são tão diversas, quantas são as relações estabelecidas. Assim, “sistema técnico de produção e sua evolução é mutável e específica, em função das situações particulares, tanto do ponto de vista físico quanto econômico, social ou cultural” (SABOURIN, 2009, p. 193).

A relação estabelecida entre as sociedades humanas e a natureza é manifestada por Toledo (2008, p. 2) considerando que nessa relação não existe um vazio ecológico “sino que afectan y son afectadas por las dinámicas, ciclos y pulsos de la naturaleza”. Nesse sentido é que, os seres humanos organizados em

sociedade não respondem somente a fenômenos e processos sociais, mas que são afetados pelos processos da natureza em co-evolução.

O autor propõe que a produção e reprodução de condições materiais para a existência das sociedades humanas se dão por um metabolismo com a natureza numa condição pré-social, natural e eterna. Considerando que “el metabolismo entre la naturaleza y la sociedad es independiente de cualquier forma histórica porque aparece previamente bajo las condiciones pre-sociales o histórico-naturales de los seres humanos” (SCHMIDT 1976 *apud* TOLEDO, 2008, p. 3). Entendendo por metabolismo “el proceso por medio del cual los miembros de toda sociedad se apropian y transforman ecosistemas para satisfacer sus necesidades y deseos” (COOK 1973 *apud* TOLEDO, 2008, p. 3), com a qual mantém duas dimensões, uma simbólica e uma material, que reciprocamente se condicionam.

Seguindo o raciocínio, Toledo (2008) analisa o metabolismo através de cinco fenômenos, que ocorrem independente da condição social, tempo ou espaço da sociedade humana, quais sejam: apropriação, circulação, transformação, consumo e excreção de materiais e/ou energias que provém do meio natural.

Em revisão realizada por Toledo et al, (2008), sobre a fauna e flora manejada pelo povo Maya Yucatecos, no México. Verificou que a conservação de biodiversidade e o equilíbrio do espaço natural são mantidos pelas múltiplas estratégias utilizadas. Caracterizada não por uma, mas por várias práticas agrícolas realizadas em um manejo multi-escalar (das espécies silvestres- escala biológica; das espécies domesticadas- escala agrônômica, massa de vegetação- escala ecológica e das paisagens- escala geográfica). O autor argumenta que, tais práticas são fundamentadas em 3000 anos de acúmulo cultural, sendo o que mantém a resiliência do sistema sócio-ecológico e a existência recíproca da cultura e recursos ao longo do tempo, enquanto uma relação de metabolismo com a natureza.

A condição, de família guardiã de sementes crioulas, se materializa no seu ato de produzir, manter e usar as sementes crioulas, como recriação de um saber fazer. E, em mesmo grau de importância se considera as relações de reciprocidade, que mantém as sementes crioulas em circulação e de propriedade coletiva. Um necessitando do outro. Esta convivência de relação é mais perceptível no caso das sementes de milho, visto que, o trocar a semente plantada, era a garantia de não *refinar* a semente e daí obter uma melhor produção. Percebe-se uma complementaridade entre os dois atos. Podendo em determinadas situações um ato

substituir o outro, o que ocorre quando um recorre a outro por ter perdido sua semente. É importante ter sementes disponíveis. Talvez, isso, pudesse justificar a não preocupação em tempos atrás com o fato de perder uma variedade de semente. A segurança de sua disponibilidade estava na comunidade, com algum parente ou pela vizinhança, garantida por relações de reciprocidades. O sentimento de reciprocidade relacionado com as sementes crioulas se manifesta numa relação associada da vontade de dar e da de receber, da família estar sempre pronta para doar a semente, como também de receber e cultivar outras sementes.

A industrialização da agricultura vem, no decorrer das últimas cinco décadas, alterando sobremaneira o ato de produzir, impondo mudanças nas relações construídas em cada espaço sócio produtivo.

Segundo Altvater (2007), a substituição de ciclos e regimes de tempo e espaço naturais por outras características da agricultura industrial tem um impacto prejudicial ao ambiente natural, altera as práticas agrícolas aprendidas endogenamente e de baixo impacto. Com respeito aos tempos de produção, reprodução e da integridade do ambiente natural, o autor menciona que, o processo de valorização de determinados bens da natureza ao serem incorporados no processo capitalista em detrimento de outros leva a uma desintegração da natureza, reconhecendo que os processos naturais como o crescimento dos seres vivos são irreversíveis.

Os sistemas de produção com base em agriculturas tradicionais, a exemplo das famílias que mantêm sementes crioulas, em especial para a produção de comida, a resistência se faz em sua própria forma de produção e ação e não é uma forma de reação, segundo Ploeg (2006). Portanto, a ação de produção se constitui enquanto resistência, sinalizando soluções locais para problemas globais, em especial, aqui se considerando a comida e a agrobiodiversidade.

Santilli (2008) considera que agrobiodiversidade é produto da ação das pessoas sobre os ecossistemas, traz suas referências citando Harold Brookfield, ao considerar que a diversidade agrícola inclui a diversidade dos sistemas de propriedade das terras; a distribuição espacial e o tamanho das propriedades rurais; as divisões de trabalho em função de idade e gênero e a cooperação no trabalho e a dependência dos agricultores de trabalhos externos as propriedades rurais. A autora ratifica a necessidade de buscar o entendimento da organização funcional da família, e considera que

Brookfield destaca que nenhum sistema agrícola pode ser compreendido sem a consideração das formas como as propriedades rurais se organizam e como as forças (sociais, econômicas e políticas) interagem para influenciar e moldar tal organização (SANTILLI, 2009, p. 69-70).

Ainda com base no mesmo autor, Santilli (2009, p. 69) destaca a importância crucial do dinamismo da agrobiodiversidade, comparando a uma “colcha de retalhos em constante transformação criada pelas relações entre as pessoas, as plantas e o ambiente, que estão sempre lidando com novos problemas e em busca de novos caminhos”. E considera que o dinamismo adaptativo da agrobiodiversidade é a característica mais importante para sua sobrevivência e para a recuperação do que foi perdido. Justifica que, os agricultores no seu dia a dia, estão em constante processo de readaptação, entre adversidades e oportunidades, aprendendo e renovando suas habilidades, hábitos e modificando suas relações (SANTILLI, 2009).

Ao trazer o sistema de produção de sementes para análise, cabe destacar que existem diferenças entre as sementes crioulas e as convencionais.

Seguindo a classificação dada por Dominguez et al. (2000), há produção de sementes em sistema formal e informal. Considera como formal aquela produção que segue os requisitos técnicos oficiais, determinados para a produção e comercialização de sementes. E o informal, se refere ao conhecimento milenar de técnicas locais, desenvolvidas pelo conhecimento empírico de famílias agricultoras, ao produzirem suas sementes, ligadas principalmente à segurança alimentar.

Dominguez (2000) levanta a dificuldade de descrição dos métodos utilizados para a produção de sementes informais, por serem muito diversos, mas aborda que, generalizar descrições, desconsideraria a sua diversidade, “considerada como a característica mais importante do sistema informal” (DOMINGUEZ, 2000 p. 127).

Além disso, as famílias garantem a diversidade pelo processo de reciprocidade, tanto das sementes, com de técnicas de produção e seus usos a exemplo de receitas culinárias.

Considerando as citações anteriores, agricultores que mantêm uma relação de maior interação com o meio natural por dependerem mais deste, a exemplo da família guardiã de sementes crioulas, são distintos dos que não o fazem.

As famílias guardiãs de sementes crioulas em estudo, sustentam que seus aprendizados de técnicas e de manutenção das sementes crioulas são de seus pais

e de que eles apreenderam também com seus pais. Assim também muitas das sementes que mantém hoje, já eram mantidas por seus avós, avôs, pai, mãe.

Estas constatações elucidam a importância do conhecimento acumulado, no manejar o ambiente; as diferentes estratégias adotadas, dependentes do ambiente natural ao qual se encontra, possibilitando encontrar soluções *in loco*.

Assim buscar entender como são estabelecidas as relações das famílias guardiãs de sementes crioulas com seu ambiente, seu contexto social, como se dá a dinâmica do seu 'ser agricultor', torna-se de fundamental importância pois podem apontar alternativas possíveis ao propósito de uma forma de desenvolvimento, de menor grau de degradação ambiental, e relações sociais mais solidárias.

Procuro relatar os sistemas de produção suas características e as estratégias identificadas no jeito das famílias desenvolverem seus sistemas produtivos.

Também cabe considerar que as práticas realizadas pelas famílias guardiãs estão impregnadas de fundamentos culturalmente aprendidos.

4.1 Sistema de produção de sementes em Ibarama

4.1.1 Fazendo a seleção

Ao chegar às casas das famílias guardiãs me deparava com flores e frutas. Os jardins na frente e em volta das casas mescladas com árvores frutíferas foi uma constante, logo vinham os cachorros e, as galinhas eram avistadas. Percebo que entender o cenário fazia parte de entender a família guardiã.

A primeira consideração a ser feita é com relação a diversidade da produção identificada nas roças e no entorno das moradas, assim como nas mesas com os alimentos ofertados.

Dos sistemas de cultivo, utilizados pelas famílias, foi identificado o sistema de policultivos (Figura 06), consórcio, cultivos solteiros, rotação de cultura. Estes expressam uma relação metabólica com a natureza.



Figura 06 - Policultivo de mandiocas, oliveira, vassoura e milho.

Fonte: Acervo da autora (2014).

As combinações de cultivos em áreas pequenas é uma estratégia adotada para manter a produção de consumo e a de renda. No município de Ibarama a produção de milho e feijão na soca do fumo é uma prática comum. Além da utilização do mesmo espaço físico e do trabalho aplicado no preparo da terra, também possibilita otimizar a utilização de recursos aplicados na fertilização do fumo para a cultura que se implanta posteriormente.

O uso de consórcio entre diferentes espécies é uma constante, sendo que espécies de hábito indeterminado e arquitetura de planta prostrada a exemplo das cucurbitáceas, e que se encontram associados a espécies como o milho e mandioca, de arquitetura de planta ereta, ou ainda feijão e milho, alternando estratos de planta.

A combinação de diferentes espaços de produção na unidade familiar, garante o consumo e de renda, organiza a força de trabalho assim como o hierarquiza.

As culturas utilizadas para a alimentação, normalmente ocupam dois espaços físicos na unidade familiar. Um deles, próximo a casa, e outro que se encontra junto a lavoura destinada à comercialização. Junto a casa, também pode se identificar dois espaços. Encontra-se a horta, onde predominam verduras, feijão de vagem, ervilhas, associadas a ervas de chá e flores e por vezes, separada desta, outra área um pouco maior para o cultivo de *miudezas*. Nesse espaço há o predomínio da mulher, dona da casa, no exercício do preparo da terra, semeadura, tratos culturais, assim como coleta de sementes. Pode ainda, contar com a ajuda do homem, principalmente no preparo da terra. Em nenhum momento foi manifestado relações de troca de serviço, ajuda ou contratação de trabalho nestes espaços de trabalho.

No outro espaço, ocupando uma parte em um lado da lavoura, caracterizada por policultivos, onde se observa as batatas-doce, mandioca, melão, melancia, amendoim, batata-inglesa, cebola, alho, feijão, abóbora, moranga, mogango, ervilha, uma miscelânea de comidas, que ainda se subdividem em variedades. No olhar apurado, estampa a variabilidade das espécies, distinguindo-se em cor, tamanho e formatos, das plantas e folhas.

As diferentes variedades, das espécies cultivadas, cumprem uma função excepcional, a de prolongar a disponibilidade daquele alimento. As diferenças de ciclo das culturas possibilitam a escolha de plantar “no cedo” ou “no tarde”, isto leva também, a diminuir o risco de perda de safra por ocasião de intempéries climáticas, como granizo, estiagem ou chuvas prolongadas. Mas também, cumprirem com atributos diferentes ao se transformarem em comida. Com características diferentes a batatinha inglesa, pequena e redonda, é a preferida na elaboração de maionese, prato costumeiramente servido nos domingos ou dias de festa ou ainda quando recebem visitas, segundo FG2 “ela é melhor porque é mais enxuta, é melhor pra fazer maionese”.

Não se estará especificando individualmente o cultivo de cada espécie, mas cabe ressaltar algumas delas, pela própria importância hierárquica, dada pelas próprias famílias. Um desses casos é o milho. O qual terá uma abordagem relevante, devido à importância atribuída pelas famílias a essa cultura do milho.

Destaca-se que o milho foi à cultura motivadora de organização, valorização e resgate de sementes crioulas pelas famílias. Em especial na última década, o milho tem ocupado um espaço de produção e trabalho privilegiado, para as famílias guardiãs de Ibarama, visto o processo organizativo da associação que consolidou os

espaços de feiras, onde ocorrem trocas e venda de sementes, onde as sementes de milho têm destaque, tanto em volume de produção, como na diversidade de variedades.

A produção de semente de milho no município de Ibarama costumeiramente é plantada na soca do fumo (Figura 07). Das quatro famílias acompanhadas, no período do trabalho de campo foi observado este sistema em três famílias, sendo que uma delas não planta fumo e, portanto, não utiliza esse sistema.



Figura 07 - Feijão na soca do fumo, ao lado da lavoura de milho

Fonte: Acervo da autora (2014).

A FG1 cultivou na safra 2013/2014, 11 variedades de milho crioulo entre outras espécies.

Um dos desafios enfrentados pelas as famílias que mantém duas ou mais variedades de milho na produção de semente é o de evitar os cruzamentos, a fim de garantir a pureza da variedade. Na avaliação de FG1, ele diz que “o maior problema é na lavoura”. Para ele a estratégia é:

quando tiver com 50-60cm, planta outra. Mas sempre tem um pé ou outro, que atrasa e pode dar cruzamento. Então, o mais fácil é planta distanciado uma lavoura da outra. O melhor é planta noutra terra. Mas daí, só tem um problema, tem que ter terra. O agricultor tem pouca terra, daí não pode ter

muita variedade porque senão vira uma coisa, começa o cruzamento. E nós temos que cuida muito isso aí pra não ter cruzamento. Quem compra semente quer semente pura (FG1).

Mesmo que as sementes tenham adquirido uma importância maior em termos de troca mercantil, devido a relevância que as feiras alcançaram nos últimos anos, as lavouras são realizadas como sempre, para diferentes propósitos. Normalmente não há separação de área de lavoura destinada para o consumo dos animais, alimentação ou venda de milho verde e para obtenção das sementes.

Os estudos de Dominguez (2000) apontam que não há costume de escolher previamente área especial para a produção de sementes e alimentos, assim como utilizam os mesmos métodos, segundo o autor “o agricultor utiliza os mesmos métodos para produzir alimentos e os meios locais que a natureza lhe brinda para fazer suas sementes” (DOMINGUEZ, 2000 p. 128).

Na FG3, ele destaca a importância que a semente tem assumido nos últimos anos e a estratégia utilizada, o que leva a realizar uma primeira seleção na lavoura.

Já tá me doendo, que eu tenho que começa pegar o milho lá (lavoura), que tá secando, o sertanejo (variedade), eu me obrigo dá pros porco fico escolhendo lá, vai busca todo o dia lá, e já vai selecionando lá, essa não vai, essa vai, não dá pra semente eu vou levar. O que os bichos rasgaram, que os cuatis, ou sei lá o que abre e entra água vai tirando aquelas. E aquelas que se vê que é de boa qualidade vai deixando pra depois, o que é bom, vai pra semente (FG3).

Nesse caso se observa que já há uma distinção na lavoura do que é para alimentação e do será sementes. O que difere da FG1, como podemos identificar em sua fala.

Eu uso assim. Quando eu vou colhe o milho, quando vou bota no galpão, eu já preparo na carroça. O que é rastoio, eu já boto separado, o que é abertinho, sinal que vai carruncha. Porque o milho, o problema dele é caruncho, pouca palha (FG1).

A FG2 procede da seguinte maneira. Escolhe na carroça e no tirar a palha, tira as pontas e debulha na maquininha, e “armazeno na bambona, seco bem, não cria bicho, não cria nada e fecho bem”.

Com exceção de uma das famílias entrevistadas, que não planta fumo, o cultivo na soca do fumo é uma prática antiga, estrategicamente utilizada para otimizar a utilização da área física disponível. Na soca do fumo encontram-se tanto o milho como o feijão.

O preparar as sementes de milho envolve uma série de práticas racionalizadas, que leva em conta o espaço natural e as condições econômicas disponíveis para cada família, intermediadas pela tradição, o que determina diferentes jeitos de fazer.

Tabela 07 - Esquema das etapas e métodos de seleção das sementes e plantas de milho em Ibarama, RS. 2014.

Etapas de ação	Método	Objetivo
1. Escolha de espigas com a palha	- Escolha na roça; - Escolha na carroça; - Escolha no galpão; - Escolha no ato de tratar os animais.	- Espigas maiores; - Bom empalhamento, espiga fechada de palha; - Sanidade.
2. Escolha de espigas sem a palha	- Escolha no galpão; - Escolha no ato de tratar os animais; - Trabalho manual de retirar a palha.	- Sanidade; - Fileiras de semente bem definidas; - Tamanho, formato e cor, do grão; - Padronizar características específicas da variedade.
3. Preparo da semente	- Remoção das sementes das extremidades da espiga – trabalho manual: debulha ou corte; - Debulha – trabalho manual ou maquininha; - Escolha – retirada de algum grão de não interesse.	- Padronizar o tamanho, formato e cor dos grãos de sementes; - Padronizar características específicas da variedade. - Garantir o estado desejado da lavoura.
4. Armazenamento	- Sacos; - Bambona;	- Estocar e conservar as sementes.

Fonte: Pesquisa de Campo (2015).

A escolha de melhores espigas e de tamanho maior está ligada a buscar uma maior produtividade.

O adequado empalhamento das espigas de milho é uma característica física, que traz como vantagem, a boa conservação dos grãos/sementes. Evita o ataque de pássaros, diminui a possibilidade de apodrecimento de grãos pela proteção de umidade, protege o grão do ataque de carunchos. Em última análise os grãos/sementes não ficam expostos e, portanto, menos sujeitos a qualquer risco que possa prejudicar a sua integridade. Não raro a própria palha acaba se tornando um

meio de armazenamento/conservação dos grãos/sementes na própria lavoura. Portanto, um bom empalhamento, sabidamente vem sendo buscado pelas famílias guardiãs, associado a outras características.

A possibilidade de poder manter, por mais tempo, as espigas na lavoura, também se apresenta como um regulador, possibilitando distribuir a força de trabalho familiar no decorrer do período. A colheita pode esperar devido o grão estar armazenado no bom empalhamento da espiga, possibilita direcionar o trabalho para outras frentes de serviço quando necessário.

Já, a seleção dos grãos para semente, obtida através do descarte das extremidades da espiga e da seleção manual de algum grão de tamanho/formato disforme, é realizada com o objetivo de buscar um estande de lavoura, conforme for o objetivo de quem vai plantar. Ou seja, garantir que na máquina de plantar caia de 2 a 3 sementes, conforme seja o desejo de cada um. É uma prática necessária para alcançar os objetivos de uma lavoura 'bem plantada'.

Para as variedades de feijão não existe uma distinção de grãos destinados para o consumo e os da semente. Sendo aplicadas as mesmas técnicas de cultivos e beneficiamento. Apenas no momento do plantio os grãos podem ser escolhidos, onde é buscada uma uniformidade no tamanho dos grãos e são removidos os grãos atacados por inseto ou fungo.

Nos últimos anos, com o aumento da demanda de sementes crioulas em virtude de feiras e do 'Dia de Troca', as famílias têm se organizado para garantir um volume mínimo de sementes a serem apresentadas/comercializadas/trocadas, assim como tem aumentado a diversidade de espécies e variedades.

Apesar do aumento da demanda de sementes, da possibilidade de comercialização e das lavouras serem pensadas também para a produção de sementes, o processo de seleção obedece aos mesmos critérios apreendidos culturalmente. Quando as famílias fazem seus processos de seleção não é unicamente para obterem sementes melhores, mas é sobre tudo, no primeiro momento objetivando obterem uma boa produção para a próxima safra, de modo que possibilite seguir reproduzir seu sistema, incluindo-se aí, a obtenção de sementes.

Naquela época ninguém se preocupava em perde porque todo mundo tinha, não tinha o híbrido, naquela época eles trocavam as sementes um com o outro. Como eles falavam essa aqui já está refinado, não produzia direito

pegavam lá de um vizinho, lá de um outro parente mais longe, trocavam por aí e ia se levando. (FG3)

4.2 Sistema de produção de sementes crioulas em Tenente Portela

4.2.1 Produzindo grãos e selecionando sementes

O produzir sementes cumpre com a necessidade da reprodução do sistema imprimido pela família. Porém, as práticas empregadas para a produção de grãos e de sementes não se diferenciam, um faz parte do outro, que somente serão dissociados no momento da escolha, da separação, da classificação da parte que servirá para reproduzir uma nova lavoura. O sistema de produção de sementes está estreitamente ligado a produção de alimentos ou bens de consumo (DOMINGUEZ, 2000).

A produção agrícola das famílias no município de Tenente Portela, não está direcionada pela lógica do mercado hegemônico do município, que é a commodity da soja. Portanto, não estabelecem relações diretas com está, diferentemente do município de Ibarama, com a produção do fumo.

Quero considerar com isso que, a relação com o mercado não impõe tão marcadamente o uso de um pacote tecnológico no sistema produtivo das famílias, portanto são outros valores que levam a definir suas práticas e a adoção de tecnologias. Há famílias onde se identifica a tradição mais perceptível, em especial pela alimentação, conforme está abordado no capítulo 4. Apesar disso, o uso de sementes híbridas, secantes e adubos químicos são manifestados.

O preparo da terra é com a utilização de trator ou a boi, as limpas a boi ou cavalo, com arado ou capinadeira e, manualmente com o uso de enxada. Também, há caso de uso de herbicida antes de fazer uma segunda safra na mesma lavoura.

Como adubação há uso de fertilizantes químico, adubos orgânicos e adubação verde. Esta última é muito utilizada e há muitos anos, se identificam especialmente sementes de crotalária, ervilhaca, mucuna, aveia preta.

A FG9 costuma fazer duas safras de milho na mesma área, “dobro no meio, desseco e planto o outro no meio”. Assim também faz a FG6. Esta prática não está condicionada ao uso do milho híbrido, visto a FG6 utilizar apenas variedades crioulas na atualidade. Das cinco famílias acompanhadas, duas deles utilizam também o milho híbrido.

Todas as sementes plantadas pelas famílias guardiãs passam pelo processo de seleção, independente do destino da produção. Normalmente, a semeadura das áreas de grãos é feita manualmente, com o uso de máquina saraquá.

Identificam-se mais de uma área de lavouras, não muito grandes. São recortadas pelo sistema de policultivos, onde se encontram feijão, milho, mandioca, batatas e outras, sendo que a parte maior é destinada ao milho. Normalmente separadas por mato ou poteiros, onde os animais pastam.

Na proximidade da casa a horta abriga verduras e legumes e plantas medicinais e próximas à área de lavoura maior, onde se encontram o milho e feijão, também estão presentes, a mandioca, a batata-doce, amendoim, abóboras.

Uma das variedades de milho utilizadas pelas famílias, mantida por gerações, é o Caiano que é tradicionalmente plantado no final do mês de julho e agosto, naquela região do Estado.

A lavoura escolhida para a retirada das espigas para fazer sementes é aquela onde é garantido que não houve cruzamento com outros milhos. O cuidado indica uma relação de tempo e de espaço, com o objetivo de evitando que a semente do milho *castiçe*.

Quando questionado de variedade de feijão, sobre o volume sementes que utilizam no plantio ou do que colhem dificilmente se obtêm dados diretamente identificados. Ele: “Aí é que eu não sei. É preto. Sempre tem. A sogra que tinha”.

No primeiro momento as sementes são selecionadas, os grãos são retirando das extremidades das espigas, objetivando padronizar o tamanho dos grãos, o que leva obterem sementes de tamanho, aproximadamente iguais, reduzindo os problemas no momento da semeadura. Ou seja, que a saída de sementes obedeça a regulagem desejada da máquina de plantio, e assim, a densidade de semeadura. Prática que se mantém e continua sendo repassada aos filhos. Transmitida oralmente e aprendida na atividade prática do trabalho. Este tipo de serviço, normalmente é realizado nos dias de chuva e nos horários do dia de sol forte (Figura 08).

Assim fizemos até hoje. Tratava só o meio da espiga. Isso é o meu serviço sempre. Porque se não, diz que o milho não dá parelho, e pra cair parelho na máquina também. Naquele tempo se plantava com a máquina saraquá, chamam às vezes de pica-pau. (FG5. Ele)

A escolha das espigas não se caracteriza como padrão entre as famílias, apontando distintas maneiras de definir as escolhidas, assim como o momento em que é realizada a atividade, como se pode observar nas falas e como se pode ver na figura 08:

Aprendi com o pai e a mãe, o milho do galpão, em dia de chuva. A mãe preparava ou dizia como fazer. E faço isto, também, com os filhos (FG9. Ele).

Pego no galpão, escolho e debulho ele e enlitro [...] tenteio pega as sementes mais pareias, [...] leva meio pareio a sementes, daí regulo a máquina um, dois, três [...] não interessa se a espiga é pequena ou grande (FG9. Ele).

Escolho a espiga mais bonita no galpão, quando vai trata pros bichos já vai separando, conforme o tamanho do grão pra não dá desparelho e a espiga mais bonita sempre, e já debulho e guardo nos litrão (FG8. Ele).

Fazia a seleção no galpão, conforme ia usando, ia separando. Agora com o silo, ficou mais dificultoso, quando vem com a carroça, antes de trilha tem que selecionar. E ainda a gente seleciona, mas quando vai descascar, tem mais uma seleção, porque daí eu seleciono o tamanho do grão. Porque tem um com grão miúdo, posso até planta com grão miúdo, mas separado e, graúdo. Sempre uma linhagem mais parecida, parelha, assim (FG8. Ele).

A nós botava num paiol bem fechado e quando nós íamos descasca o milho pra tratar os porcos e faço até hoje, eu ia tirando as espigas bonitas e botando pro lado e depois eu debulho bem e bota numa bolsa. Tirava o pé dele e a ponta, nós fizemos até hoje. Esse é o meu serviço (FG5. Ele).

A FG6 busca cuidar da pureza da variedade atentando para o formato do grão e a cor do sabugo, e diz que

Dois setor que eu cuido é o formato da semente e o sabugo. O Palha Roxa, o sabugo é vermelho; o Dente de Cão, o sabugo é branco. O dente de Cão puxa meio quadrado e comprido e na ponta tem tipo um espinhozinho por cima da ponta (FG6, Ele).



Figura 08 - Seleção de espigas de milho caiano para tratar animais e fazer a semente.

Fonte: Acervo da autora (2014).

A narrativa da FG8 Ela aponta para o sentido da comida, assim como traz a noção do trabalho, o que possibilita identificar como a adequação da variedade utilizada é ajustada a realidade familiar. Falando sobre o Asteca: *“é muito melhor pro milho verde, pra comer, pra cortar, é mais adocicado é bom pra debulhar na mão”* (FG8).

Portanto, a manutenção das sementes crioulas também tem a ver com as condições estruturais do sistema de produção que utilizavam. Nas manifestações identifica-se que o não uso das híbridas também estava associado a não existência de quebradora, de debulhadora ou de colhedora automotriz. Outro fato era do sistema de alimentação dos animais, a exemplo do uso do pendão, manifesta que o do híbrido era “pequeno”, “baixinho”, o que até os dias de hoje fazem. Portanto apesar de muita coisa ter mudado muita coisa não mudou. Porque estas sementes crioulas ainda continuam fazendo parte, adequadamente, de seus sistemas. Os

animais continuam sendo alimentados com o pendão do milho, o que garante uma reserva de energia aos animais.

No caso do milho, a família se envolve em um ritual que vai desde a escolha da área ou época do plantio, e segue um caminho ordenado e rigoroso, não rigoroso no sentido do ordenamento, mas de criterioso, visando à qualidade das sementes e êxito da lavoura. O êxito da lavoura é verificado observando se ficou bem plantado, ou seja, se a seleção dos grãos foi feita adequadamente, possibilitando um estande adequado da lavoura; e, com a produção final.

A tabela 08 se propõe trazer as etapas e métodos que ocorrem nas famílias guardiãs.

Tabela 08 - Esquema das etapas e método de seleção das sementes e plantas de milho, utilizadas pelas famílias guardiãs de Tenente Portela, RS. 2014.

Etapas de ação	Método	Objetivo
1. Escolha de espigas com a palha	- Escolha na roça; - Escolha no galpão; - Escolha no ato de tratar os animais; - Escolha na carroça.	- Espigas maiores; - Independe tamanho da espiga; - Bom empalhamento, espiga fechada de palha; - Sanidade.
2. Escolha de espigas sem a palha	- Escolha no galpão; - Escolha no ato de tratar os animais; - Remoção da palha - trabalho manual.	- Sanidade; - Fileiras de semente bem definidas; - Tamanho e cor do grão; - Padronizar características específicas da variedade.
3. Preparo da semente	- Remoção das sementes das extremidades da espiga – trabalho manual; - Debulha – trabalho manual; - Escolha – retirada de algum grão de não interesse.	- Padronizar o tamanho dos grãos de sementes; - Padronizar características específicas da variedade.
4. Armazenamento	- Sacos; - Litrão (garrafas pet)	- Estocagem e armazenamento das sementes.

Fonte: Pesquisa de Campo (2015).

As três primeiras etapas de ação, apresentadas no esquema, estão assim identificadas, mas não necessariamente ocorrem separadamente. Podendo a escolha de espigas empalhadas ocorrerem conjuntamente com a escolha de

espigas sem a palha. Ou, ao fazer a escolha de espigas sem a palha, também ocorre o preparo das sementes. Raramente as três etapas são realizadas no mesmo momento. Mantendo uma lógica própria de aproveitamento da força de trabalho, considerando o espaço e tempo.

A intenção final das práticas adotadas pelas famílias é de obter uma boa produção, de ficar satisfeito com seu trabalho, realizado. Uma produção ruim é desestimulante, como se o trabalho tivesse fracassado. Para Habermas (1989), “a ação estratégica é dirigida no sentido do êxito no mundo social” (HABERMAS, 1989, p. 279). Entende-se que existe uma orientação de êxito de suas ações, por exemplo, ter uma boa produção.

Essa ação de êxito é identificada quando relacionam os resultados da produção, “o milho é muito difícil de criar caruncho, porque a palha é fechada, ele é encapado mesmo” (FG9).

É interessante perceber que as famílias do município de Tenente Portela, pela lógica que imprimem a sua reprodução social, dificilmente conseguem apontar valores precisos quanto o volume de sementes plantadas e de quanto rende a produção de cada variedade. A FG9, ela diz que, “ano que corre bem, colhe mais”. Ele se refere que com relação à semeadura de feijão, “mas isso varia, às vezes um litro, dois litros. A gente nunca planta tudo também. Fazer um exemplo, às vezes uma máquina, dali um tempo planta outra pegadinha, às vezes meia caixinha”.

Quando perguntado para FG6, sobre a produtividade das variedades de milho, ele argumenta, sabiamente, considerando a influência de diferentes condições de solo, de que “nunca gosto de planta o mesmo, no mesmo lugar. Por isso não sei qual produz mais”. E Ela complementa, “se o tempo ajuda todas elas ajudam”.

Para a cultura do feijão não há distinção de grãos destinados para consumo e para a semente. Normalmente, para semente é separada e acondicionada em garrafas pet. Conforme FG9 com o feijão procede da seguinte forma, “colhe, bate a manguá, peneira e *enlitra* [acondiciona em litros]”.

5 FAMÍLIA GUARDIÃ E AGROBIODIVERSIDADE

“É da diversidade agrícola que tiramos o alimento de cada dia”. (FG1)

5.1 A família guardiã melhorando as sementes e enriquecendo a agrobiodiversidade

O manter espécies e variedades de sementes implicam no seu uso. As famílias atribuem diferentes motivos para a manutenção da agrobiodiversidade. Cada uma com suas justificativas, envolvidas em meios sócio-cultural, ambiental e econômico diferentes, representando modos de reprodução social distintos.

O ritual que se expressa no ato de “colher o fruto”, de “preparar as sementes” ou de “classificar as sementes”, é um mecanismo de melhoramento genético. Prática milenar, que tem possibilitado garantir a reprodução das agriculturas de base tradicional, que se manifesta no modo de fazer a agricultura.

Portanto, o melhorar sementes, está vinculado a sua existência. A família guardiã é em si, uma melhoradora de plantas. A prática é orientada pelo conhecimento de seus antepassados, orientanda pela tradição, que dá a identidade de ser das famílias.

A produção de consumo, práticas de mulheres, normalmente se caracteriza pela diversidade de produtos, o que ocorre tanto nas hortas menores mais próximas da casa, como também, em um lado da lavoura de produção (Figura 09).



Figura 09 - Colheita de pepino, em área próxima a lavoura.

Fonte: Acervo da autora (2014).

No caso do milho, o melhoramento mais ‘corriqueiro’ está vinculado as suas estratégias de garantir a cada safra plantas ou espigas, iguais a que selecionou. A prática da seleção traduz o que gostaria de colher. Antecipa o futuro, para garanti-lo. Antecipa a colheita futura, o lhe confere segurança em obter a produção. Por isso, um saber tácito.

O empalhamento da espiga de milho, abordado no tópico anterior, vai implicar em durabilidade, o que garante ter comida para animais e, em consequência para a família. Evita de perder para carunchos ou pássaros.

Melhorar implica em buscar dar uma condição ao produto, condição esta pensada e experimentada, recriada a cada safra, em constante readaptação ecológica.

Em respostas a desqualificação das sementes crioulas e do conhecimento tradicional, Vandana Shiva (2001) argumenta que

Entretanto, as variedades crioulas que os lavradores desenvolvem não são geneticamente caóticas. Elas consistem de material melhorado e

selecionado, incorporando a experiência, a inventividade e o trabalho árduo de lavradores, passados e presentes; os processos materiais evolutivos por que passam satisfazem necessidades ecológicas e sociais” (SHIVA, 2001, p. 76).

O fato de selecionarem as espigas mais bonitas, melhor empalhadas, as sementes melhores, de formato padronizado, cuidar a sanidade, imprimem as sementes uma herança de qualidade, em vistas a adaptação das necessidades de quem as qualificam e as selecionam.

A seleção de semente, descrita na seção anterior, é um ritual que ocorre todos os anos, para todas as safras, as sementes estão constantemente sendo renovadas, passando por períodos de climatização conforme decorre o ano, experimentando condição de solos diferenciados, pela rotação de culturas, nada de artificial.

Outra prática habitual das famílias guardiãs é a introdução de espécies ou variedades novas em seu sistema, como conta FG3 sobre o Dia da Troca.

Eu, por exemplo, não saí sem esta olhando para cima qual semente vou pega porque eu vou descobrindo novas sementes, novas coisas aí. Esse ano, no dia da troca, sempre se dá semente pra alguém, alguma coisa. Se ganha semente diferentes, também”. (FG3)

Uma justificativa para a introdução de materiais novos, que é comum de escutar é o de “ser curioso” e “gostar de coisa diferente”, boas qualidades para uma família pesquisadora. Campos (2007), estudando os agricultores que produzem sementes de milho crioula no município de Anchieta (SC), lhes conferem a denominação de agricultor/pesquisador e justifica que,

É preciso um novo olhar sobre a prática desses agricultores, observando e valorizando os conhecimentos passados na busca de preservação e melhoramento de sementes crioulas. Acredito ser importante identificar os procedimentos metodológicos utilizados por esse grupo de camponeses, para reconhecê-los como pesquisadores, detentores de conhecimentos que precisam ser considerados validados e aceitos, cientificamente, pela academia. (CAMPOS, 2007, p. 46)

Em Ibarama, variedades de milho, a exemplo do Cule, trazido do Peru e do Sertanejo, trazido de Aracaju, que impõe a adaptação das sementes. São experimentações, que possibilitam conhecer a variedade, e que, ao mesmo tempo, vai lhe impondo uma determinada condição. A FG3 está a 5 anos com a variedade crioula de milho que denominou, Sertanejo (Figura 10) e descreve a variedade:

Acho ele bom, um milho amarelo forte, e meio duro, bem resistente a seca mesmo, porque ele vem do nordeste. Tem uma produção homogênea, parelha, boa. É semelhante ao híbrido. Mas, tu vê na folha que não é, e dá uma espiga vermelha no meio” (FG3).

Assim que a nova variedade começa ser multiplicada, já é submetida à seleção. Não unicamente pelo fato de manter em permanente reprodução, mas também, pelo sistema que imprimem a elas sementes.

Para FG6, em Tenente Portela, que mantém o sistema de trocar as sementes com seu irmão, que mora em Santa Catarina. A mesma variedade - o caeano, as sementes vão e retornam a cada dois ou três anos. O sistema de renovar as sementes, como afirma, “fiquei com o mesmo sistema”, ao lembrar o que o pai fazia, e justifica a troca porque “a terra acostuma”.



Figura 10 - Demonstração da variabilidade do milho Sertanejo.

Fonte: Acervo da autora (2015).

Canci et al. (2010) ao considerar a lógica dos agricultores ‘melhoristas’, considera que estes são totalmente diferentes dos melhoristas convencionais. O autor justifica que os agricultores transformam as sementes ano após ano, recriando

o antigo e o tornando melhor, e de que sempre acreditam nas sementes, seja economicamente, seja emocionalmente. Já os melhoristas convencionais, a relação que se estabelece com as sementes é de ganho genético ou econômico, caso isso não ocorra, simplesmente a descarta.

Também se observa que as famílias guardiãs submetem as sementes a uma 'seleção intencional', conforme exemplificado na tabela 09. A prática é geralmente realizada pelo homem e acompanhada pela mulher.

Tabela 09 - Características observadas na seleção de diferentes variedades de milho em Ibarama, RS. 2014.

VARIETADE	CONDIÇÃO DESEJADA
Cinquentinha	Remoção de grãos arredondados e vidrados;
Pintado	Seleção de espigas pela cor dos grãos;
Ferro/Argentino	Cruzamento para deixar a espiga do ferro maior;
Mato Grosso/Mato Grosso	Cruzamento para deixar o sabugo mais firme;
Sertanejo	Seleção de espiga pela cor das sementes. Menos avermelhado;
Cabo Roxo	Seleção para deixar a variedade pura;
Caiano/Asteca	Cruzamento para melhorar a produtividade do Caiano.

Fonte: Pesquisa de Campo (2014).

As famílias vêm a gerações, ano após ano mantendo relação com algumas espécies de plantas. No caso do milho, as espigas e sementes passam várias vezes pelas mãos e olhos cuidadosos, de quem as cultivam e de quem faz o processo de seleção e muitas vezes por mais de uma pessoa.

A ação de selecionar as sementes, na maioria das vezes, é designada pelas famílias guardiãs como: classificar, preparar, fazer as sementes. E isso se realiza para seu uso. Portanto, por mais que possa vender as sementes, ele vende algo que tem garantia de qualidade na sua percepção.

As sementes devem garantir a comida, por isso tem que ser 'bem feita' e sua 'qualidade garantida'.

5.2 A comida e a manutenção das sementes crioulas - segurança alimentar

Segundo documento do MAPA (2008) sobre a “Informe Nacional da Situação dos Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e Agricultura, o Brasil possui 18% da diversidade vegetal do mundo, cerca de 40 - 50 mil espécies de plantas vasculares, mas que apesar dessa diversidade toda, a segurança alimentar é totalmente dependente da introdução de recursos genéticos originários de outros países. O mesmo informe não apresenta números quanto à erosão genética, e manifesta que a grande diversidade cultural brasileira dificulta quantificar e modelar o impacto das populações tradicionais na conservação dos recursos genéticos. E de que as variedades nativas do Brasil são poucas exploradas. E a maior parte das atividades econômicas é desenvolvida com espécies exóticas.

Tempass (2012) distingue duas funções do ato humano ao se alimentar: uma nutricional e outra simbólica, sendo a primeira atribuição dos animais e a segunda dos humanos. O mesmo autor, com auxílio de Da Matta (1987, p. 22), distingue o conceito de alimento e comida, sugerindo, o alimento como suporte nutricional e, a comida, como fornecedora de aspectos simbólicos. Ao considerar que os “animais se alimentam e os humanos comem”, sugere que “comemos símbolos”.

Ao propormos a intitulação deste sub-capítulo, ‘A comida e a manutenção das sementes crioulas’, buscamos considerar este aporte cultura que relaciona a comida com a semente crioula. Pois, todo o processo desenvolvido para a obtenção dos alimentos, seu processamento, consumo, até o descarte estão relacionados com a cultura (TEMPASS, 2012 *apud* GONÇALVES, 2002), assim também, como são as práticas que envolvem a manutenção das sementes crioulas, pelas famílias guardiãs.

A comida é entendida como um signo da identidade, que é ideologicamente concebida e escolhida, de modo a representar e afirmar identidades (RODRIGUES; MENASCHE, 2010).

As famílias justificam o manter as sementes crioulas, por diferentes motivos, mas marcadamente está a relação estabelecida com a comida e ao trabalho.

Quando perguntados sobre o que plantam para comer a respostas é “de tudo”, nas figuras 11 e 12, se observa particularidades no estocar cebola de cabeça.

Para FG2 “não precisa sair de casa pra comer”. Ou, para FG6 “o que produz na terra a gente produz”. Assim como, a afirmação de FG5, que a semente que precisasse teriam. As narrativas demonstram um jeito de fazer e de ser agricultor que tem sua alimentação garantida por sua produção. E sua produção está garantida, porque tem sementes e terra para colocá-las germinar.



Figura 11 - Cebola em molho, Ibarama

Fonte: Acervo da autora (2013)



Figura 12 - Cebola em réstia, Tenente Portela

Fonte: Acervo da autora (2014).

Assim, organizam seus sistemas de cultivo, tendo variedade de milho que utilizam para as semeaduras do cultivo do sedo e outras do plantio do tarde. O uso de diferentes variedades, no caso de milho precoce, possibilita plantar ‘no tarde’, como uma segunda safra na área. A FG1 indica as variedades, “o cinquentinha, o pururuca branco e o mato grosso que tem a cana fina e enxuga rápido, antes do inverno”. Assim também, a tabela 10, trás a identificação de algumas variedades de milhos e o uso atribuído pelas famílias guardiãs.

Cabe também considerar, que existem condições que impõem uma realidade, a infra-estrutura existente nas unidades de produção, quem faz o trabalho, a exemplo do milho fácil de debulhar.

As famílias atribuem características ao milho, como justificativas de sua preferência, a exemplo do: o grão menos pegado no sabugo facilita a debulha, principalmente quando é feita manualmente; grão mais macio evita a necessidade de usar quebrador para “tratar” a criação; espiga mais palhada evita o ataque de

pássaros e pode ficar mais tempo na lavoura ou o ataque de caruncho no armazenamento; grãos maiores rende mais na debulha, enchendo mais rápido o balde; alimento mais saudável; por ser gostoso, melhor para comer; a farinha é muito melhor; os animais gostam mais; a palha do cigarro não precisa comprar. Em contrapartida, a referência, trazida pelas famílias, ao negar as sementes híbridas de milho são: o sabugo grosso; híbrido a espiga fica com a ponta aberta; tem que comprar; não dá para usar a semente; o porco não gosta. A preferência das famílias expressa uma condição sociocultural e econômica, de organização do trabalho e de infra-estrutura, que se adequam as características genéticas das variedades.

Tabela10 - Produtos obtidos do milho com variedades específicas.

PRODUTO	VARIEDADE
Farinha	Bico de Ouro
	Lombo Baio
	Amarelão
	Mato Grosso
	Ferro
	Brancão
	Cinquentinha
Canjica	Pururu branco
	Ferro
Artesanato	Palha de sede
	Palha roxa
Palha para cigarro	Mato Grosso
	Dente de cão

Fonte: Pesquisa de Campo (2014).

As sementes crioulas se relacionam com as famílias guardiãs, mostrando a funcionalidade do espaço sócio-produtivo, onde características genéticas das sementes se adequaram as condições de infra-estrutura e trabalho que compõem o espaço de vivência da família combinada com seus valores, preferências, enraizadas tradicionalmente.

Nota-se que a comida tem grande importância na vida das famílias guardiãs, pois organiza trabalho, defini espécies e variedades de sementes que se perpetuam

por gerações. Fischler (1995) considera que as características alimentares são consideradas fortes e duráveis, por isso teriam resistência em desaparecer em caso de assimilação de nova sociedade, a exemplo de migrações. Ainda ao citar a Lucien Febvre (1938, apud FISCHLER, 1995) aponta que, os alimentos estão de tal forma enraizada a uma cultura que a faz resistir à globalização, mudanças sociais e inovações técnicas.

Considerando as famílias guardiãs e o uso atribuído, se propõe as sementes crioulas como um ‘vínculo forte’ que medeia às relações com a comida (ver Figura 13).

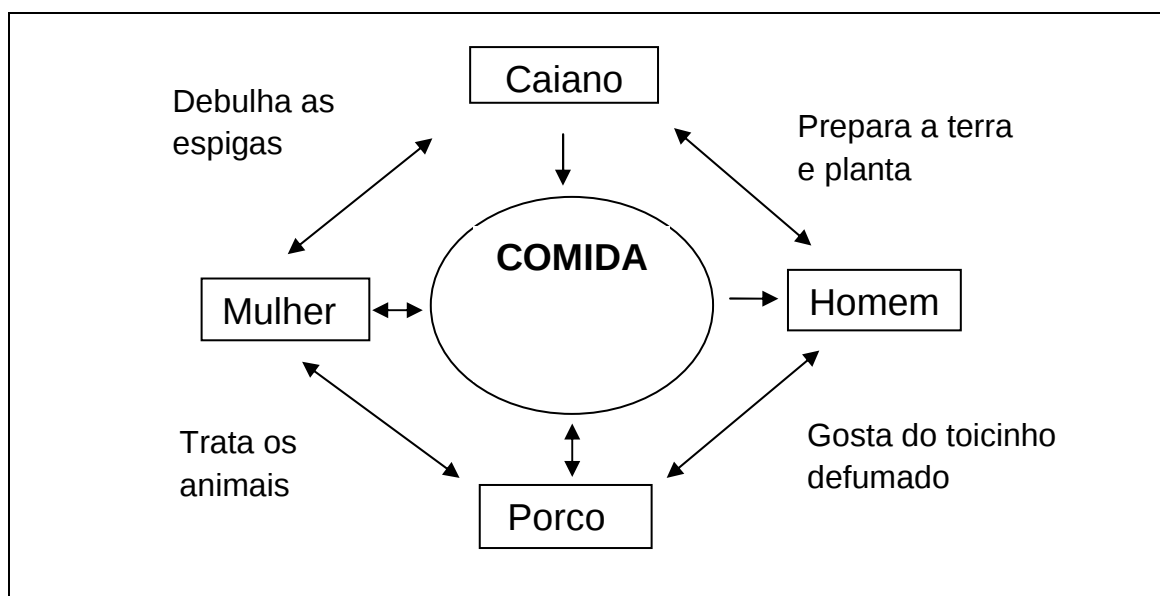


Figura 13 - Esquema do sistema milho Caiano x porco e atribuições no espaço casa (mulher) e roça (homem).

Fonte: Elaboração da autora (2015).

No caso da FG6, ao comentar que mesmo tendo um tempo plantado semente híbrida não parou de plantar o milho Caiano, justificando pelo amor-alimentação.

Mais por amor da semente, mas não pela importância que podia chegar. Uma parte me dedicava mais no Caiano, era pelo meu sistema de criar porco. Porque o híbrido, se não faz quítera não tem como criar leitão novo, o Caiano não, porque o porco come alimento só com espiga, o porco consegue comer. E a qualidade da bóia, porco criado no sistema antigo é mais saudável. Eu até hoje como toicinho da fumaça e graças a Deus, não tenho problema de colesterol” (Ele).

É interessante considerar como a família se organiza no uso do milho Caiano, a fim de obter o ‘toicinho da fumaça’. Por outro lado, Ela relata que, “é mais fácil de debulhar, num instantinho enche o balde” e também, de que, “o bicharedo fica tudo pra mim, eu lido com as vacas e ele na roça”. Nesse exemplo, o Caiano é um ‘vínculo forte’ para a obtenção do toucinho de fumaça

O esquema apresentado pode também representar os espaços de trabalho de mulheres e homens (HEREDIA, 1979), e sobretudo a complementaridade da relação e do espaço, para a obtenção da comida, de forma a garantir a reprodução da unidade doméstica.

5.2.1 Assegurando a segurança alimentar: um dos valores do trabalho das mulheres – em reconhecimento

Notadamente ao se falar em sementes crioulas, logo vem ao pensamento às sementes de milho e feijão, suas variedades e variabilidades genéticas, as diferentes cores e formatos dos grãos, principalmente. Normalmente se deixam em segundo plano as demais espécies, que no dia a dia são trazidas as mesas em forma de comida. Aí estão situadas as sementes de verduras e abóboras. Entre outras, além do material de propagação vegetativa.

Apesar de estar considerando as mulheres no decorrer do trabalho escrito, aqui procuro trazer as considerações de algumas autoras e as observações que identifiquei a campo.

Com esta constatação e, esse também foi um dos elementos que nos motivou a considerar em nosso estudo “família guardiã” e não agricultor(a) guardião(ã), nesse sentido é que percebemos que as variedades de milho e feijão, considerando áreas de produção maior e passíveis a comercialização, são reconhecidas ou designadas a atividade dos homens. Em contrapartida, as sementes de variedades utilizadas na alimentação e normalmente em áreas menores são atribuições das mulheres. Assim como a importância de seu trabalho no processo de garantir a comida na mesa da família, passando pela elaboração, produção, e também a seleção e manutenção das sementes, o que completa e garante o sistema alimentar e de manutenção da perpetuação das mesmas em posse da família guardiã.

O conceito de segurança alimentar pelo CONSEA (2004) remete a diversificação de alimentos ou da produção de alimentos.

Segurança alimentar e nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeite a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentável.

Ainda, cabe mencionar os três pontos considerados como principais que norteiam a segurança alimentar segundo Maluf e Menezes (2004 *apud* ZANETTI; MENASCHE, 2007, p. 135):

[...] a qualidade nutricional dos alimentos e a ausência de componentes químicos que possam lesar a saúde humana; os hábitos e a cultura alimentar específicos de cada comunidade, de cada grupo social; a sustentabilidade do sistema alimentar, ou seja, a contínua produção e presença de alimentos.

As mulheres fazem um caminho inverso com as sementes da cozinha para lavoura. Ou seja, da lavoura vem o produto e da cozinha sai à semente. Culturas como as cucurbitáceas, a exemplo das abóboras, morangas, mogangos, pepinos, abobrinhas, etc., que ao serem preparadas na cozinha, como comida, as sementes são retiradas, acondicionadas para secagem e posteriormente guardadas.

Podemos identificar o papel fundamental das mulheres na manutenção das sementes crioulas. Considerando as sementes de “petiscaria”, a cozinha como o local de elaboração de comida, também se torna o local de seleção de sementes, primeiro dos frutos, depois das sementes. Isso quando se trata de abóboras, mogango, moranga, melão, melancia, tomate, pepino. Na horta o momento da capina, da sementeira ou outra atividade também é o momento de coletar as sementes, a exemplo da alface, ervilhas entre outras. Normalmente em volumes pequenos, estas sementes passam despercebidas aos olhos dos homens. E também, estocadas no galpão como o alho e cebola de família até o plantio (Figura 14).

A seleção das sementes de hortaliças apresenta particularidades, pelo volume das sementes manipuladas e pelo tamanho reduzido da área, o que leva a não depender de muito tempo de trabalho para realizar esta atividade. Estas ocorrem periodicamente no decorrer do ano, conforme a época de cada variedade, acontecendo conjuntamente com outras atividades do dia a dia. Esta função, se

atribui ao trabalho feminino, que está relacionado com o espaço da casa e do sistema de consumo.



Figura 14 - Preparo de semente de alho e cebola de família

Fonte: Acervo da autora (2014).

Em seus estudos, Zanetti e Menasche (2007, p. 140), afirmam que “a valorização e fortalecimento da produção de alimentos voltada ao autoconsumo [...] e o reconhecimento das mulheres agricultoras “andam juntos”, sendo o que garante a segurança alimentar das famílias. Nesse sentido, também salientam que a “não-valorização” do trabalho da mulher, o “não-reconhecimento”, pode resultar na redução da produção do autoconsumo e assim ameaçar a segurança alimentar das famílias. Em complemento, também podemos sugerir uma redução de variedades de espécies crioulas, mantidas através da prática da produção para a alimentação da

família, ao fato da não-valorização e do não-reconhecimento de quem assume este trabalho.

Outra observação de Zanetti e Menasche (2007) foi de que nas casas de mulheres de mais idade a diversificação de produtos utilizados para o autoconsumo era maior em comparação com aquelas mais jovens. O que pode indicar tanto uma mudança de hábito alimentar como de trabalho na atividade de produção de alimentos. Segundo as autoras, as agricultoras entrevistadas, lamentam que variedades e espécies crioulas tenham se perdido, mas acabam comprando as sementes, alegando praticidade e qualidade.

A FG5, Ele diz quem cuida das sementes da horta: “Sim, a finada mãe guardava tudo. Era delas. Tem umas que fazem até hoje. Às vezes têm uns sacos caídos ali pelo galpão. Tudo erguido com sementes. Bom, a semente que precisarem, aqui em casa tem”.

Para a FG4 é importante manter os costumes dos antigos e até hoje utilizam da ‘carne de lata’, que é a carne de porco frita, mantida no meio da banha. Prática que realizam quando carneiam porco. Outro beneficiamento de produto, que a família realiza, é a produção de açúcar mascavo que anualmente ocorre, normalmente no mês de junho.

Também, a FG1 utiliza a batata crem como tempero: ralam e colocam em conserva com vinagre e sal. Utilizam como tempero para carne, arroz ou mesmo colocar sobre a comida. Outro uso atribuído a batata crem é como anti-gripal, consumido com mel.

Em outro estudo, as declarações das entrevistadas confirmam a mudança de matriz de consumo, Wagner; Marques e Menasche (2007) trazem a constatação das agricultoras e agricultores entrevistados, das mudanças ocorridas na alimentação, considerando que na atualidade há o consumo de muitos alimentos industrializados, que não faziam parte de sua dieta alimentar.

Em nosso estudo, mesmo tendo identificado o consumo de produtos industrializados, o sentimento que marcante é de resgate. Resgatar variedades, comidas, receitas antigas, valorizando o que podem manter para a produção de alimento e para venda.

Nesse sentido, as mulheres de Tenente Portela, se referiram sobre a necessidade de ter mais tempo nas reuniões/oficinas para a troca de receitas.

Comentam ter muita coisa boa, como o café de batata de doce e da cocada de mandioca, para ser partilhadas.

Há diversidade das sementes crioulas mostram a beleza na produção rural a exemplo das diferentes cores, formatos das variedades de milho que se encontra. A beleza das mesas postas com alimentos diversos e saborosos, comida boa, feita na hora, algumas de receitas antigas, que reproduzem aromas, hábitos, valores e também técnicas de elaboração de um saber fazer. Tanto nas feiras de Ibarama como de Tenente Portela promovidas pelas Associações, diferentes receitas antigas se transformam em alimentos e são compartilhadas em especial entre mulheres, onde são encontradas as broas e pão de milho, as diferentes cucas, o café de batata-doce, o tempero de batata crem, entre outras.

Nesse sentido além do comer o partilhar. A partilha da comida na casa das famílias guardiãs – o sentar a mesa. Partilhar a história de vida, remete a sermos participantes uns das vidas dos outros.

Considerando, a satisfação das necessidades alimentares, Poulain (2004, p.19) apresenta que os alimentos “são produtos naturais culturalmente construídos e valorizados, transformados e consumidos respeitando um protocolo de uso fortemente socializado”, assim também são com as sementes de parte desses produtos alimentares. Considera que a alimentação “tem uma função estruturante da organização social de um grupo humano”, de todo o processo, desde a produção, distribuição, preparação e consumo. E de que a satisfação alimentar, não pode ser reduzida a “lógicas utilitárias ou tecnológicas estritas”. Interessante considerar que ao preparar os alimentos para o consumo, as mulheres também preparam as sementes para o futuro plantio. E muitas vezes, já faz a reflexão crítica da produção daquele produto, de como produziu, como havia plantado, o lugar, assim como projeta a futura produção. Racionalidade de quem planta, colhe e prepara comida que alimenta a sua família, produto final de diferentes etapas de seu trabalho.

O guardar a semente está intimamente relacionado com o ter a comida. Portanto, ser família guardiã, no caso do estudo específico é ter uma determinada autonomia na produção comida. O assunto de comida, que normalmente é trocado entre mulheres, também leva a troca das sementes dessas comidas. A segurança de ter a alimentação leva também a reflexão da seleção de sementes.

Com a manifestação da FG5, pode-se fazer a reflexão da qualidade da semente, da reciprocidade, do vínculo da comida com as sementes e da função das

mulheres, “mesmo a abobrinha ser pequena, mas se a semente é bonita, eu guardo. Porque se eu tenho, eu dô para uma vizinha que não tem”, uma reflexão que vai além da necessidade alimentar da família.

A lógica considerada acima distancia por completo e vai ao sentido contrário e crescente da situação atual em que se vive, onde, todo o alimento vira mercadoria e as famílias perdem sua segurança alimentar. Na figura 15 um pouco da produção de comida.



Figura 15 - Colheita de melão e batata-doce.

Fonte: Acervo da autora (2014).

As mulheres como mantenedoras e multiplicadoras da agrobiodiversidade, conforme apresentado nas tabelas 03 e 04 no terceiro capítulo, mostram a importante contribuição de suas práticas na manutenção da maior parte das espécies de plantas cultivadas, diretamente relacionadas a comida, repassadas em gerações matrilineares. Elas têm garantido com a manutenção das sementes, uma parte importante da alimentação que não pode ser desconsiderada. Se junta a isso o fato do fazer a comida, que acaba por fechar um ciclo caracterizando um sistema alimentar autogestionário. Uma característica que imprime autonomia para a

reprodução da unidade familiar. Onde a sementes é um elo fundamental pela sua característica autopoiética, capaz de autoproduzir-se, e capaz de unir a comida ao consumo. Por isso a semente pode ser considerada um vínculo forte entre a comida e o consumo, esquematizado na figura 16.

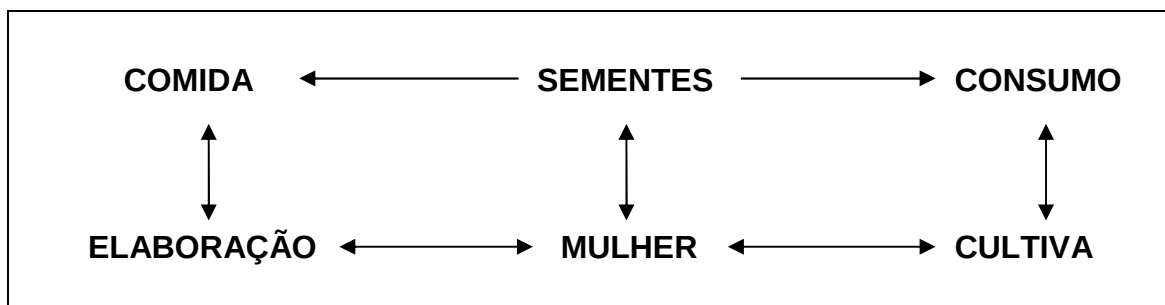


Figura 16 - Representação de Sistema Alimentar Autogestionário do Espaço da Casa.

Fonte: Elaboração da autora (2015).

Ou seja, a ação das mulheres, é revolucionária frente o império dos alimentos conforme apresenta Ploeg (2008).

5.3 Caminhos construídos com as sementes crioulas

5.3.1 Reciprocidade

A base da teoria da reciprocidade é estudada por Sabourin (2011), uma leitura através da reciprocidade, que se funda a partir de olhares nas áreas da antropologia e sociologia. Em especial pelos trabalhos de Mauss, Lévi-Strauss e Polanyi e Simmel, considerados por Sabourin, como os pioneiros do tema.

A ideia da reciprocidade na antropologia e etnologia tem como origem os trabalhos de Marcel Mauss (1923), analisando comunidades indígenas. O autor evidencia em seu livro *Ensaio sobre a dádiva*, apresentando a obrigação de *dar*, *receber* e *retribuir*, como alicerces das relações sociais. Em seus estudos do

plotache, designada as prestações mútuas de alimento e prestação de serviço. Porém, não extrai de seus estudos, o princípio da reciprocidade. Na mesma época de Mauss, pela sociologia, Georges Simmel, analisa as relações de reciprocidade como essencial a coesão social, nas sociedades contemporâneas.

Outro autor, que contribui com os elementos da teoria da reciprocidade foi Karl Polanyi, historiador da economia, que identifica a reciprocidade como categoria econômica específica e diferente da troca.

A partir da reflexão e com bases em estudos etnográficos, Lévi-Strauss propôs “um princípio de reciprocidade governando o conjunto das relações e estruturas de parentesco” (SABOURIN, 2011 p. 21).

Tendo como base teórica os autores supracitados, a teoria da reciprocidade foi aprofundada e reelaborada, principalmente nas últimas duas décadas e ilustrados por vários trabalhos, nas áreas da antropologia, sociologia, economia, filosofia, e educação.

Com essa base teórica e os estudos atuais, Sabourin apresenta quatro elementos à teoria da reciprocidade, apresentados sistematicamente:

Primeiro: envolve definição do conceito: “o princípio de reciprocidade não se limita a uma relação de dádiva/contra dádiva entre pares ou grupos sociais simétricos”. (SABOURIN, 2011, p. 22). Ou seja, a troca simétrica pode se reduzir a uma permuta de objetos. Assim, Temple e Chabal (1995), propuseram recorrer à lógica ternária, fazendo aparecer um Terceiro incluído na relação de reciprocidade, o qual permite dar conta da intersubjetividade. Apontando para um princípio econômico oposto ao da troca.

Segundo: participa do caráter universal: “reciprocidade pode recobrir várias formas” (SABOURIN, 2011, p. 23). Aqui está sendo concebida a forma de reciprocidade positiva e negativa. A positiva como as reciprocidades das dádivas. A negativa se vincula a dialética do prestígio, motiva o crescimento da dádiva no sentido de “mais eu dou, mais eu sou”, submetendo o outro mediante ao prestígio. Nesse sentido, existem formas intermediárias entre a positiva e a negativa.

Terceira: as relações de reciprocidade podem ser analisadas em termos de estrutura: relações estruturadas sob as formas simétricas geram valores afetivos e éticos; numa estrutura bilateral simétrica gera amizade; dentro de um grupo gera justiça; assim como outras estruturas podem gerar outros sentimentos. O autor

manifesta que este aspecto é o mais difícil de avaliar porque envolve produção de valores materiais e sentimentos e valores humanos.

Quarto: diferentes níveis, ou planos, de princípios de reciprocidade e aos modos que lhes são específicos: sendo, o real, o simbólico (linguagem) e o imaginário (representações).

Os quatro elementos propostos acima ampliam, sobremaneira, a diversidade de relações de reciprocidade, e, apontam para entender que as relações de reciprocidades, são tantas quanto são os envolvimento e os envolvidos nas relações, devido às especificidades tanto de construções históricas de cada família, quanto as relações sociais que estabelecem. É grande a complexidade de relações de reciprocidade, dando conta de estruturar o social.

Seu FG6 quando lembra da época que trabalhava junto com seu vizinho, manifesta saudades, assim como o outro também diz ter saudade, manifestação característica de uma 'relação de reciprocidade que deixam um sentimento de saudades'.

Para a antropologia, segundo Sabourin (2011, p. 24), o princípio da reciprocidade corresponde "a um ato reflexivo entre sujeitos, a uma relação intersubjetiva e não somente a uma simples permuta de bens e de objetos

O sentimento de reciprocidade fazem com que as relações sociais estabelecidas perdurem, Sabourin (2011), Mauss(1974).

Reciprocidade é sinônimo de solidariedade: dependência mútua, fato de ser solidário ou de mutualidade. A mutualidade corresponde a sistemas de solidariedade social baseada na ajuda mutua recíproca dos membros que cotizam (SABOURIN, 2011, p. 21).

Na leitura da antropologia, apontado por Sabourin (2011), apresenta a diferença do princípio da reciprocidade e o princípio da troca.

A teoria da reciprocidade opõe dialeticamente um princípio de reciprocidade ao princípio de troca. A reciprocidade como relação humana reversível entre sujeitos privilegia o ato sobre o objeto e o interesse privado. A troca visa principalmente a permuta de bens e serviços para a acumulação (geralmente individual) do lucro, mediante uma lógica de concorrência entre os interesses privados. (SABOURIN, 2011 p. 24)

As trocas de experiência realizadas nos cursos de capacitação de artesanato e de culinária, onde apreendem e socializam receitas antigas. Bem como, resgatam

o conhecimento revalorizando na atualidade uma prática que já não estava na esfera coletiva.

Também as feiras, tem sido um espaço privilegiado de multiplicação de conhecimentos e sementes, com uma característica especial e de amplitude geográfica, que posteriormente esses conhecimentos se materializam na produção, ao plantar as sementes.

Para Emperaire (2008) relações sociais são estabelecidas por intermédio das plantas. Podemos fazer esta mesma atribuição às sementes, enquanto mediadoras de relações sociais, a partir das práticas ao serem doadas, trocadas ou mesmo vendidas entre vizinhanças, parentes e inclusive agricultores que até então não se conheciam, aproximando comunidades. Segundo relato dos guardiões as sementes circulam por intermédio de suas organizações, instituições de extensão rural, de ensino e de pesquisa, mas com especial intensidade, nos diferentes espaços das feiras de sementes crioulas de abrangência municipal, regional, estadual e nacional que ocorrem em diferentes estados de nosso país.

Nesse sentido, sementes e seus diferentes usos, manejos e suas histórias, circulam entre famílias agricultoras e de forma solidária se reproduzem e, com isso amplia o raio de adaptação de genótipos diversos que se espalham sem controle, ou seja, com o controle de quem os produzem, as famílias agricultoras e de seus distintos ambientes. E de forma imperceptível, como se invisivelmente, garantindo a ampliação de determinados níveis de segurança alimentar as comunidades rurais.

Em suas conclusões Emperaire (2008) afirma que as diversidades agrícolas não podem ser entendidas e reduzidas a um conjunto de variedades, mas que alcançam outros significados de caráter social e cultural. Possivelmente por isso, elementos da agrobiodiversidade, a exemplo das sementes, tem se mantido por gerações, em ambientes conformados por cultura, expressa na organização social e nos costumes das comunidades em seus distintos meios naturais, resultando em uma infinidade de variedades de sementes e sua variabilidade.

Um dos motivos das trocas e socialização de sementes, realizadas por alguns agricultores, é pela crença, esta repassada por seus pais, de que as sementes se fortalecem e de que não definham.

Percebe-se que o ato de doar ou trocar sementes é uma prática cristalizada nas famílias guardiãs.

Para FG5 expressa o que significa seu sentimento de reciprocidade, um agir que dá segurança, “segurança de ter quando não tem” é uma ação que prevê futuro, é estruturante do social. Que, considerando Bourdieu (2011) constitui o habitus da família guardiã. Não que se apresente puro, mas mesclado com relações capitalistas.

Nesse sentido manifesta-se a importância do estudo de relações de reciprocidade nas abordagens de agriculturas tradicionais.

E, também na sociologia, que segundo Sabourin (2011), desde sua fundação acordou a reciprocidade “como o fundamento das relações de sociais por autores como Simmel e Mauss, ou ainda como, uma norma social universal (Becker, 1956; Gouldner, 1960; Becker, 1986)” (SABOURIN, 2011, p. 21).

Sabourin (2011) afirma que, na antropologia, essas relações sociais as sementes crioulas têm como um dos pré-requisitos de sua existência as trocas e doações, que se caracteriza como uma ação pré-capitalista. Nos tempos atuais, as feiras de sementes crioulas acontecem nas diferentes partes do mundo, as pessoas são estimuladas a trocar conhecimento e sementes e diferentes variedades são distribuídas para distintos locais.

Seu Pedro quando nos contou sobre os mutirões afirma que “não é troca é ajuda”, considerando que não estão pagando um serviço anteriormente prestado, mas está ajudando.

Para Sabourin (2009 apud WANDERLEY 2009), as trocas mercantis e as relações locais de reciprocidade são relações complexas que garantem uma autonomia relativa para as famílias.

O autor, ainda identifica que, as trocas são comuns entre as comunidades de agricultoras. Em seu estudo identifica que a reciprocidade faz parte do já determinado sistema de produção desenvolvido pelas famílias, são “relações enraizadas e estabelecidas culturalmente”. São construções históricas que possibilitam a manutenção de características próprias específicas de cada cultura, onde as sementes são preservadas e pratos típicos de alimentos são valorizados, os aromas e sabores das comidas, ultrapassam as gerações.

Tem uns que não gostam de dá semente pra ninguém, se não tem dinheiro não leva semente, eu já se ele quer plantar e não tem dinheiro dá pra dá, a maioria gosta de dá (FG3)

A produção de feijão é para a família, para o consumo e para dar para os filhos e outras pessoas. Não coloco veneno no feijão, se sabe que come bem. (FG2)

As trocas mantêm a historicidade da estrutura social do passado, garantindo uma auto-apropriação de história coletiva. Por sua vez a estrutura social cria a pertença do indivíduo no social. O indivíduo funda o social, onde se referencia. O que possibilita sair do individualismo aniquilante característica da sociedade moderna.

O princípio da reciprocidade governa grande parte da vida das comunidades rurais por ele estudada. E que a lógica do sistema de reciprocidade além de considerar o valor de uso, considera também a própria criação do ser, da sociabilidade, ampliando as relações sociais (SABOURIN, 2004). O autor distingue três tipos de relação de reciprocidade: formas de ajuda mútua na produção, manejo compartilhado de recursos coletivos e as formas de repartição e uso da produção.

No município de Tenente Portela a relação de reciprocidade estabelecida pela a FG6 é identificada com facilidade ao relatarem que, voltou a plantar fumo no último ano em parceria com um vizinho, que engordam porco em *súcia* e trabalham em 3-4 famílias se ajudando no serviço, e como ressalta ele, “não é troca de serviço, é ajuda”. Observa-se que na narrativa anterior estão relacionadas produção de renda, produção de consumo e trabalho, envolvendo diferentes esferas da vida socioproductiva.

Para Thompson (1998, p.18), “as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes” e de que “os ofícios não tem um aprendizado formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade”. Portanto, a prática se dá mediante relações sociais estabelecidas.

As relações de reciprocidade possibilitam as famílias guardiãs transmitirem seu saber fazer assim também as sementes, ao mesmo tempo em que reciclam seus conhecimentos, em uma relação de coletividade social.

5.3.2 Redes Sociotécnicas

Sabourin (2009), citando trabalhos realizados nos EUA por Rogers e Kincaid (1981) e na França por Darré (1986), referencia a correlação entre relações sociais e circulação de conhecimentos técnicos, entre agricultores e destes com agentes externos. Assim como diferencia, redes de diálogo técnico de redes de prestação de trabalho/ajuda mútua, manifestando que “estas redes, constituídas por relações sócio-culturais, afetivas e profissionais, foram chamadas de redes sociotécnicas” (CALLON, 1991 apud. SABOURIN, 2009, p. 207).

A identificação da rede sociotécnica, tem como objetivo identificar os sistemas de conhecimento e de inovação local, no que tange as mudanças ocorridas nos últimos anos, fundamentalmente no que se refere às sementes. O recorte temporal adotado é a trajetória de vivência das famílias, sentido que os atores sociais foram sendo mapeados a partir das narrativas da vida das famílias, além da observação participante tanto do vivenciado no local, como nos espaços fora do espaço doméstico, como nos espaços de feiras e seminários.

Cabe considerar que as redes sociais que se estabelecem na localidade estão alicerçadas em relações de reciprocidade. No caso de Tenente Portela, dois exemplos foram emblemáticos. O primeiro é das festas de comunidades, que segundo eles *todo mundo* da comunidade participa com alguma coisa. A FG8, no dia que permaneci em sua casa, a esposa fazia dez cucas que tinha *ofertado* para a festa (Figura 17). Na FG5, no dia seguinte de minha estadia, estariam se direcionando ao salão de festa, para a limpeza e organização do espaço.



Figura 17 - Família guardiã na produção de cucas para serem ofertadas à festa da comunidade

Fonte: Acervo da autora (2014).

“Que eu nunca esperava pode prosear de taco com palestrante de Brasília ou de Proto Alegre, que várias vezes aconteceu na associação” FG6 Ele.



Figura 18 - Reunião de avaliação do projeto com Embrapa e Secretaria municipal da AGABIO.

Fonte: Acervo da autora (2012).

Com relação aos esquemas temporais das trajetórias vivenciadas pelas famílias, supracitado, apesar de considerar que se fazem necessários aprofundamentos na compreensão de estudo, se arrisca afirmar que: se identifica no transcorrer das trajetórias das famílias guardiãs que conjuntamente com as sementes crioulas vêm sendo mantidas práticas, tecnologias, sistemas de cultivos que possibilitam esta manutenção até os dias atuais, mesmo com a incorporação de outros elementos. E que, o processo de organização das famílias em associação, reestrutura uma condição para que as sementes crioulas que vinha sendo desconsiderada, principalmente no contexto social, mudam em importância, identificadas pelo resgate e revalorização de espécies e variedades crioulas e do resgate ligados a comida e artesanato, conforme podem ser identificados nos quadros 01 e 02. O que sinaliza para um aumento no grau de importância das famílias guardiãs de sementes crioulas.

Quadro 01 - Esquema temporal da trajetória, atores e inovações ocorridas em Ibarama, RS, antes e após a Associação dos Guardiões. 2014.

	ATÉ 1965	DE 1965 - 1986	1986 - 1998	1998 AOS DIAS ATUAIS
Semente	- Crioulas - Muitas variedades - Sistema de troca e reciprocidade	- Crioulas e milho híbrida Pioneer - Redução de variedades crioulas, por substituição de híbridas; - sistema de reciprocidade, - troca mercantil e financiamento. - Desprestígio das crioulas; - 1975 experimento com Pioneer	- Crioulas, híbrido, - Resgate de variedades crioulas; - sistema de reciprocidade - troca mercantil e financiamento. - Desprestígio das crioulas e revalorização.	- Crioulas e híbridas - Regate de variedades crioulas - sistema de reciprocidade - troca mercantil e financiamento. - venda de crioulas. - Desprestígio das crioulas e revalorização.
Fertilidade	Orgânica de esterco e restos culturais; cinza proveniente das queimadas de roças novas;	Orgânica de esterco e restos culturais; cinza proveniente das queimadas de roças novas; salitre, calcário, NPK, ureia, Fósforo natural.	Orgânica de esterco e restos culturais; cinza proveniente das queimadas; adubação verde, salitre, calcário, NPK, ureia, Fósforo natural.	Orgânica de esterco e restos culturais; adubação verde; calcário, NPK, ureia, Fósforo natural.
Sistema de cultivo	Derrubada mato; queimada; roçada; lavrada. Tração animal.	Derrubada mato; roçada; queimada; lavrada. Tração animal; tração moto-mecânica; secantes.	Roçada; queimada; lavrada. Tração animal; tração moto-mecânica; secantes.	Tração animal; tração moto-mecânica, secantes.
Alimentação	Produção e beneficiamento familiar.	Redução da produção e beneficiamento familiar e compra.	Redução da produção e beneficiamento familiar e compra.	Resgate da produção e beneficiamento familiar e compra; resgate de receitas e artesanatos.
Tecnologia	Arado de boi, plantadeira manual, enxada Moinho, transporte cavalo	Arado de boi, plantadeira manual, enxada Moinho, transporte cavalo	Arado de boi, plantadeira manual, trator, transporte cavalo	Arado de boi, plantadeira manual, silo secador, trator. 2003 artesanatos
Agrotóxicos	Não utilizavam	1980 Secante; ...	Secante; inseticida	Secante; inseticida
Trabalho/terra	agregado, morando com pais.	Meeiros, Terra própria, morando com pais.	Terra própria,	Terra própria
Atores	Famílias agricultoras; patrões; comerciantes; Igreja; FAG (1961).	Famílias agricultoras; comerciantes; Cooperativa; Sindicato; Igreja; FAG; AFUBRA; CAPA.	Famílias agricultoras; cooperativas; Bancos; sindicato; associação; comerciantes; Emater; AFUBRA; CAPA.	Famílias Guardiães; Cooperativas; Bancos; Sindicato; associação; comerciantes; Emater; Secretaria da agricultura; AFUBRA; EMBRAPA; CAPA. UFSM

Fonte: Elaboração da autora (2015).

Quadro 02 - Esquema temporal da trajetória, atores e inovações ocorridas em Tenente Portela, RS, antes e após a Associação dos Guardiões. 2014.

	ATÉ 1964	DE 1965 - 1990	1990 - 2011	2011 AOS DIAS ATUAIS
Semente	- Crioulas - Muitas variedades - sistema de reciprocidade	- Crioulas e milho híbrida - Redução de variedades crioulas; - sistema de reciprocidade, - troca mercantil e financiamento. - Desprestígio das crioulas.	- Crioulas, híbrido, cruzamento de milho híbrido com crioulo e transgênico; - Redução de variedades crioulas; - sistema de reciprocidade - troca mercantil e financiamento. - Desprestígio das crioulas.	- Crioulas e híbridas - Regate de variedades crioulas - sistema de reciprocidade - troca mercantil e financiamento. - venda de crioulas. - Desprestígio das crioulas e revalorização.
Fertilidade	Orgânica de esterco e restos culturais; cinza proveniente das queimadas de roças novas;	Orgânica de esterco e restos culturais; cinza proveniente das queimadas de roças novas; adubação verde, salitre, calcário, NPK, uréia.	Orgânica de esterco e restos culturais; cinza proveniente das queimadas; adubação verde, salitre, calcário, NPK, uréia, Fosfato natural.	Orgânica de esterco e restos culturais; adubação verde; calcário, NPK, uréia, Fosfato natural.
Sistema de cultivo	Roça nova: derrubada mato e queimada; roçada e queimada; lavrada. Tração animal.	Derrubada mato; roçada; queimada; lavrada. Tração animal; tração moto-mecânica; secantes.	Roçada; queimada; lavrada. Tração animal; tração moto-mecânica; secantes.	Tração animal; tração moto-mecânica, secantes.
Alimentação	Produção, beneficiamento familiar e reciprocidade.	Redução da produção e beneficiamento familiar e compra.	Redução da produção e beneficiamento familiar e compra.	Resgate da produção e beneficiamento familiar e compra; resgate de receitas e artesanatos.
Tecnologia	Arado de boi, plantadeira manual, enxada moinho, transporte cavalo	Arado de boi, plantadeira manual, enxada Moinho, transporte cavalo	Arado de boi, plantadeira manual, trator, transporte cavalo	Arado de boi, plantadeira manual, silo secador, trator.
Agrotóxicos	Não utilizavam	1980 Secante; ...	Secante; inseticida	Secante; inseticida
Trabalho/terra	Meeiros, agregado, morando c/ pais.	Meeiros, terra própria, morando com pais.	terra própria, morando com pais.	terra própria, morando com pais.
Atores	Indígenas; Famílias agriculturas; igreja, patrões; comerciantes.	Indígenas; Famílias agricultoras; igreja; patrões; comerciantes; cooperativas; Bancos; sindicato; associação; Emater; Embrapa	Indígenas; Famílias agricultoras; igreja; comerciantes; cooperativas; Bancos; sindicato; associação; comerciantes; Emater; Embrapa.	Indígenas; Famílias Guardiãs; cooperativas; Bancos; sindicato; associação; comerciantes; Emater; Secretaria da agricultura; Embrapa; Feiras; Universidades;

Fonte: Elaboração autora (2015).

5.3.3 Sementes crioulas por uma agricultura de base ecológica

A agricultura de base ecológica ou agroecologia são aqui utilizadas como sinônimos. E trazem para a reflexão, uma leitura crítica da agricultura convencional, assim como de sua base científica, ao mesmo tempo em que, mira o olhar à diversidade de sistemas produtivos que são desenvolvidos nos espaços rurais e das relações socioambientais e culturais que as possibilitam. Uma perspectiva que descentraliza o poder do conhecimento. Onde a diversidade de conhecimentos, seja considerado um 'valor', a qual vem possibilitado às comunidades rurais viverem nos distintos ambientes de seus agroecossistemas, muitos deles com restrições.

Já é sabida a relação que se estabelece entre a agrobiodiversidade e os conhecimentos associados a ela. E nesse ponto está centrada a possibilidade das sementes crioulas, que tem se mantido por um jeito de fazer agricultura com base na tradição. O olhar para família guardiã enquanto uma categoria de análise, possibilita dar fundamento a propostas de produção, que não se limita a técnica do produzir ou do elaborar comida. A ação concreta é concebida por valores, conhecimentos, organização de trabalho, relações de gênero, relações de parentesco, de reciprocidade, relação ecológica, relações comerciais, entre outras. É o mundo que circunda a família ou, num outro olhar, que ela faz circundar.

As sementes se fazem crioulas, porque nelas estão embutidos conhecimentos acumulados, apropriativos de coletividades, e que se manifestam nas diferentes ordens: produtivo, simbólicos, ecológico, cultural. Meios por onde circulam no espaço e tempo.

Assim também suas estratégias de organização, como alternativas ao mercado globalizado, que regulam trabalho e consumo.

A relação estabelecida pelas famílias com o ambiente natural considerando o clima, a terra, as sementes em si, a lua....., relacionando-as de acordo a sua compreensão. Compreensão esta com uma carga de tradição, como se percebe da relação estabelecida das famílias guardiãs com as sementes. A FG8 semeia as

sementes de amendoim na lua minguante, assim como, a FG6, não prepara a semente de milho na lua nova.

Desde as últimas décadas do século passado o pensamento sobre a necessidade de outro paradigma científico vem sendo construído, e com isso outro modelo para o desenvolvimento da agricultura vem sendo considerado. A agroecologia é abordada como a alternativa de maior relevância na atualidade.

A agroecologia aponta para a construção de metodologias para a produção de conhecimentos, onde os conhecimentos dos agricultores sejam valorizados em dinâmicas locais de inovação, reconhecidas em espaços de saberes científicos institucionalizados (PLOEG, 1994).

Na perspectiva de Guzmán (2005) a agroecologia deve ser trabalhada tendo como princípio a integração socioecológica. Nesse sentido as ações partem do grupo social, fortalecendo sua identidade, as soluções não viriam de fora, mas identificadas a partir da própria lógica de organização social existente, do saber-fazer, que conformam seu contexto endógeno. Portanto, a base da produção agroecológica é o grupo social com o qual se trabalha e não a partir de técnicas consideradas de baixo impacto, trazidas de fora daquele ambiente.

Nessa perspectiva de modelo para a agricultura, as sementes crioulas mudam em importância e passam a fazer parte, enquanto estratégia de produção e organização, em processos de desenvolvimento. Corroboram nessa perspectiva, as ideias de Ploeg (1994), ao considerar que a agricultura tem que ser pensada como uma construção social, cuja organização prática depende dos atores envolvidos. As comunidades rurais são promotoras da biodiversidade, portanto não é apenas a diversidade genética de plantas cultivadas, de espécies e de ecossistemas, mas são ações de domesticação e de manutenção, são relações sociais que garantem e promovem da diversidade local. A semente pode ser considerada também como um 'ator' nesse processo, indispensável, tanto no sentido de autonomia para as comunidades, como de resistência a industrialização da agricultura. Fato que vem marcadamente ocorrendo desde a Revolução Verde.

Notadamente, as sementes crioulas são mantidas no âmbito de uma agricultura tradicional a qual tem mantido em seus sistemas produtivos seu uso. Considerando que estas podem ser adquiridas, ainda na atualidade, através de relações de troca e reciprocidade, não necessitando de relações capitalistas para a

sua obtenção. Ou seja, dentro de uma perspectiva de paradigma de modelo agroecológico cumpre um papel fundamental em vistas a soberania.

Nesse sentido são buscadas alternativas no fazer e pensar ciência, segundo Leff (2010), torna-se fundamental a desconstrução dos conceitos fechados que até os dias de hoje legitimam a hegemonia do racionalismo funcional.

Nessa perspectiva, se faz necessário um olhar de novo foco, com outras abordagens e de novos valores, que de conta de considerar as realidades vivenciadas por comunidades em seus distintos modos de fazer a agricultura e de se relacionar no rural, pessoas e ambiente natural. Entendendo a dinâmica do lócus, e o que envolve a relação produção-consumo.

Leff (2010) propõe a demanda de um pensamento holístico, capaz de perceber as inter-relações entre os diversos processos que determinam a problemática ambiental e, considera que este pensamento não pode ter método próprio, devendo primar por rupturas de compartimentos incomunicáveis, buscando a integração com base na perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar. Olhar que possibilite dar dimensão de complexidade que contextualizam o meio rural e em especial a grande camada da população do meio rural, que são famílias agricultoras possuidoras de pequenas parcelas de terra, ou mesmo, como resolver o problema histórica da estrutura fundiária que permite ter famílias sem terra.

A manutenção das sementes crioulas vem apontando um jeito diferente de fazer agricultura, um modo de vida, mundo de famílias agricultoras que não estão isoladas em seu viver. Cabe aos centros de pesquisas e universidades, conceber esses processos, que foram negados pela ótica da agricultura convencional. Considerando trabalhos de pesquisas que não sejam direcionadas pelo viés produtivista/economicista, no sentido restrito da palavra, mas que conceba as dinâmicas e seus fundamentos naquelas e para aquelas realidades.

Considerando junto com Ploeg (2008) que a industrialização em movimento contínuo e crescente é desintegradora dos sistemas agrícolas, afastando-os dos ecossistemas locais. Este nega qualquer relação endógena estabelecida, substituindo os conhecimentos de um saber fazer de propriedade coletiva. Nesta lógica, também se entende que as sementes perdem a integridade. Fato que está se tornando corriqueiro pela contaminação genética e pela apropriação indevida desses bens públicos.

Ela é por si só ‘ekos e logos’, se constitui, em cada ambiente socioprodutivo onde é mantida em reprodução. Transformada em comida, e em relações de reciprocidade e mercantis.

Como já identificado neste trabalho, a semente crioula como sendo um ‘elo forte’ entre o consumo e a comida, portanto, simplificando a questão, quem as tem pode comer. O que leva afasta o processo de urbanização do rural, pautada pelo consumo industrial.

Ploeg (2008), aponta as consequências da industrialização sobre a natureza, as relações sociais e culturais ao considerar que,

Nesse sentido, a industrialização implica uma superimposição de fatores de crescimento artificial sobre a natureza levando a uma marginalização e, consequentemente, a uma provável eliminação completa da mesma. [...] a industrialização implica a destruição do capital ecológico, social e cultural” (Ploeg, 2008: p. 28).

Pelo identificado junto às famílias guardiãs há sustentação de uma resistência a possibilidade do uso das sementes convencionais. Assim como a afirmativa da FG3, de que “a gente não se vê sem elas”. Ou, como aborda a FG8 ao considerar o milho crioulo, Ele manifesta que “é tão importante quanto a água, eu não tenho como toca a propriedade, não tem como vive. O milho é essencial”. E Ela finaliza afirmando que se “falta milho, falta tudo”.

Outra narrativa interessante, para este assunto da mesma família é de que “o cuidado é comum nos guardiões, não virou guardião de uma hora pra outra”. O que elucida que este jeito de fazer agricultura, esse modo de vida existe e vem sendo mantido, cabendo ser considerada e reconhecida. Além da comida, o ter sementes crioulas também possibilita desenvolver outras habilidades, da mesma forma que supre outras necessidades a exemplo de artesanatos como o chapéu (Figura 19).



Figura 19 - Família guardiã e a produção de artesanato com palha de trigo e de milho, Tenente Portela.

Fonte: Acervo da autora (2014).

Agroecologia enquanto ciência promulga outra relação entre pessoas, e destas com o ambiente. Porque não tem como manter a natureza, sem trabalhar a partir da vida, possibilitar a resiliência dos ambientes naturais, de forma a impulsionar um processo de re-fertilidade natural do solo, através de práticas que cessem a degradação da natureza.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SEMENTES CRIOULAS ALÉM DA PRODUÇÃO PROPRIAMENTE DITA

As famílias se tornam guardiãs na modernidade, que se manifesta em oposição ao processo de modernização da agricultura, a qual se apropria do rural e do que nele contém, impondo a intensificação do consumo de produtos industrializados, em substituição de uma autoprodução e do autoconhecimento.

A prática trans-geracional (que atravessa gerações), do guardianismo de sementes crioulas revela um valor-identidade de consistência auto-histórica, específica a cada constituição familiar.

Utilizar ‘família guardiã’ como categoria de análise implica em reconhecer a complexidade dos sistemas produtivos, que respeita uma dinâmica própria de cada família, que se deixa levar, mediada por influências de sua tradição. Apesar do convívio social, de participar da mesma associação, há particularidades próprias de cada núcleo familiar. Cada uma conforma e é conformada pelo seu mundo. Portanto as possibilidades de análise são tão amplas, quanto for o interesse da abordagem de pesquisa. São ambientes vivos dinâmicos em constância relações endógenas e exógenas. Portanto o modo de vida é específico de cada família guardiã.

Manter as sementes crioulas determina certa autonomia, o que representa uma crescente noção de resistência, devido principalmente a oportunidade de produzir comida. A categoria família guardiã se encaixa justamente neste ponto, a de identificar autonomia e resistência. No presente estudo outro fato importante que os leva entrar em cena é sua organização. De onde foi possível buscar o reconhecimento, resgatar a valorização, sair da invisibilidade e ocupar um espaço que territorializa e demarca a existência de um ‘fazer agricultura’, oriundo de sua trajetória de vida, que nega as sementes da agricultura convencional, como a

‘semente de melhor qualidade’. Ou seja, uma vida de produção que lhes confere entre outras coisas, a felicidade e relação de aproximação com o ambiente natural, no cultivar a terra. Que não separa o cultural e a técnica, a cultura e o ambiente, o que faz toda a diferença no pensar o desenvolver o espaço rural, na perspectiva da agroecologia.

Às famílias guardiãs pode-se apontar para uma diversidade de estratégias utilizadas para se manterem no espaço rural, onde a produção de comida é de suma importância nessa perspectiva. O estudo deixou perceber que o uso das sementes para a alimentação não é unicamente conservar a semente, no sentido do plantar, colher, selecionar e armazenar, mas que adotam estratégias em acordo as suas condições ambientais, de trabalho, de infra-estruturas disponíveis em casa. O exemplo da FG3, que mantém milho verde e a farinha de milho, sendo utilizado para comida e/ou venda, por mais tempo devido realizar escalonamento de semeadura, até o ponto de não deixar a geada comprometer a produção. E, para o restante do ano, garante o consumo de milho verde, pelo beneficiamento e congelamento. A estrutura que tem em casa possibilita o estoque.

Quando se considera que as sementes possibilitam ter comida, a primeira impressão é de plantar para comer, e de que, quando colhe, come deixando sem perceber, que a comida permanece em ‘estoque’, não se apresenta mais nos campos de cultivo, o que amplia a autonomia da família. Portanto, o estoque de comida não está somente em prateleira ou depósitos de mercados, ele está ‘dentro’ de casa. É o abastecimento, que está assegurado pela e para a família e seus pares. Conferindo-lhes segurança alimentar. Assim, também, outro espaço de conservação do milho, já em estado de grão seco, é na própria espiga ‘bem palhada’, a campo, aguardando o seu momento de ser colhido, e ficar estocado no galpão e/ou se transformar em farinha.

A estratégia de ampliar o consumo/venda a exemplo do milho verde, através do escalonamento da semeadura, também indica uma relação estabelecida com o ambiente, de manejo de solo, de aproveitamento de espaços, de combinação de cultivos. Existe uma relação que indica possibilidades, frente as condições ambientais que existem e especialmente de como se relacionar com a restrição de área disponível para o plantio.

Em Tenente Portela, as famílias experimentam o uso do silo secador, estrutura que conquistaram através da associação, para guardar o milho debulhado.

O uso dessa tecnologia alterou o momento e a dinâmica de selecionar as espigas, que serviram de padrão/referência para a futura safra, de onde farão a semente. A FG8 comenta que agora não é mais possível escolher no galpão as espigas, onde o milho antes era estocado. Agora, tem que escolher na carroça, antes de ser trilhado e acondicionado no silo secador. As práticas vão sendo readequadas, e as sementes continuam sendo mantidas.

As diferentes maneiras de escolher/selecionar as sementes crioulas tem possibilitado a manifestação permanente de um potencial genético diverso das sementes crioulas, o que tem conferido manter a variabilidade. Diferentemente, as sementes híbridas ou transgênicas que passam por um controle rígido no sentido de manter uma homogeneidade em seu sistema de seleção, em vistas a produtividade. Esta situação faz com que as sementes tenham outra expressão, seja pela resposta aos distintos ambientes, as condições climáticas, a resistência a insetos e doenças, seja na distinção de genótipos que se apresentam na variabilidade das sementes, ou seja, na relação estabelecida com as pessoas, no ato do cultivo, da seleção/manutenção, da elaboração da comida e mesmo o sentimento de pertencimento que se estabelece.

A agrobiodiversidade mantida pelas famílias guardiãs pode ser identificada conforme foram sendo apresentados os tópicos do trabalho. O que chama a atenção é da descendência patrilinear e matrilinear das sementes mantidas vindas das gerações passadas o que dá continuidade a identidade. Sinalizando que para a geração futura, ainda a identidade será a mesma. Nesse sentido, a identidade da semente respeita o espaço, compreendido de homem e de mulher, conforme identificado por Heredia (1976), onde as sementes de milho, ligada a lavoura maior é atribuída ao masculino, às demais sementes, ligadas ao consumo e a casa como atributo feminino.

A proposta de caracterizar as famílias guardiãs de sementes crioulas se apresentou como um 'entender'. Ou reafirmar a diversidade como um 'modo de vida', onde cada família a partir de suas histórias, seu local de morada – espaço físico; ambiente natural; relações sociais e econômicas, 'tem suas verdade' – que são também, 'seus ritos' – que seguem desenvolvendo (realizando), ordenando a vida, lhes conferindo 'especialidades'. A tradição tem uma influência determinante nas relações estabelecidas com as sementes crioulas definindo particularidades e especificidades de cada família guardiã de sementes crioulas.

As famílias guardiãs vêm sendo reconhecidas, especialmente após o processo de suas organizações, na Associação dos Guardiões de Sementes Crioulas de Ibarama e na Associação dos Guardiões da Agrobiodiversidade de Tenente Portela. O ponto fundamental como primeiro momento é o próprio reconhecimento público de sua condição de guardiã, quando se propõe a fazer parte da associação. Outro momento importante é nos espaços de feiras, que realizam como promotores, ou quando são convidados a participar. Além desses cabe considerar os projetos que tem acessados via associação a exemplo do silo secador em Tenente Portela ou do moinho em ambos os municípios. A trajetória de mais de quinze anos de organização em Ibarama já lhes conferiu premiações pela prática da conservação da agrobiodiversidade. Mas talvez seu grande prêmio seja a organização dos guardiões mirins, que vem se fortalecendo nos últimos anos através das escolas, o que devemos este ensinamento a Ibarama.

As sementes passam ocupar outro status nos espaços de consumo e de produção da unidade familiar. Especializam-se e se aprimoram: - se reinventam socialmente. O produzir sementes é um trabalho. As famílias guardiãs cumprem com um verdadeiro serviço para a humanidade. Que não tem preço que pague, o manter sementes em livre trocas, semente que produzem comida e podem alimentar o mundo. E que não deixam conhecimentos acumulados se perderem na geração presente, porque ainda permanecem e se propõem em organização.

Mas não enquanto um serviço ambiental, pois este não protege as sementes de contaminação e de expropriação. Assim como também, não impedem a perda de conhecimentos humanos, de manejos de cultivos, de mitos, de comidas, de remédios utilizados, entre outros. Porém, é importante considerar que estas unidades se mantêm pela complementaridade estabelecida devido relações interdependentes.

Na diversidade das famílias guardiãs acompanhadas nesse percurso de aproximadamente quatro anos e meio, os ensinamentos foram muitos. Escolho a narrativa da FG6, para tentar concluir o que me parece inconcluso.

Na FG6, ele nos conta que curou uma vaca de picada de cobra utilizando a 'cobrina' em infusão com cachaça; que se curou de quebra-dura de costela; que tomou para reanimá-lo de sintomas de envenenamento. E Ela, também diz que, "é bom pro estômago". E nos contam que:

Se é verdade eu não sei. Diz que essa cobra foi descoberta, por causa que um homem, foi pegado de uma cobra. Daí foi indo, perdeu a visão. Daí se escorou, - tava desesperado de mal - , numa madeira. E daí levou a mão para trás, arrancou umas folhas, e começou a mascar folha e sarou. Se é verdade eu não sei. (Ele)

Ela complementa: “Só podia ser, né? Se não, como é que iam saber que tem efeito?”

Se é verdade ou não? ..., o fato é que a cobra com cachaça resolveu seus problemas.

Podemos considerar a narrativa da FG6 um mito, que do ponto de vista da família, justifica a crença na eficiência do uso da cobra em infusão com cachaça para diferentes fins, o que legitima a família a manter o uso permanente da mesma. Assim, o fato de trocar as sementes de milho com o irmão, para que a ‘semente não definhe’, para que a ‘terra não acostume’, o que levaria a redução da produção. Estratégia que experimenta em seu sistema de produção (assim como também faz o seu irmão), conhecida desde a prática de seus pais e que acredita serem necessárias para garantir a colheita e manter uma ‘semente boa’.

A Cobra: *Peschiera australis* (Muell. Arg.) Miers, uma Apocinacea da América do Sul, conhecida popularmente como cobra, jasmim, leiteira-dois-irmãos, casca de cobra ou “palo de víbora”.

As espécies do gênero são utilizadas para o tratamento de feridas, herpes, tumores e ainda, como hemostática, hipotensora e cardiotônica (RATES et al, 1988).

REFERÊNCIAS

- ALTVATER, Elmar. Existe um marxismo ecológico? In: BORON, Atílio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (orgs.). **A teoria marxista hoje**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- ANDRIOLI, Antônio Inácio; FUCHS, Richard. **Transgênicos: as sementes do mal** – a silenciosa contaminação de solos e alimentos. 1 ed. São Paulo. Expressão Popular, 2008. 280p.
- ARAÚJO, José Cordeiro de. **A lei de proteção de cultivares: análise de sua formulação e conteúdo**. Brasília, Câmara de Deputados. Edição Câmara. 2010.
- ARBUGERI, Darci Antonio. **Família Arbugeri: genealogia**. Caxias do Sul, RS. 2010. 136 p.
- BASSANI, Paulo. **Frente Agrária Gaúcha e sindicalismo de trabalhadores rurais**. Londrina: EDUEL, 2009. 166 p.
- BARCELOS, José Renato de Oliveira. **A tutela jurídica das sementes**: a proteção da diversidade e da integridade do patrimônio genético e cultural brasileiro à luz do princípio da proibição de retrocesso ambiental. Porto Alegre: Verbo jurídico, 2011. 176p.
- BEVILAQUA, Gilberto Antônio. Peripolli. et al. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, DF., v. 31, n. 1, p. 99-118, jan/abr. 2014.
- BOUR DIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo.** Sociedade e cultura, v.10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 11-27.

CAMPOS, Antônio Valmor de. **Milho crioulo:** sementes de vida pesquisa melhoramento e propriedade intelectual. Frederico Westphalen: Ed. da Uri, 2007. 270p.

CANSI A., ALVES A. C.; GUADAGNIN C. A. **Kit diversidade:**estratégias para a segurança alimentar e valorização das sementes locais. São Miguel do Oeste: Gráfica McLee, 2010. 208p.

CASSOL, Kelly Perlin. **Construindo a autonomia.** O caso da associação dos guardiões das sementes crioulas de Ibarama/RS. 2013. 111f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociência, Universidade de Santa Maria, Santa Maria.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional.** Revista antropologia. São Paulo, USP. V. 55 nº 1, p. 439-464, 2012.

CIDADE-BRASIL. **Município de Ibarama.** 2015. Disponível em:<<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-ibarama.html>>. Acesso em: 20 de set. 2015.

CONSEA. II Conferência nacional de segurança alimentar e nutricional. **Relatório Final.** Olinda, março de 2004.

CUNHA, Flavia Londres da. **Sementes da paixão e as políticas de distribuição de sementes na Paraíba.** 2013. 184 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Florestas, Rio de Janeiro.

DAMASCENO, Maria Nobre. **A construção do saber social pelo camponês na sua prática produtiva e política.** In: DAMASCENO, Maria Nobre & THERRIEN, Jacques (coord.). Educação e escola no campo. Campinas, Papirus, 1993.

DAMATTA, Roberto. **Sobre o simbolismo da comida no Brasil.** O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, ano 15, n.7, p.22-23, 1987.

DARRÉ, Jean Pierre. La production de connaissances dans les groupes locaux des agriculteurs, **Agriscopes**, 7: p 24-35, 1986.

DEL PRIORE, Mary.; VANÂNCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil**. Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, p. 223, 2006.

DIEGUES, Antonio Carlos e ARRUDA, Reinaldo S.V. **Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil** / organizado por Antonio Carlos Diegues e Reinaldo, S.V. Arruda – Brasília: Ministério de Meio Ambiente; São Paulo: USP. 2001.

EMPERAIRE, Laure. O manejo da agrobiodiversidade: o exemplo da mandioca na Amazônia. In: BENSUSAN, N. (org.). **Seria melhor ladrilhar? Biodiversidade: como, para que e por quê**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2008.

_____. Dossiê de registro: o sistema agrícola tradicional do Rio Negro. Brasília, 2010, p 222.

FAO. **Global food losses and food waste** – extent, causes and prevention. Roma. 2011. Disponível em: <www.fao.org/fileadmin/user_upload/ags/publications/GFL_web.pdf>. Acessado em 10 de outubro de 2014.

DOMINGUEZ, Carlos E. et al. **Sistema informal de sementes**: causas, consequências e alternativas. Pelotas; Editora Universitária/UFPel, 2000. 207p.

FERNANDES, Marcionila. Desenvolvimento sustentável – antinomias de um conceito. **Raízes**, Campina Grande, vol. 21. Nº 02, p. 246-260. 2002.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade** - e outros escritos. 5^o ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1981.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro**: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama, 1995.

GARCIA, Afranio Raul Jr & HEREDIA, Beatriz Alasia. Campesinato, família e diversidade de explorações agrícolas no Brasil. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de et al. (org.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. v.2. São Paulo: Editora UNESP. 2009. p. 213-243.

GARLET, Ivori J. Mobilidade Mbyá: história e significação. Dissertação (Mestrado). PUCRGs. 1997. 246 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. 213 p.

GERMAN-CASTELLI, Pierina. **Diversidade biocultural: direito de propriedade industrial versus direitos dos recursos tradicionais**. Rio de Janeiro. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004. 223p.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (Org.). **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997. p.73-133.

_____. **Modernidade e identidade**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Proposição teórico-metodológico de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira**. 2008. 347f. Tese (Doutor em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

GOMES, João Carlos Costa. As bases epistemológicas da agroecologia. In: CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira. **Princípios e perspectivas na agroecologia**. Instituto Federal, Paraná. Educação a distância. 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro. 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HEREDIA. B. M. A. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

HEREDIA. Beatriz Maria Alasia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 254p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> > Acesso em 12 de fevereiro de 2013.

LACEY, Hugh. **As sementes e o conhecimento que elas incorporam**. São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 3, São Paulo. 2000.

LARAIA, Roque de Barros Cultura: um conceito antropológico. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LAVORATTI Cleide. **Racionalidade urbana industrial: a única possível**. Emancipação, 2(1): 75-103, 2002.

LEFF Enrique. **Discursos sustentáveis**. São Paulo. Cortez. 2010.

_____. **Ecologia , capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LONDRES, Flávia; ALMEIDA, Paula. **Impacto do controle corporativo no setor de sementes sobre agricultores familiares e sistemas alternativos de distribuição: estudo de caso do Brasil**. AS-PTA. 2009.

MACHADO, Carmen Janaina Batista **“Aqui até o arado é diferente”**: transformações no fazer agricultura e em hábitos alimentares entre famílias assentadas – um estudo realizado no assentamento União, Rio Grande do Sul. 2014. 153f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MACHADO, Altair; SANTILLI, Juliana; MAGALHÃES, Rogério. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico**: implicações conceituais e jurídicas. Brasília, DF: Embrapa informação tecnológica, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: Abril, 1984.

MAPA. **Informe nacional sobre a situação dos recursos fitogenéticos para a alimentação e a agricultura do Brasil**. Org.: Arthur da Silva Mariante; Maria José Amstalden Sampaio; Maria Cléria Valadares Inglis. Brasília – DF, 2008.

MARRE, J. História de vida e método biográfico. **Cadernos de sociologia**. Porto Alegre. v. 3, n. 3, p. 89-141. 1991.

MAYOZER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas do mundo – do neolítico à crise contemporânea**. Instituto Piaget. Lisboa. Editions du Seuil, 1997/1998.

MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Diagnostico Territorial: Caracterização do Território Centro-Serra do estado do Rio Grande do Sul**. 2009. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio148.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2015.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco (1995). A árvore do conhecimento. Campinas (SP): Editorial Psy.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da trocenas sociedades arcaicas. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, (1950) 2003, p. 183-294.

MORENO, Camila Max vista a Monsanto: para pensar a questão agrária no século XXI. 2005. 124 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais. Rio de Janeiro.

NODARI, Rubens Onofre; GUERRA, Miguel Pedro. Avaliação de riscos ambientais de plantas transgênicas. **Caderno de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.18, n.1, p. 81-116, jan./abr. 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: O Trabalho do Antropólogo. São Paulo: Ed. Unesp. 1996, p.17-35.

PANDOLFO, Marcos Cesar. et. al. Guardiões da agrobiodiversidade: estratégias e desafios locais para o uso e conservação de sementes crioulas. *Agriculturas*, v.11 – abril de 2014.

PELWING, Andréia Becker; FRANK, Lúcia Brandão; BARROS, Ingrid I. Bergman. **Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul**. RER, vol. 46, n 02. P. 391 – 420. Piracicaba, SP. 2008.

PETERSEN, Paulo. Prefácio. In: GOMES, João Carlos Costa; ASSIS, William Santos de. Agroecologia: princípios e reflexões conceituais. Brasília, DF: Embrapa, 2013. 245p.

PETERSEN, Paulo (org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro. AS-PTA, 2009.

PLOEG, Jan Douwe van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa (17-32). In PETERSEN, Paulo. **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

_____. **Camponeses e Impérios Alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Série Estudos Rurais, Porto Alegre: UFRGS, 2008. 372 p.

PMTP. Prefeitura Municipal de Tenente Portela. **Dados do município**. 2015. Disponível em: <http://www.tenenteportela.rs.gov.br/paginas/dados_do_municipio>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

QUEROL, Daniel. **Nossos recursos genéticos, nosso tesouro esquecido**: abordagem técnica e sócio econômica. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1993. 206p.

RATES, Stela Maris Kuze; CAUDURO, Alexandre D.; SALAZAR, Vera; MORENO, Paulo Roberto Hrihorowitsch; HENRIQUE, Amelia Teresinha. ; Alcalóides Indólicos em *Peschiera australis* (Muell.Arg) Miers. Var. *australis*.; Caderno de Farmácia; v.4; p.51-62; 1988.

RIBEIRO, Silvia. A guerra das corporativas x 20, 2014. Disponível em: <<http://www.grain.org/article/entries/4938-guerra-corporativa-x-20>>. Acesso em 21 de dezembro de 2014.

_____. Um imperativo para a sobrevivência de todos. **Brasil de Fato**. Entrevista publicada em 30/06/2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus. 1994

RODRIGUES, Carolina Vergara; MENASCHE, Renata. Vatapá com Quibebe: negritude e comida no Brasil meridional. In: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém. **Anais...** Belém: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2010.

SABOURIN, Eric. **Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas**. In: Tomo: São Cristóvão, nº VII, 2004, p.75-103.

SANTILLI, Juliana. **Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade: elementos para a construção de um regime jurídico si generis de proteção**. 2005.

_____. **Agrobiodiversidade e direito dos agricultores**. São Paulo: Petrópolis, 2009.

SANTOS, Boaventura Souza. A pequena agricultora e as ciências sociais. **Revista crítica de ciências sociais**. N. 7/8. Dezembro, 1981.

SANTOS, Jaqueline Sgarbi. **Dilemas e desafios na valorização de produtos alimentares tradicionais no Brasil**: um estudo a partir do queijo do serro, em Minas Gerais, e do queijo serrano, no Rio Grande do Sul. 2014. 260f. Teses (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas.

SANTOS, Rafael José dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010.

SHIVA, Vandana. **“Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento”**; tradução de Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima. **Complexo industrial do fumo e território**: a formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo – RS. 2007. 578p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SPANEVELLO, Rosane. Marisa. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 236f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STRECK, Edegar Valdir et al. **Solos do Rio Grande do Sul**. 2 ed. Porto Alegre: Emater/RS-Ascar, 2008, 222p.

TEMPASS, Martín César. **A doce cosmologia Mbyá-Guarani**: uma etnografia de saberes e sabores.1.ed. – Curitiba: Appris, 2012.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

TOLEDO, Victor Manuel. Metabolismos rurales: hacia una teoría económica y ecológica de la apropiación de la naturaleza. **Rev. Iberoam.Econ. Ecol.** 7: 2008 p 1-26.

TOLEDO, Victor Manuel. et. al. Uso múltiple y biodiversidad entre los Mayas Yucatecos (México). **Interciencia**, may 2008, vol. 33, n 5.

THOMPSON, Edward. Palmer. **Costume em comum** – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UFMS/SEMA-RS. Universidade Federal de Santa Maria/ Secretaria Estadual do Meio Ambiente-RS. **Inventário Florestal Contínuo: vegetação do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/ifcrs/vegetacao.htm>>. Acesso em: 20 de set. 2015.

VIELMO, Giovane Ronaldo Rigo. Resgate de semente de milho crioulo em Ibarama (RS). **Extensão rural e desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, v.1, n.1, 2004.

WAGNER, Saionara Araujo; MARQUES, Flávia Charão; MENASCHE, Renata. Agricultura familiar à mesa. In: MENASCHE, Renata (coord.). **A agricultura familiar a mesa – saberes e práticas da alimentação no Vale Taquari**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & amp: Naify. 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth.Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos. (org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 2 ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.21-55.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifler. **Herdeiros, parentes e comprades: colonos do Sul e sitiante do Nordeste**. São Paulo: Hucitec, 1995. 336p.

_____. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de et al. (org.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. v.2. São Paulo: Editora UNESP. 2009. p. 119-219.

WOORTMANN, Klass. "Com parente não se neguceia": o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, n.87, p.11-73, 1990.

ZANETTI, Cândida. e MENASCHE, Renata. **Segurança alimentar, substantivo feminino**: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: MENASCHE, Renata (coord.). A agricultura familiar a mesa – saberes e práticas da alimentação no Vale Taquari. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A		
	Universidade Federal de Pelotas Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar	

ROTEIRO DE QUESTÕES

Nomes da família:

Município:

- 1-** Como era a agricultura na época de seus pais, como faziam as roças? Que semente utilizavam?
- 2-** Mudou muito o jeito de produzir? O que mudou?
- 3-** Como foi que conheceram as sementes híbridas, adubos químicos minerais, venenos, etc.?
- 4-** Quais as sementes que vocês têm? De onde vieram? Há quanto tempo mantêm as sementes?
- 5-** Como fazem para selecionar a sementes? Com quem aprenderam?
- 6-** Por que mantêm as sementes? Qual a importância das sementes?
- 7-** Como se deu a organização da Associação? Que importância ela tem?
- 8-** Como avaliam o futuro para as sementes crioulas?